

RENATA LOPES DE SIQUEIRA

A EXPERIÊNCIA DO ENVELHECIMENTO NO MEIO RURAL

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de “Magister Scientiae”.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2001

RENATA LOPES DE SIQUEIRA

A EXPERIÊNCIA DO ENVELHECIMENTO NO MEIO RURAL

Tese apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de “Magister Scientiae”.

APROVADA: 26 de julho de 2001.

Francis Paulina Lopes da Silva

Maria de Fátima Lopes

Rita de Cássia Lanes Ribeiro
(Conselheira)

France Maria Gontijo Coelho
(Conselheira)

Maria Izabel Vieira Botelho
(Orientadora)

A meus filhos e ao meu esposo.

AGRADECIMENTO

A Deus.

Ao meu filho Pedro, pelo seu amor e carinho. Apesar de ter sido privado de minha companhia, apoiou e compreendeu a importância desse projeto para mim.

Ao profissional Clodiney, pela determinação, sensibilidade e seriedade, com que se dedicou ao material audiovisual. E ao companheiro, pela amizade, apoio, e paciência. Meu amor é hoje a expressão de muitos anos de convívio, cujos incidentes da vida cotidiana, não conseguem desgastar.

Ao seu Nêgo, Dona Lirinha, Dona Maria dos Milagres, Seu Zé Tatão, Dona Fia, Seu Luiz Felipe, Dona Tereza, Dona Margarida, Seu Niquinho, Dona Jacira, Dona Mariinha, Dona Filomena, Dona Quita, Dona Belizena, Seu Zezinho, Dona Luzia, Seu Carlito, especialmente seu Juquinha e Dona Dica que me abrigaram com extrema dedicação em seu lar. Agradeço a todos pela paciência, confiança e bondade.

A minha sempre amiga Kit, cujas palavras de incentivo, as críticas construtivas e as sugestões teóricas, foram essenciais para que este projeto se concretizasse.

Aos meus pais, Marta e Roque, e aos meus irmãos.

A Dona Lígia, que mais uma vez contribuiu de forma inestimável na minha formação profissional. Sua generosidade é excepcional.

À CAPES, pelo apoio financeiro para realização deste trabalho

À professora e orientadora, Maria Izabel Vieira Botelho, pelos conhecimentos transmitidos, pelas críticas construtivas, pela dedicação e pela amizade.

Aos membros da banca examinadora, professoras France Maria Gontijo, Maria de Fátima Lopes, Rita de Cássia Lanes Ribeiro e Francis Paulina Lopes da Silva, pelas oportunas sugestões antes e durante a defesa desta dissertação.

Aos professores do Programa de Mestrado em Extensão Rural.

Aos colegas de curso Guiducci, Claudinha, Luciana, César, Tatiana, André e Cláudia Maia, pelo convívio amistoso e construtivo.

A José Nunes da Silva, excelente companheiro de trabalho e amigo das horas difíceis e de descontração.

A Cordélia Inês, pelas oportunas opiniões na fase final deste trabalho. Fico feliz ao me dar conta que a nossa amizade se consolida a cada novo dia.

Aos funcionários do Departamento de Economia Rural da Universidade Federal de Viçosa: Graça, Tedinha, Rosângela, Luiza, Rita, Carminha, Ruço, Maria, Expedito, Cida, Antônio e Brilhante, pela atenção e pela presteza, tornando o ambiente acadêmico agradável.

BIOGRAFIA

RENATA LOPES DE SIQUEIRA, nasceu em 26 de dezembro de 1967, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Filha de Antônio Roque de Siqueira e Maria Marta Lopes de Siqueira.

Na graduação do curso Nutrição e Saúde oferecido pela Universidade Federal de Viçosa, foi monitora da disciplina Administração em Saúde Pública (91/93). Após formar-se em 1994, atuou na área de Alimentação Industrial e Hospitalar (94/96) e na área de Saúde Coletiva (97/99).

Em 1999, ingressou no Mestrado em Extensão Rural da Universidade Federal de Viçosa, defendendo tese em 2001. Nesse mesmo ano passou a exercer, na Universidade Federal de Ouro Preto, em regime de prestação de serviços, atividades de ensino, como professora das disciplinas Educação Nutricional e Ética Profissional; e de Extensão, como coordenadora do Projeto de Atendimento e Acompanhamento Nutricional e Dietoterápico do Grupo da Terceira Idade de Ouro Preto.

ÍNDICE

	Página
RESUMO	viii
ABSTRACT	x
1. INTRODUÇÃO	1
2. A VELHICE: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS	4
3. O UNIVERSO DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
4. O CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO	25
5. A EXPERIÊNCIA DE VIDA DE ALGUNS IDOSOS	33
6. VELHICE, CLICHÊS E REALIDADE	71
6.1. "Vida eterna"	72
6.2. "Corpo delator"	81
6.3. "Liberdade e realizações"	93
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
APÊNDICES	107

	Página
APÊNDICE A	108
APÊNDICE B	119
APÊNDICE C	122
APÊNDICE D	124

RESUMO

SIQUEIRA, Renata Lopes de, M.S., Universidade Federal de Viçosa, julho de 2001. **A experiência do envelhecimento no meio rural**. Orientadora: Maria Izabel Vieira Botelho. Conselheiras: France Maria Gontijo Coelho e Rita de Cássia Lanes Ribeiro.

Nesta pesquisa analisou-se a experiência do envelhecimento no meio rural face a constatação de uma lacuna epistemológica expressa pela quase ausência de trabalhos sobre a velhice neste contexto. Essa lacuna é acentuada quando se considera o tema da velhice em uma perspectiva transdisciplinar, isto é, que envolve aspectos de distintas natureza - biológicas, econômicas, socioculturais - tal qual se buscou adotar nessa investigação. Partiu-se do pressuposto teórico de que a velhice enquanto objeto de análise, pertence a categoria dos irrealizáveis conforme postulada por Sartre, ou seja, uma situação composta de aspectos percebidos pelo outro e, como tal, reificados, que transcendem a nossa consciência. Enquanto irrealizável a velhice também é uma categoria social sujeita à criação de uma série de estereótipos, de clichês e de preconceitos que variam de acordo com os valores e os interesses predominantes na sociedade em questão. Dessa forma, por meio do relato oral da trajetória de vida de alguns idosos que vivem na Comunidade Rural de Córrego Fundo, pertencente ao município de Viçosa, Zona da Mata mineira, descreveu-se suas experiências da velhice. Posteriormente, confrontou-se os aspectos mais recorrentes nos depoimentos dos idosos com alguns clichês, sinteticamente, apresentados a seguir: primeiro, a crença de que no

meio rural os velhos se sintam mais tranquilos ou serenos por que acreditam que sua obra será perpetuada pelas gerações descendentes; segundo, que a velhice lhes acarretaria um desprendimento do corpo e por conseguinte um engrandecimento da alma; e por último, discutiu-se a proposição de que o afastamento do trabalho decorrente da idade avançada lhes proporcionaria um tempo livre para se empenharem em seus projetos pessoais. Os resultados desse confronto revelaram que há uma incongruência entre a realidade empírica e as imagens que se formulam a respeito da velhice nos clichês analisados, sendo possível inferir que contemplam menos a experiência vivida por aqueles idosos, do que um ideário urbano sobre a velhice, muitas vezes corroborado, intencionalmente ou não, pela ciência, pela mídia e pelo Estado.

ABSTRACT

SIQUEIRA, Renata Lopes de, M.S., Universidade Federal de Viçosa, July 2001. **The experience of oldness in rural area.** Adviser: Maria Izabel Vieira Botelho. Committee Members: France Maria Gontijo Coelho and Rita de Cássia Lanes Ribeiro.

In this research the experience of oldness in rural area was analyzed in view of an epistemological gap expressed by the almost lack of works about old age in this context. That gap is emphasized when the old age theme is considered in a transdisciplinary perspective, that is, involving aspects of distinct natures - biological, economical, social, cultural - just as it was concerned in this investigation. It was originated in a theoretical presupposition in which old age, while object of analysis, belongs to the category of the unrealizable as postulated by Sartre, meaning a situation constituted of aspects perceived by others, and so, popularly legitimated, transcend our conscience. While unrealizable the old age is also a social category liable to the creation of stereotypes, clichés and prejudices that vary depending on predominant values and interests of a society. In the rural community Córrego Fundo, in Viçosa county, Zona da Mata Mineira, by means of oral reports of some aged people about their life trajectory, the old age experiences were described. Afterwards, the most frequent aspects in that depositions were confronted with some clichés, synthetically, presented as follow: first, the belief that in rural area old age people feel themselves more peaceful and serene by believing that your work will be perpetuated by descendent generations; second, the

belief that old age will bring with it a detachment of the body and, consequently, an enlargement of the soul; and last, the proposition that the removal of the work due to the advanced age would provide them a spare time for their personal projects was discussed. The results of this confrontation reveal an incongruity between the empiric reality and the images formulated regarding the old age in the analyzed clichés, making possible to infer that these results contemplate less the experience lived by aged people than an urban mental conception system about old age, many times corroborated, intentionally or not, by the science, media and State.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a velhice tornou-se tema privilegiado de investigação nas diferentes áreas de conhecimento, o que se atribui a um nítido processo de envelhecimento demográfico tanto no meio urbano quanto rural.¹

Contudo, um exame de um conjunto diversificado de trabalhos revelou uma predominância das investigações em sociedades urbanas, explicitando uma lacuna epistemológica sobre a experiência da velhice no meio rural que se supõe, possua um universo de representações simbólicas com particularidades históricas, socioculturais e ecológicas, que o recortam como uma realidade própria, da qual fazem parte, inclusive, as próprias formas de determinação do papel e do lugar ocupado pelo velho no interior desta sociedade.

Por conseguinte, o objetivo desta investigação é proceder a uma leitura da experiência do envelhecimento no meio rural, tomando-se como unidade de análise o relato oral de 16 idosos residentes na comunidade rural de Córrego Fundo, pertencente ao município de Viçosa, Zona da Mata mineira. A expectativa desta investigação é

¹ A Organização das Nações Unidas (ONU) considera o período de 1975 A 2025 como a “Era do Envelhecimento”. Nos países em desenvolvimento ela destaca que este envelhecimento populacional foi ainda mais significativo e acelerado. Enquanto nas nações desenvolvidas, no período de 1970 a 2000 o crescimento observado foi de 54%, nos países em desenvolvimento atingiu 123%. No Brasil segundo dados do IBGE, na década de 70, cerca de 4,95% da população brasileira era de idosos, na década de 90, este percentual pulou para 8,47% e a expectativa para 2010, é que alcance 9,2%. De acordo com CANÇADO (1996), o aumento do número de idosos também tem sido acompanhado por um aumento significativo nos anos de vida da população brasileira. A esperança de vida que era em torno de 33,7 anos em 1950/55, passou para 50,99 em 1990, chegou até 66,25 em 1995 e deverá alcançar 77,08 em 2020/2025.

contribuir para a ampliação do conhecimento a respeito sobre o tema do envelhecimento humano.

Para tanto, na primeira parte deste estudo apresenta-se as abordagens teóricas construídas sobre o tema da velhice, identificando as suas diferentes perspectivas de análise, a saber: primeiro apresenta-se a perspectiva que neste estudo denominou-se como “biológica/comportamentalista”, a qual se ocupa fundamentalmente do processo de envelhecimento fisiológico; em seguida, apresenta-se uma segunda perspectiva, a “economicista”, que se preocupa, fundamentalmente, em avaliar o impacto econômico do envelhecimento social analisando as questões relativas à demanda por serviços de saúde e benefícios previdenciários; prossegue-se apresentando o terceiro grupo de trabalhos, que adota uma perspectiva de caráter “sociocultural”, na qual velhice é entendida como uma construção social; e na quarta perspectiva, discorre-se sobre uma dimensão se que esforça em contemplar os aspectos de diferentes natureza (biológica, econômica, sócio-cultural) apontados nas perspectivas anteriores, neste sentido, podendo ser designada como “transdisciplinar”. Esta investigação, procurou apoiar-se nessa última perspectiva, que adota a concepção teórica da velhice enquanto uma categoria irrealizável, conforme postulada por Sartre, e, como tal, apreendida em exterioridade e sujeita portanto a formulações de clichês estabelecidos pela ordem moral social. O conceito de irrealizável e suas implicações são explicitados ao final da primeira parte do trabalho.

Na segunda parte, descreve-se o universo da pesquisa e os procedimentos metodológicos utilizados na coleta e análise dos dados.

Na terceira parte, volta-se para a delimitação do contexto da pesquisa, delineando as características espaciais, econômicas e estruturais de Córrego Fundo, local onde se desenvolveu pesquisa.

Na quarta parte, buscando-se evitar uma apresentação da velhice em exterioridade, ou seja através do ponto de vista do “outro”, apresenta-se a experiência de vida de alguns idosos, obtida através dos relatos orais, sistematizando os temas mais frequentes na seguinte sequência: convívio familiar; situação de moradia, condição financeira e de propriedade; suas práxis no passado e no presente; suas condições de saúde e alimentação; e suas diferentes formas de inserção e interação com o mundo.

Na quinta parte, confronta-se a experiência de vida dos idosos com alguns dos clichês atribuídos à velhice, apontados por BEAUVOIR (1976) e discutidos no contexto do meio rural, conforme se apresenta: primeiro, a crença de que no meio rural os velhos

sintam-se mais tranqüilos ou serenos porque acreditam que sua obra se perpetuará pelas gerações descendentes; segundo: que a velhice lhes acarretaria um desprendimento do corpo, e por conseguinte, um engrandecimento da alma; e por último; discutiu-se a proposição de que o afastamento do trabalho decorrente da velhice lhes proporcionaria um tempo livre para se empenharem em seus projetos pessoais.

E finalmente, na sexta e última parte, procede-se às considerações finais, onde se apresentam algumas reflexões resultantes das experiências de vida dos idosos em confronto com os clichês apontados, considerando-se o contexto social da investigação.

2. A VELHICE: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS

Conforme se assinalou na introdução deste trabalho, o objetivo geral do mesmo é investigar a experiência do envelhecimento no meio rural, buscando dessa forma contribuir para ampliação do conhecimento sobre o tema da velhice.

O processo de envelhecimento populacional ocorrido nas últimas décadas, transformou a velhice em tema privilegiado de investigação nas diferentes áreas de conhecimento. Através da revisão de alguns estudos identificaram-se quatro perspectivas de análise sobre a velhice, a saber: a “biólogo/comportamentalista”, a “economicista”, a “socioculturalista” e a “transdisciplinar”².

A primeira perspectiva, que se denominou como biólogo/comportamentalista”, orienta as ações de gerontólogos e geriatras, e coloca a ênfase sobre o processo de decrepitude física ocasionada por fenômenos degenerativos naturais do organismo. Nessa perspectiva, os idosos aparecem como portadores de múltiplas patologias sobre as quais os indivíduos e a sociedade devem atuar no sentido de retardá-los.

Os estudos de CHAIMOWICZ (1987), constituem exemplos de trabalhos que se enquadram dentro dessa perspectiva “biólogo/

² É relevante destacar que estas perspectivas apontadas não se originam de uma definição dos próprios autores, foram aqui definidas, a partir da observação dos elementos priorizados pelos mesmos, na busca do conhecimento do processo de envelhecimento. Considerando, por exemplo, a perspectiva “biólogo/comportamentalista”, observou-se que os trabalhos se preocupam, fundamentalmente, com os aspectos fisiológicos do envelhecimento. O objetivo dessa sistematização em diferentes perspectivas de análise foi tornar mais didática e explícita esta dissertação.

comportamentalista”. Esse autor, após analisar os processos de transição demográfica e epidemiológica no Brasil, no final dos anos 90, buscou caracterizar a situação de saúde dos idosos no País. Ele constatou, através de informações originadas dos Censos demográficos de 1991 a 1996, de Pesquisas Nacionais por Amostras de Domocílio (PNADs), e de estudos transversais³ realizados pelo próprio autor nas regiões metropolitanas das cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte que, em média, o número de patologias crônicas - como a osteoartrite, dispnéia ao esforço ou diminuição da acuidade visual - que acometem os idosos é muito elevado (o número de casos registrados salta de 4,6 para 5,8 entre os 65 e 75 anos de idade).

Outro estudo, citado por CHAIMOWICZ (1987) revelou, através de inquérito domiciliar realizado em amostra aleatória de 1602 indivíduos com 60 anos ou mais do Município de São Paulo, em 1989, que apenas 14% dos entrevistados consideravam-se livres de doenças crônicas como hipertensão, diabetes, asma, reumatismo, derrame e insônia. Dentre os grupos de menor poder aquisitivo, 17% dos idosos referiram-se à presença de pelo menos cinco condições simultâneas, e um terço foi considerado possível caso no *screening* de saúde mental. Em subamostra da mesma população, também um terço dos indivíduos relataram “dificuldades na conversação devido a problemas auditivos” e 63 % apresentavam deficiência auditiva quando submetidas ao exame audiológico. CHAIMOWICZ (1987) cita também, um inquérito sobre saúde bucal realizado no município de São Paulo onde foi demonstrado que os idosos possuíam, em média, apenas dois dentes sadios e especialmente dentre os de baixa renda, era elevada a frequência de lesões periondontais e problemas relacionados ao uso de próteses sem manutenção adequada.

Tais estudos usam, como justificativa ao seu desenvolvimento, dados quantitativos que revelam um envelhecimento populacional que ocorre em função de uma processo de transição demográfica, definida por uma inversão da pirâmide etária populacional, onde se observa um estreitamento da base, ocupada pelas categorias etárias mais jovens, e um alargamento do ápice, ocupada pela população mais idosa.

³ Os estudos transversais consistem naqueles estudos que analisam um ou mais fatores, acompanhando seu ou seus comportamentos durante um determinado período de tempo recortado. São métodos de investigação, normalmente, empregados em estudos de demografia e de epidemiologia.

Conforme explicam autores como BARRETO (1992) e PALMA (2000), essa transição demográfica, origina-se não apenas de avanços tecnológicos na área de saúde que impliquem em um aumento da expectativa de vida mas, principalmente, de uma redução na taxa de fecundidade⁴.

Em correlação direta com esse processo de transição demográfica, os estudos apontam para um outro processo de transição, a epidemiológica, que, segundo VERAS (1994), se constitui em uma “alteração nos padrões de moléstia”. Conforme explica esse autor, a prevalência de doenças de intervenção primária, como as infecto-contagiosas, passam, a ser substituídas por quadros patológicos mais complexos e de intervenção mais cara (necessitam de pessoal qualificado, equipe multidisciplinar, equipamentos e exames complementares de alto custo), como as doenças crônico-degenerativas e distúrbios mentais, tais como patologias cardiovasculares, câncer, stress, que acometem, predominantemente, a população idosa.

Neste sentido, a perspectiva “biológico/comportamentalista” analisa não somente alguns comportamentos populacionais, mas abrange, igualmente, as políticas públicas de saúde. Desta forma, o envelhecimento populacional passa a ser apresentado também como um problema de Estado:

“(…) modifica-se o perfil de saúde da população; ao invés de processos agudos que se 'resolvem' rapidamente através da cura ou do óbito, tornam-se predominantes as doenças crônicas e suas complicações, que implicam em décadas de utilização de serviços de saúde” (CHAIMOWICZ, 1987:189).

Desta forma, quase que unanimemente, esses estudos concluem que o processo de envelhecimento populacional constitui, também, um problema social que requer medidas urgentes por parte do governo e da sociedade em geral. A importância da efetivação dessas medidas deriva da grande e expensa demanda dos serviços de saúde, que no Brasil, ao longo de sua trajetória histórica, vem atendendo de forma insuficiente a população em geral.

Em uma segunda perspectiva de análise, que se designou por “economicista”, tem-se um leque ampliado de representantes, além de gerontólogos e geriatras, tomam a palavra também os cientistas sociais. Nessa perspectiva, as investigações preocupam-se em situar o lugar dos velhos dentro da estrutura social produtiva, centrando as análises

⁴ Sobre este aspecto PALMA (2000:25) é pragmática: “(...) ao contrário do que se pensa e, inclusive, é rotineiramente divulgado nos meios de comunicação, esse envelhecimento [populacional], se deve preponderantemente, à diminuição do número de filhos por mulheres (fecundidade), e não à diminuição da mortalidade. Em consequência, os fenômenos da diminuição do ritmo do crescimento populacional e o aumento de proporção de pessoas na terceira idade – envelhecimento demográfico – têm a mesma origem: a modificação dos padrões reprodutivos e familiares dos(as) brasileiros(as), que vem ocorrendo desde a década de 60, com a intensificação a partir da de 80”.

na questão da ruptura com o mundo produtivo do mercado de trabalho, especificamente, na questão da aposentadoria.

Neste momento, a velhice passa a ser delimitada não mais pelas transformações fisiológicas, mas por um advento social, a aposentadoria, na qual o indivíduo passa pela transposição da categoria de trabalhador para ex-trabalhador; de produtivo para improdutivo, de cidadão ativo para inativo;. Observa-se um processo de generalização da aposentadoria que, de acordo com SALGADO (1997:5), “cria um princípio de identidade para a velhice, definindo esse tempo da vida pela inatividade”.

Para melhor compreender estes estudos é relevante explicitar que esta ruptura com o mercado do trabalho tem menos relação com uma base biológica conectada ao avanço da idade, do que com uma forma de estrutura social de produção, de demanda e distribuição de postos de trabalho,

“(...) a aposentadoria decreta funcionalmente a velhice, ainda que o indivíduo não seja velho sob o ponto de vista biológico (...) é uma forma de produzir a rotatividade de mão-de-obra no trabalho, pela troca de gerações” (SALGADO, 1997:6).

Nessa perspectiva, nota-se uma mudança no discurso. A aparente neutralidade do discurso biomédico anterior vai adquirindo contornos políticos. O entendimento do idoso como ex-trabalhador, faz com que os estudos adquiram matizes que vão da simples simpatia (SIMÕES, 1998; HADDAD, 1993), à adesão explícita à luta dos aposentados, em que os autores assumem-se como militantes de movimentos institucionais organizados pelo segmento de aposentados e pensionistas (ARAÚJO, 1995; ARAÚJO, 1998; LOURENÇO, 1992). Nesses estudos, os idosos são apresentados como cidadãos que devem lutar por seus direitos assegurados por lei.

No extremo, o envelhecimento deixa de ser uma interrupção da vida em sociedade, para passar a uma outra forma de ação social. Essa nova forma de ação social os idosos, “representados” pelo Movimento dos Aposentados e Pensionista (MAP)⁵, defrontam-se com três instâncias: na primeira instância, embatem-se com os trabalhadores da ativa, caracterizando aquilo que SIMÕES (1998:23), oportunamente,

⁵ O Movimento dos Aposentados e Pensionistas (MAP),constituem-se em associações de aposentados e pensionistas, organizadas por ex-dirigentes sindicais, e que emergiram a partir da década de 80, como “um movimento de resistência à política providenciária” (HADDAD, 1993:13). O termo representados encontra-se entre aspas no texto acima, porque conforme assinala Martins no prefácio escrito para a obra de HADDAD (1993), as associações de aposentados e pensionistas do Estado de São Paulo possuem cerca de trezentos mil filiados, um total irrisório, considerando-se os 4 milhões de aposentados no estado, e os quase 13 milhões no Brasil no final da década de 80, quando foi realizada a pesquisa de Haddad.

batizou de “conflito de gerações trabalhistas”. No confronto, o interesse de trabalhadores da ativa, representados pelos sindicatos, diverge do interesses dos aposentados. Esse conflito de interesses está retratado no discurso dos aposentados militantes:

“(…) [os trabalhadores da ativa] se esquecem que um dia também vão ficar velhos(…) o aposentado hoje está no fim da vida e a Previdência vai responder pela sobrevivência do trabalhador que vai se aposentar amanhã (…) [as lideranças sindicais não percebem] que se não mudarem, vão passar pela mesma coisa, [ou] talvez nem cheguem a se aposentar (…) esse problema da Seguridade Social diz mais respeito aos trabalhadores da ativa que a nós (…) em vez de atentarem para o problema as centrais sindicais só competem entre si e tentam manipular os aposentados tratando-os como coitadinhos”⁶.

Em uma segunda instância, os aposentados defrontam-se com o Estado, acusado de ser o principal responsável pela situação marginal vivenciada pelos idosos dentro da sociedade. Essa situação é apontada como fruto de um descaso político, do mau gerenciamento do sistema previdenciário e da propagação de uma ideologia dominante que pretende homogeneizar as diferentes formas de vivenciar a velhice.

Os estudos que tratam deste embate apontam o tratamento ahistórico dado à velhice, conforme se pode observar no trabalho de HADDAD (1993). Essa autora, a partir de entrevistas realizadas com membros da Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas (COBAP), analisou os direitos constitucionais garantidos aos aposentados e o trabalho de assistência à velhice realizado pelo Serviço Social do Comércio (SESC), e concluiu que,

“(…) a característica fundamental da ideologia da velhice, nas sociedades tradicionais e contemporâneas, repousa em sua a-historicidade, em ocultar e desconhecer os diferentes modos de viver, sofrer e suportar a velhice” (HADDAD, 1993:12).

Analisando a pauta das reivindicações do Movimento dos Aposentados e Pensionistas (MAP), as investigações destacam como preocupações recorrentes o baixo valor das aposentadorias, a aplicação de índices de correção monetária devassadores das mesmas, o desvio de verbas, a corrupção e má administração do sistema previdenciário. O MAP ganhou expressão em nível nacional, no início da década de 90, mais precisamente nos dois primeiros anos em que se desenrolou uma luta por um reajuste no valor das aposentadorias equivalente ao concedido ao salário mínimo, de 147%, e negado pelo governo Collor. Essa medida, considerada

⁶ Fala do senhor Antônio Galdino citada em SIMÕES (1998:21).

inconstitucional, levou milhares de aposentados e pensionistas as ruas para reivindicar seus direitos de onde retornaram, por intervenção judicial, vitoriosos.

Além de confrontar-se com os trabalhadores da ativa e com o Estado, em uma terceira instância, os aposentados, defrontam-se contra as ações tutelares dos grupos de Terceira Idade⁷, cujas propostas de lazer e recreação para idosos, de acordo com dirigentes do MAP, enfraquecem e desvirtuam interesses concretos, “o sentido de luta” deste segmento etário. Contudo, SIMÕES (1998) ao analisar uma preleção de um militante do movimento durante uma aula pública proferida sobre o tema “Idosos” constatou que em relação aos grupos de Terceira Idade, a posição destes dirigentes era ambígua, porque naquele momento ressaltava-se a importância de uma aliança entre aposentados, pensionistas e os idosos:

“Dentro desta sociedade contraditória, desta sociedade de interesses, o estado não está a serviço do desenvolvimento e do interesse social, mas sim voltado para interesses outros que não atingem a necessidades básicas da população de idosos, aposentados e pensionistas. Portanto ninguém irá resolver *nostros* problemas se não tivermos capacidade para isso. E *nós* temos. Os idosos têm, os aposentados têm, os pensionistas têm. E demonstramos isso na luta em defesa do direito dos 147% e na luta em defesa da Previdência Social”⁸ (grifos meus).

Além de transparecer na questão entre a rejeição e o apoio as formas de atuação dos grupos de Terceira Idade junto a população idosa, a posição ambígua do MAP era percebida também, na própria questão da identidade de seus membros. Nos momentos de confronto com os grupos de Terceira Idade, o idoso é “o outro”, já no confronto com o Estado, o idoso passa a ser ele próprio, reivindicando o direito a um descanso violado pelo governo:

“Quando eu me aposentei pensei que ia descansar (...) de 79 a 84 o governo passou a reajustar os aposentados com a inflação do salário mínimo anterior então eu entrei quando vi essa defasagem. (...) Eu entrei na minha associação para lutar. De lá da associação eu vim para a Federação e fui eleito secretário geral. (...) Que a gente vai ficando velho nessa luta aí e chega um tempo que eu num sei se vai ter forças”⁹.

Em uma outra vertente de análise, mas ainda tomando como referencia central a questão da aposentadoria, surgem aquelas investigações cujo

⁷ Os assim chamados Grupos de Terceira Idade surgem nas últimas décadas do século XX. São organizações de iniciativa privada mas, que, normalmente, contam com o apoio governamental. Nestes grupos, geralmente, os idosos participam, predominantemente, de atividades recreativas, desportivas e de educação para saúde. Recentemente, tem-se estimulado também à realização de trabalhos voluntários junto as comunidades a que pertencem, como, por exemplo, a oferta de apoio afetivo a idosos institucionalizados ou pacientes hospitalizados, através de visitas periódicas, e a participação em campanhas de arrecadação de recursos para populações carentes. Com a intenção de se estabelecer uma abordagem mais otimista em relação a essa etapa da vida, é comum, atualmente, se denominarem também por Grupos da Melhor Idade, ao invés de Terceira Idade.

⁸ Depoimento do Senhor Antônio Galdino citado em SIMÕES (1998:31).

⁹ Depoimento do Senhor Urbano França em HADDAD (1993:53).

objetivo é analisar e avaliar os chamados Programas de Preparação para a Aposentadoria (PPAs), normalmente implementados por instituições privadas que têm como finalidade, segundo SALGADO (1997): a) dar aos futuros aposentados condições de explorarem suas possibilidades, expectativas e desejos; b) informar sobre as condições de vida futura dos candidatos a aposentadoria; c) modificar as reações negativas quanto à aposentadoria e incutir na consciência a necessidade de planejá-la adequadamente; d) ajudar os aposentados a reconhecerem que o processo permanente de educação pode contribuir para o desenvolvimento psicossocial de suas vidas, estabelecendo novos desafios que valorizarão à própria existência.

Pode-se observar, que neste momento, as propostas aproximam-se da perspectiva “biólogo/comportamentalista” apresentada anteriormente, porque o velho retoma a condição de sujeição, como indivíduo que precisa ser “auxiliado” por profissionais aptos a promover a sua “reinserção social”, depois da ruptura ocasionada pelo advento da aposentadoria.

Outro ponto de convergência dessas duas perspectivas de análise - a “biólogo/comportamentalista” e a “economicista” - é que tanto na primeira, quanto na segunda, a justificativa apresentada para maiores investimentos em relação à questão da velhice, reside na preocupação recorrente de que o envelhecimento demográfico irá sobrecarregar aos cofres públicos, agora, não só pela alta demanda dos serviços de saúde, mas também do sistema de Previdência Social.

Em uma terceira perspectiva de investigação sobre a velhice, os trabalhos de alguns cientistas sociais (antropólogos, sociólogos, historiadores) refletem um modelo de análise que se caracteriza por uma ênfase sociocultural, que critica os focos das preocupações adotadas pelas vertentes “biólogo/comportamentalista” e “economicista” no estudo sobre o tema velhice. Nesse sentido, a perspectiva “socioculturalista” argumenta que, embora as questões demográficas e/ou econômicas sejam aspectos plausíveis como justificativa de reformulação de políticas públicas dirigidas à população idosa, elas são insuficientes para revelar e explicar a totalidade dos fatos que emergem da velhice enquanto categoria analítica:

"Explicar por razões de ordem demográfica a aparente quebra da 'conspiração do silêncio' em relação à velhice é perder a oportunidade de descrever os processos por

meio dos quais o envelhecimento se transforma em um problema que ganha expressão e legitimidade, no campo das preocupações sociais do momento"¹⁰ (DEBERT, 1999:12).

Nessa vertente de estudos, a questão da velhice é entendida enquanto uma construção social, onde os recortes de idade e a definição de práticas legítimas associadas a cada etapa da vida não são compreendidos como conseqüências de uma evolução científica marcada por formas cada vez mais precisas de estabelecer parâmetros no desenvolvimento biológico humano (DEBERT, 1998). Parte-se do pressuposto de que é a sociedade/cultura que estabelece as funções e atribuições preferenciais de cada idade na divisão social do trabalho e dos papéis na família. Segundo DEBERT (1998), essas atribuições são, em boa parte, arbitrárias, porque nem sempre se firmam em uma materialidade ou uma cronologia de base biológica quanto às reais aptidões e possibilidades, e sim, são reconstruídas em um tempo social essencialmente dinâmico e mutável.

O livro de ÁRIES (1978), *A História Social da Família e da Criança*, exemplifica bem este processo de construção social das categorias de idade, ao mostrar que a criança, como categoria, não existia na Idade Média. Analisando o processo de sua “inserção social” a partir do século XIII, ÁRIES demonstra que:

“(...) a noção de infância desenvolveu-se pouco a pouco, ao longo dos séculos e só gradualmente a criança passou a ser tratada como um problema específico. Roupas e maneiras adequadas, jogos e brincadeiras e outras atividades passaram a distinguir de maneira radical a criança dos adultos” (ÁRIES, 1978:251).

No mesmo sentido, ELIAS (1990), em seu estudo intitulado *O processo civilizador: uma história dos costumes* delinea as condições estabelecidas pela modernidade, as quais contribuíram para a construção da imagem do adulto enquanto um ser independente e de emoções controladas nesse período.

Na França do século XIX, de acordo com PEIXOTO (1998), a questão da velhice se impunha essencialmente para caracterizar as pessoas que não podiam assegurar financeiramente seu futuro – o indivíduo despossuído, o indigente – pois, as pessoas com certo patrimônio eram designadas como “os patriarcas com experiência preciosa”, que detinham certa posição social,

¹⁰ A expressão “conspiração do silêncio”, foi criada por BEAUVOIR (1976), para denunciar a ausência de interesse e a omissão em torno dos problemas da velhice.

administravam seus bens e desfrutavam de respeito. Esse recorte social da população de mais de 60 anos foi acompanhado de locuções diferenciadas para tratar cada grupo de pessoas da mesma idade: designava-se correntemente como velho (*Vieux*) ou velhote (*Viellard*) os indivíduos que não detinham status social; enquanto os que possuíam eram, em geral, designados como idosos (*Personne âgée*). No Brasil, analisa PEIXOTO (1998), a conotação negativa do vocábulo velho, seguiu um processo semelhante ao da França, porém, em período mais recente. Os documentos oficiais publicados antes dos anos 60 denominavam as pessoas pertencentes a faixa etária de 60 anos “simplesmente de velhas”. Segundo essa autora, foi no final da década, que certos documentos oficiais e a maioria das análises sobre a velhice recuperam a noção de “idoso”.

O termo “Terceira Idade”, é uma construção das sociedades contemporâneas, e vem sendo empregado por acreditar-se que é isento de conotações depreciativas, e como destaca DEBERT (1999), para atender a interesses de um mercado de consumo emergente¹¹. Refere-se, em geral, àqueles idosos que ainda não atingiram a velhice mais “avançada”, estão na faixa entre os 55 a 70 anos, e expressa, fundamentalmente, indivíduos ainda gozando de boa saúde e com tempo livre para o lazer e novas experiências nessa etapa da vida.

Finalizando, através da leitura de duas obras, *A Velhice*, de autoria de Simone de Beauvoir (1976) e, *Memória e Sociedade – Lembranças de Velhos*, escrita por Ecléa Bosi (1983), pode-se identificar uma quarta perspectiva de análise, que adota uma abordagem “transdisciplinar” do processo de envelhecimento, e se caracteriza, distintamente, do conjunto bibliográfico apresentado anteriormente, por não depositar maior ênfase em determinado segmento da realidade vivida pelos velhos.

¹¹ Para DEBERT (1999:20), “as novas formas de gestão da velhice estão estreitamente relacionadas (...) com a prodigiosa expansão do capital, especialmente depois dos anos 70, para áreas até então não mercantilizadas, e com o modo como essa expansão reelabora as concepções sobre o corpo e a saúde.” Nesse sentido, essa autora observa que, nas últimas décadas, ocorreu a ascensão de um mercado amplo e diversificado voltado para a Terceira Idade. Para LASLETT (1991) o uso desta designação, Terceira Idade, requer a existência de uma comunidade de aposentados com peso suficiente na sociedade, dispondo de saúde, independência financeira e outros meios apropriados para tornar reais antigas expectativas. Sobre esta discussão ver também PEIXOTO (1998) e MAGALHÃES (1989).

Nessa perspectiva, a velhice é percebida como fenômeno natural e social que se desenrola sobre o ser humano, único, indivisível que na sua totalidade existencial defronta-se com problemas e limitações de ordem biológica, econômica, e sociocultural que singularizam seu processo de envelhecimento. De modo que, somente uma descrição analítica dos diferentes aspectos da velhice, não é considerada suficiente para explicá-la, cada um desses aspectos é apresentado interagindo com todos os outros, e é por eles afetado. É, de acordo com BEAUVOIR (1976:14), “no movimento indefinido desta circularidade que se deve apreendê-la”.

Ao analisar a velhice, tanto BOSI (1983) como BEAUVOIR (1976) adotam o critério de Sartre, para quem a velhice entra na categoria dos “irrealizáveis”. O irrealizável segundo Sartre citado por BOSI (1983:37) “é uma situação composta de aspectos percebidos pelo outro e, como tal, reificados (um être-pour-autri), que transcendem nossa consciência”. Isto implica, de acordo com BEAUVOIR (1976), que vivendo em sociedade, a pessoa de idade mais avançada é designada como tal, tanto pelos costumes, como pela atitude dos demais, e pelo próprio vocabulário, mas não por uma experiência já experimentada por ela mesma. A revelação da velhice vem normalmente dos outros, como se observa no relato de sua própria experiência: “(...) Aos 50 anos, estremei ao ouvir uma estudante americana repetir a exclamação de uma colega: 'mas então Simone de Beauvoir é uma velha'” (p. 12).

Contudo, mesmo diante da impossibilidade de viver na modalidade do “para si”, aquilo que se é “para os outros”, BEAUVOIR (1976) analisa que as pessoas se vêm na contingência de assumir essa realidade:

“Devemos assumir uma realidade que é inegavelmente nós mesmos embora só nos atinja de fora e permaneça para nós inatingível. Existe uma contradição intransponível entre a evidência íntima que garante nossa permanência e a certeza objetiva de nossa metamorfose. Não podemos nos impedir de oscilar de uma para outra, sem jamais a mantermos firmemente juntas”(p. 16).

Dessa forma, o indivíduo nunca poderá assumir a velhice enquanto exterioridade, nunca poderá assumi-la existencialmente, tal como ela é para o outro fora dele próprio. Segundo BEAUVOIR (1976:17) isto gera no indivíduo uma crise de identificação, “sem ter experimentado mutações graves; interiormente, ele não adere ao rótulo que lhe aplicam: não sabe mais quem é”. Para autora há no transcorrer da vida outros momentos de crise, na adolescência também a imagem do indivíduo se esfacela, seu corpo se transforma e o perturba, mas vive-se um período de transição. O velho sente

sua imagem se desfalecer irremediavelmente a cada dia, na mesma medida em que “o coeficiente de adversidade das coisas crescem: as escadas ficam mais duras de subir, as distâncias mais longas a percorrer, as ruas mais perigosas de atravessar, os pacotes mais pesados” (BEAUVOIR, 1976:31).

Aprofundando a questão, BEAUVOIR (1976) aponta para a necessidade de se buscar no inconsciente dos indivíduos a razão desta assimetria: entre a imagem que assumo para mim e a que sou para outro.

Citando Freud, explica:

“(...) o inconsciente não distingue o verdadeiro do falso; é um conjunto estruturado de desejos; não é reflexivo. Mas não constitui necessariamente um obstáculo à reflexão. Não perturba a passagem da adolescência para a maturidade. Com efeito, na sexualidade do rapaz, e mesmo na da criança, se pressente a do adulto. Seu estatuto se lhes afigura em geral desejável pois lhes tornará possível saciarem seus desejos. O menino vislumbra fantasmas de virilidade, a menina sonha com a sua futura feminilidade. Este futuro é por eles complacentemente antecipado nas brincadeiras e nas histórias que contam a si mesmos. O adulto associa pelo contrário, a idade avançada, a fantasmas de castração... Alimenta a ilusão de uma eterna juventude...aí está a explicação da “surpresa”, da incredulidade, do escândalo, provocados em geral no homem idoso pela revelação de sua idade” (BEAUVOIR, 1976:17).

Contudo, afirma BEAUVOIR (1976), entre os irrealizáveis que cercam o ser humano, a velhice é o que se vê instigado a realizar de maneira mais premente, porque tenha ou não o indivíduo encontrado uma imagem convincente ou satisfatória de si mesmo, ele é obrigado a viver essa velhice que não pode realizar. Porque ela vive no seu corpo. Mesmo que a revelação não venha dele, ela já causa inquietação, visto que os indivíduos sabem que ela o habita. Talvez seja este o aspecto mais pungente da senescência: a sensação da irreversibilidade dos fenômenos que acometem o corpo. De acordo com a autora, quando se trata de uma doença sempre se conserva uma esperança de sarar ou pelo menos, interromper seu progresso. Uma invalidez provocada por um acidente restringe-se àquilo mesmo. As involuções provocadas devidas à senescência são irreparáveis e sabe-se que vão ampliando ano a ano, mesmo que se considere que muitos fatores possam torná-la mais lenta ou acelerada, total ou parcial, acentuada ou não. Privilegiados ou oprimidos, todos os indivíduos, cuja vida se prolongue por longos anos, hão de sentir as transformações do corpo. A forma com que lidará com elas revelará sua relação global com o mundo (BEAUVOIR, 1976).

Por outro lado, sendo a velhice um irrealizável, isto é, “meu ser a distância que limita todas as minhas opções e constitui o seu inverso (delas)” (Sartre, citado por BEAUVOIR, 1976:16). A velhice é também uma categoria social, e enquanto tal, sujeita à criação de uma série de clichês, tais como: a velhice é o tempo da liberdade, do lazer, da resignação, etc. Estes clichês variam de acordo com os interesses dominantes da sociedade em questão. “O adulto”, exemplifica BEAUVOIR (1976:237),

“(…) vem desde a antiguidade tentando encarar a condição humana através de um prisma otimista; atribuiu às idades que não eram sua, as virtudes que ele possuía: a inocência às crianças e aos velhos a serenidade. Pretendeu considerar o fim da vida como resolução de todos os conflitos em que ela se debate. Trata-se aliás, de uma cômoda ilusão: permite que a despeito de todos os notórios males que os afligem, sejam considerados felizes, podendo ser abandonados a seu destino”.

BOSI (1983), por sua vez, analisa que “a moral oficial prega o respeito ao velho, mas quer convencê-los a ceder seu lugar aos jovens, afastá-los, delicada, mas firmemente dos postos de direção (...)”. Para essa autora, o que caracteriza a relação do velho com o adulto é a falta de reciprocidade que pode se traduzir em uma tolerância sem o calor da sinceridade. Com ele não se discute, não se confrontam opiniões, negando-lhe a oportunidade de desenvolver a alteridade, a contradição, o confronto, e mesmo o conflito,

“(…) quantas relações humanas são pobre e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos de áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo que no confronto pudesse causar crescimento e dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar o nome de banimento ou discriminação” (BOSI, 1983:36).

Segundo BEAUVOIR (1976), os clichês baseiam-se no fato de que quando se considera o homem idoso enquanto objeto da ciência, da história e da sociedade, procede-se a sua descrição em exterioridade.

Outros autores, como SOMMERHALDER e NOGUEIRA (2000), em seus estudos, também procedem a uma discussão sobre alguns clichês que envolvem a experiência da velhice. Analisando o caráter pejorativo desses clichês, as autoras afirmam que, na sociedade moderna, paira sobre os idosos o preconceito de que são doentes, improdutivos para o trabalho, e necessitam de ajuda e apoio para tudo. Segundo analisam, a imagem negativa do envelhecimento é divulgada pela mídia e por outros meios simbólicos de comunicação, e podem estar sendo amparadas por pesquisas científicas equivocadas, que servem aos interesses das classes dominantes, e que associam ao envelhecimento somente as perdas. Segundo SOMMERHALDER e NOGUEIRA (2000:108),

“(…) O preconceito e a desvalorização dos idosos também são transmitidos nas relações intergeracionais por meio de histórias contadas por adultos, professores e parentes das crianças, como os famosos contos de fadas, nos quais as bruxas são sempre velhas, feias e malvadas. Tais histórias, ou mesmo alguns comentários casuais de situações que envolvem idosos - tais como 'coitado, ele já não fala coisa com coisa'; 'seu avô está cada vez mais rabugento'; 'não liga pra o que ele fala, ele esquece do assunto'; 'esses velhos, na rua, na fila do banco só atrapalham'; 'só podia ser velho dirigindo' – são exemplos de como é transmitida uma visão negativa da velhice, inconsciente do quanto tais atividades de convívio de gerações também podem ser responsáveis pela disseminação de preconceitos e estereótipos”.

No outro extremo, DEBERT (1999) afirma que há uma tendência contemporânea a rever estereótipos associados à velhice, buscando dissolver as imagens negativas. Segundo essa autora,

“(…) A idéia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida são os momentos propícios a novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de realizar projetos abandonados em outras etapas e estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos” (p. 14).

Essa análise aproxima-se do prisma otimista apontado por BEAUVOIR (1976), anteriormente.

Contudo, as investigações citadas, em quaisquer das perspectivas apontadas, incidem predominantemente em sociedades urbanas. Esse fato revela uma lacuna epistemológica sobre a experiência da velhice no contexto social rural, que se supõe, possua um universo de representações simbólicas com particularidades históricas, socioculturais e ecológicas, que o recortam como uma realidade própria e singular, inclusive, nas próprias formas determinação do papel e do lugar ocupado pelo velho no interior desta sociedade. Dessa suposição, emerge a hipótese deste trabalho, qual seja, de que o conhecimento que se tem hoje sobre a velhice no meio rural talvez esteja mais próximo do imaginário de uma ideologia¹² urbana do que da realidade objetiva que a circunscreve.

Por exemplo, é comum o pensamento de que no meio rural, os velhos se sintam mais tranquilos ou serenos, porque acreditam que sua obra se perpetuará nas gerações que o sucedem, isto é, um setuagenário que construiu uma casa, que cultivou uma plantação, ou semeou um jardim sinta-se mais tranquilo porque sabe que sua

¹² O termo ideologia é empregado no sentido concebido por DUMONT (1992). Ao estudar o sistema de castas da Índia, esse autor conceitua “ideologia” como o conjunto de idéias, valores e crenças que orientam as ações de grupos ou sociedades e que, aliados aos aspectos não ideológicos compõem um sistema social determinado. A ideologia é a interação entre frações que compõem o ser e o saber das sociedades. Neste sentido, cultura e ideologia estão muito entrelaçadas e o termo ideologia afasta-se muito da sua inicial conotação política como referência a um sistema de poder e dominação.

propriedade permanecerá no trabalho de seu filho; ou a idéia de que a velhice no meio rural seja mais saudável, serena, vivida com menos *stress*. Quantas vezes já se ouviram falar de indivíduos que viveram toda a sua vida na cidade e que sonham com uma velhice no campo? Cogita-se: Será mesmo que no meio rural se vive uma velhice mais serena? Ou mais saudável? Mesmo considerando tudo que já se investigou ou que se vem investigando sobre a “vida rural”, será que o que se sabe sobre a velhice nesse contexto não esteja mais fundamentado em clichês do que na realidade concreta? Será que, intencionalmente ou não, a sociedade não estaria colocando a margem ou ocultando mais esta face da velhice?

Diante dessas questões, o objetivo deste trabalho é, através do relato oral da trajetória de vida de alguns idosos que vivem no meio rural, descrever a experiência da velhice dos mesmos, e confrontar aqueles aspectos mais recorrentes nos depoimentos dos idosos com alguns dos clichês apontados por BEAUVOIR (1976).

É relevante esclarecer que nesta investigação, o termo clichê toma como referência o sentido que lhe é atribuído por BUENO (1996), que o define como frase ou expressão muito repetida, lugar comum. A este sentido, acrescenta-se neste trabalho, as possíveis interpretações sociais destas formas de expressões que se tornam “lugar comum”, encontrando, assim, alguma correspondência com o imaginário social. Por exemplo, a expressão “os velhos são sábios”, remete, com frequência, à imagem de um senhor de cabelos brancos, óculos, respeitado, seguro e, prontamente, disponível a dar conselhos aos mais jovens.

Finalizando, resta destacar que se espera através desta investigação, contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a experiência da velhice no meio rural, assim como, para uma *praxis* social mais humana e igualitária, a qual, esta pesquisa sirva como instrumento mediador.

3. O UNIVERSO DA PESQUISA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nessa investigação recuperou-se, através do relato oral, o percurso biográfico de 16 idosos, residentes na comunidade rural de Córrego Fundo, Município de Viçosa, Zona da Mata mineira.

Os critérios de seleção dessa comunidade foram: a predominância de meios de subsistência voltados para as atividades agropecuárias (pesquisada em uma etapa preliminar de visitas à comunidade), e a facilidade de acesso que se justifica em função de fatores externos à pesquisa como o de tempo para a conclusão e os recursos disponíveis.

Quanto à seleção dos idosos, não se seguiu *a priori* um valor quantitativo previamente definido. O universo investigado foi montado a partir de um primeiro contato da pesquisadora com um membro da comunidade, a quem se esclareceu sobre os objetivos da pesquisa. Por indicação desse membro, procedeu-se o contato com outros idosos, que por sua vez, sugeririam outros nomes, estabelecendo uma seqüência de relações em cadeia, na qual uma pessoa contatada serviu de intermediária para promover o contato entre a pesquisadora e os idosos conhecidos de suas relações, somando ao final desta primeira fase, um total de 22 idosos. Num segundo momento, em função da amplitude da abordagem transdisciplinar pretendida, optou-se por restringir o números de idosos, selecionando-se aqueles com

idade superior a 60 anos¹³, e que passaram a maior parte de suas experiência de vida no meio rural, o que reduziu o número de idosos para 16. Devido a recorrência de fatos e a riqueza de informações, sete das entrevistas foram incluídas no corpo principal desta dissertação, e as nove restantes são apresentadas no Apêndice A, o que não implica, contudo, que não se tenha recorrido às mesmas quando as análises as solicitavam. Convém frisar que não se trata de um trabalho com proposta de amostragem: o intuito que levou a empreendê-lo foi registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres humanos que envelheceram no meio rural, embora, o registro dos relatos tenha buscado demonstrar uma concepção pessoal da velhice que, na realidade, pudesse também expressar uma concepção familiar e grupal daquele contexto social.

Considerando-se, de acordo com DELGADO (1987), que a investigação através de relatos orais envolve uma complexidade de fatores - a partir dos objetivos definidos deve-se levar em absoluta consideração a experiência, a disposição e as características peculiares a cada indivíduo ou grupo - trabalhou-se dentro de uma certa margem de flexibilidade, o que não implicou o abandono da objetividade, que, aliada à sensibilidade, permitiu que no decorrer da experiência empírica, fosse alterada a dinâmica das entrevistas. Assim sendo, nos primeiros contatos, as mesmas foram realizadas sem um roteiro prévio, com o objetivo de desenvolver um espaço de interação e confiança entre entrevistador/entrevistado e de perceber quais aspectos, voluntariamente, ordenam a vida daqueles idosos, no seu cotidiano. Deste primeiro momento, emergiu a necessidade de um segundo, onde se formulou um roteiro (Apêndice B) que orientasse o delineamento do percurso biográfico dos entrevistados,

¹³ De acordo com RIBEIRO (1999), em 1980, a Organização da Nações Unidas fixou em 60 anos de idade o limite de senescência para efeito de programas de atenção à saúde do idoso. No Brasil, a Lei Federal 8.842, sancionada pelo Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS), em 04 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, também adota esse limite de 60 anos ou mais para homens e mulheres no meio urbano, e 60 e 55 anos, para homens e mulheres, respectivamente, no meio rural. Nesse trabalho, somente como critério de seleção do grupo entrevistado, adota-se este mesmo limite de idade do MPAS. Entretanto, concorda-se com DEBERT (1999), quando esta autora pondera, que “em se tratando da cronologização da vida, é preciso levar em conta as variações nas etapas e na extensão em que o curso da vida é periodizado em sociedades modernas distintas, bem como o tipo de sequência cronológica que caracteriza a experiência de diferentes grupos sociais em uma mesma sociedade e as mudanças nela ocorridas em períodos relativamente curtos” (DEBERT, 1999:52). Por exemplo, conforme se verificará no decorrer desta investigação, a idade de 60 anos estabelecida pelas instituições governamentais para designar a categoria de idosos não corresponde a delimitada pelos entrevistados, pois para estes, normalmente, a experiência da velhice se inicia em uma idade bem mais avançada. No interior desse grupo social, importa mais o critério relativo às condições saúde para trabalhar, do que a idade cronológica.

estimulando-os a rememorar fatos que culminaram em suas condições de vida hoje. Contudo, considerou-se sempre que o ato de rememorar é, antes e fundamentalmente, um ato individual, e o emprego de um roteiro teve por objetivo facilitar a recuperação dos fatos e não a castração da liberdade. Igualmente, levou-se em consideração a perspectiva de investigação de GARCIA (1992). Segundo essa autora cada grupo ou cada indivíduo tem formas específicas de atuar ao refazer suas vidas, suas histórias, seu tempo, e cabe ao historiador, apenas, reconhecê-las e levá-las em conta, ao realizar seu trabalho.

Em uma segunda etapa das entrevistas, além do gravador, os depoimentos foram registrados pelo emprego de uma câmara filmadora. Conjugaram-se estes dois recursos por se compreender que a oralidade não é a única forma dos indivíduos comunicarem-se, constituindo somente uma entre outras tantas formas de expressão. Um gesto, um olhar, um silêncio, a forma como organizam e apresentam o espaço em que se inserem são também exemplos, e de igual importância¹⁴. Trabalhar sobre essa perspectiva implica em aumentar as possibilidades de aproximação da realidade investigada. Neste sentido é que se capturaram algumas imagens dos idosos durante seus depoimentos, seus momentos de silêncio, a execução de seus afazeres cotidianos, suas casas e a paisagem que os cercam. Estas foram condensadas em um CD Rom que segue em anexo a esta dissertação.

Os idosos entrevistados situam-se na faixa etária de 60 a 88 anos, o que possibilitou investigar como a velhice é vivenciada, tanto pelos chamados jovens idosos, tanto como pelos idosos em idade mais avançadas. Adotou-se esta amplitude etária, tomando como base a argumentação de DEBERT (1999), que critica as novas formas de gestão da velhice das sociedades contemporâneas no tocante à precariedade dos mecanismos de que dispõe para lidar com a velhice mais avançada, omitindo-a e colocando-a à margem da vida social. “A nova imagem do idoso”, afirma esta autora,

¹⁴ De acordo com GAIARSA (1986), a palavra não constitui toda forma a comunicação humana, “(...) a observação atenta das pessoas, tal como o cuidadoso registro cinematográfico das mesmas, vão nos mostrando que qualquer diálogo envolve três conjuntos expressivos simultâneos – quando menos. Primeiro, o que eu disse ou pensei – e que pode ser escrito. Depois o meu tom de voz e/ou a música da frase, que é inteiramente outra coisa, a revelar o tempo inteiro a minha disposição emocional. Quando tristes, com raiva, interessados ou ressentidos, nossa voz revela o tempo todo os sentimento que acreditamos secretos – ou que nem percebemos. Além da letra, da música da palavra, temos a encenação e a dança gestual: as caras, poses e gestos que acompanham a frase. Qualquer pronunciamento envolve todos esses elementos, e a alteração de qualquer um deles altera o sentido do que queremos comunicar. Sabemos todos que é assim, mas arrastados pelos sentidos das palavras, quase nunca lembramos que é assim. Nem usamos – intencionalmente – o que sabemos” (p. 22).

“não oferece instrumentos capazes de enfrentar a decadência de habilidades cognitivas e controles físicos e emocionais que são fundamentais, na nossa sociedade, para que um indivíduo seja reconhecido como um ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania” (DEBERT, 1999:15).

Essa decadência de habilidades cognitivas, de controle físico e emocionais foi testemunhada por BOSI (1983) que, por isso, solicita ao leitor de sua obra, que compreenda os limites que os narradores por ela entrevistados encontraram:

“(...) quando a memória amadurece e se extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado: dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado, dentes falhos, urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis” (BOSI, 1983:3).

Entretanto, a autora tratou, não de ocultá-las, mas, antes, de valorizá-las, ao interpretar as falas daqueles velhos, não apenas como uma narrativa, mas sobretudo como uma “tarefa”, um “auto-aperfeiçoamento”, uma “reconquista”.

Compartilha-se esta visão, pois embora estas debilidades tenham custado a esta investigação um prolongamento não previsto da carga horária, tanto para captação quanto para transcrição das falas: ao todo somaram-se quase cinco meses de visitas (de setembro de 2000 à primeira quinzena de janeiro de 2001) e um mês e meio de transcrição de 48 fitas cassete (da segunda quinzena de janeiro até o final de fevereiro de 2001). Muitos foram os momentos em que as entrevistas tiveram que ser interrompidas ou adiadas porque os entrevistados sentiam-se algum tipo de mal-estar devido à pressão arterial, ou à coluna que doía, ou ao cansaço, etc. Na fase de transcrição das fitas, a dicção confusa de uma voz baixa, rouca, desgastada pelo tempo e o uso de termos próprios de uma geração e uma cultura local, impôs a necessidade de se escutar repetidamente vários trechos das entrevistas. Buscou-se, contudo, interpretar essas dificuldades como elementos de identidade que elucidam a totalidade dos fatos que circundam o envelhecimento humano neste contexto social, ao invés de reduzi-las, simplesmente, a obstáculos próprios de qualquer pesquisa.

Devido também a essas dificuldades, a observação participante impôs-se como estratégia de investigação. Realizaram-se as visitas quase diariamente e durante o período em que as chuvas se intensificaram, dificultando o acesso de automóvel, a pesquisadora hospedou-se na casa de um dos entrevistados.

Nesses dias de convivência pôde-se experimentar mais intensamente o cotidiano daquela realidade: o dormir em colchão de palha e estrado de bambu, o banho de “chuveiro de balde”¹⁵, o tomar o desjejum ou a primeira “merenda” às cinco e meia da manhã, almoçar às 10 horas, o acompanhar o trabalho na lavoura que se inicia no alvorecer do dia para melhor aproveitar a luz do sol.

Assim, através da observação participante foi possível, não somente compreender o cotidiano da vida local, como evidenciar a interação e a dinâmica, entre os atos e discursos desses velhos. Em outros termos, essa metodologia de pesquisa explicitou, além das próprias condições existenciais e culturais daquele contexto, as formas de relação dos atores sociais dentro delas. De outra forma, seria impossível à pesquisadora, com sua origem e trajetória de vida eminentemente urbana, buscar desenvolver aquele movimento de “*tornar o exótico em familiar*” que, segundo DA MATTA (1978:144), leva “o estudioso a tomar contato direto com os pesquisados, obrigando-o a entrar num processo profundamente relativizador de todo o conjunto de crenças e valores que lhe é familiar.”

Os aspectos fisiológicos da velhice foram investigados por meio da inclusão, no roteiro de entrevistas, de questões referentes à condição clínica, ao comportamento alimentar, e ao perfil nutricional, este último avaliado através do Índice de Massa Muscular (IMC).¹⁶

O estudo do comportamento alimentar e do perfil nutricional foi privilegiado, porque percebeu-se que o grupo entrevistado dedica à alimentação grande importância¹⁷, e também porque o seu comportamento alimentar,

¹⁵ O chuveiro de balde é uma adaptação local: coloca-se uma tomeira na parte mais baixa de um balde de lata, aquece-se a água no fogão à lenha, despeja-se no balde que é então dependurado no teto. Para facilitar o enchimento do balde com a água aquecida, normalmente, dependura-se o balde a uma altura que impossibilita as pessoas de maior estatura permanecerem de pé, como a pesquisadora, que tomou banho de joelhos.

¹⁶ O IMC é um indicador do estado nutricional que relaciona os parâmetros antropométricos peso e a altura, através da seguinte fórmula: $IMC = p/h^2$. Como critério de diagnóstico é bastante útil, tanto a nível individual como populacional, por ser muito simples de ser calculado e permitir comparação com estudos nacionais e internacionais. Estudos com populações idosas de vários países demonstraram um decréscimo no IMC com o aumento da idade. Em muitas populações o IMC é maior entre as mulheres do que entre os homens. Se a altura não alterar, o decréscimo no IMC reflete, principalmente, um decréscimo no peso corporal. Contudo, quando a altura também decresce, e isto ocorre no envelhecimento, o IMC é maior que nos grupos de idade de jovens com peso estável. Os estudos constataram que também o IMC varia amplamente com as características ambientais e étnicas das populações.

¹⁷ Também BOLTANSKI (1989) em seu estudo sobre os comportamentos corporais em diferentes classes sociais observou que os membros das classes inferiores também atribuem grande importância à alimentação “eles consagram mais tempo ao preparo dos alimentos que os membros das outras

conforme se observará adiante, está sujeito às mesmas normas com as quais interage com seu corpo, e este com o mundo objetivo ao seu redor. Neste sentido, o ato de comer, é entendido conforme o define GARCIA (1992):

“Comer, ação praticada pelo homem diariamente, impossível de ser suprimida, mas que não pode resumir-se a à alimentação de células. Comer percorre a existência do homem e coexiste com valores instalados na sua cultura, com significados para o indivíduo e para sociedade” (p. 77).

Dessa forma, o estudo do comportamento alimentar possibilitou constituir uma dimensão histórica do estado fisiológico dos indivíduos, porque os problemas decorrentes de excessos ou deficiências nutricionais refletiram, não somente práticas contínuas de comportamentos alimentares inadequados ao longo de muitos anos - exemplo destas são aquelas afecções que com maior frequência acometem a população idosa como disfunções cardiovasculares, diabetes, entre outras - como também, o universo simbólico sociocultural que dita os hábitos de consumo alimentares. Pois, tal como afirma CASCUDO (1983), entende-se que a alimentação está “muito mais poderosamente vinculada a fatores espirituais em exigência tradicional que aos próprios imperativos fisiológicos. Comemos não o substancial, mas o habitual, o lícito pela norma” (p. 28).

classes e permanecem na mesa mais tempo que aqueles, são mais numerosos a tomar um lanche no meio da manhã” (p. 154). Nessa investigação, percebeu-se que a alimentação representa o produto e a finalidade de seu trabalho, o remédio para alguns problemas de saúde, a moeda para algumas negociações, etc.

4. O CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

Córrego Fundo, local onde foi realizada a pesquisa, localiza-se no município de Viçosa, na Zona da Mata mineira. Trata-se de um povoado rural, cuja formas de organização e de relações sociais nele observados, aproxima-o do conceito de bairro rural definido por MELLO E SOUZA (1977), e que se caracteriza por

“ser uma estrutura fundamental de sociabilidade, onde ocorre o agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas” (p. 62).

De acordo com este autor, quando há no interior destes bairros uma unidade frouxa, ele são denominados como bairro rurais centrífugos, e quando, ao contrário, há uma vida social e cultural mais rica, que favorece a convergência entre vizinhos em atividades comuns, pode-se denominá-lo como bairros rurais centrípetos. Córrego Fundo se enquadra, de maneira mais apropriada, na primeira modalidade.

A organização e as relações sociais de Córrego Fundo, encontram-se correlatas ao desenvolvimento histórico da região e do município. Por isso, entende-se que, o recurso à história, faz-se necessário e explica aspectos da realidade empírica experimentada por aqueles velhos, cuja ausência comprometeria as interpretações dos depoimentos dos mesmos.

Entretanto, como esta investigação, não diz respeito a um estudo de comunidade - como se frisou anteriormente, o intuito que levou a empreendê-lo

foi registrar a experiência de vida de seres humanos que envelheceram no meio rural - o que se procurou delinear nesse capítulo, foram somente os fatos essenciais de natureza econômica, política, social e cultural, no desenvolvimento histórico da região da Zona da Mata mineira, que serviram de referência à organização e às relações sociais estabelecidas nas áreas rurais dos municípios que a compõem, mais especificamente, do município de Viçosa.

O delineamento histórico da região da Zona da Mata mineira toma como ponto de partida o contexto de decadência do ciclo minerador no século XIX, quando, segundo VALVERDE (1958), a população mineira começou a dispersar-se para o interior da mata à procura de novas terras, passando a ocupar-se, principalmente, da agricultura e criação numa economia de subsistência.¹⁸

Foi, seguindo o curso deste tipo de povoamento para o interior, que em 1800 nasceu o povoado de Santa Rita do Turvo, resultado da fusão de colonizadores portugueses, índios e negros¹⁹, que, à procura de terra para cultivo, fixaram-se às margens do Rio Turvo, onde fundaram-se as primeiras sesmarias e propriedades rurais, dando origem ao pequeno núcleo populacional, embrião do atual município Viçosa, oficialmente decretado, de acordo com BARBOSA (1971), em 1911.

¹⁸ Economia de subsistência refere-se aqui àquelas atividades agropecuárias destinadas à garantia das condições mínimas de sobrevivência e manutenção daqueles povoadores, com sentido similar ao conceito de “mínimos vitais” cunhado por MELLO E SOUZA (1977).

¹⁹ Conforme afirma PANIAGO (1983), cada elemento étnico citado acima, o branco, o negro e o índio, possuíam uma bagagem cultural, cujos traços se interagiram num processo dinâmico no tempo e no espaço, dando origem à cultura rural viçosense. Nesse sentido, ainda de acordo com esta autora, embora não seja possível asseverar, categoricamente, que a presença de um traço cultural específico seja o responsável por determinadas reações, atitudes e valores de um grupo social, em contrapartida, também não se pode negar sua influência neste grupo. Uma observação criteriosa da prática cotidiana do presente de uma dada sociedade, à luz de uma incursão ao passado dos seus antecedentes étnicos, torna possível desvelar os traços culturais que lhe são peculiares. Por exemplo, o tipo de agricultura primitiva praticada em Córrego fundo, conforme relatado pelos idosos entrevistados, assemelha-se àquela praticada pelos africanos no primórdio do município de Viçosa. De acordo com PANIAGO (1983:88): “(...) herança de padrões importados da África: as curvas de nível não eram utilizadas, não havia a preocupação de um aproveitamento racional da terra, não se utilizava a rotatividade de culturas, eram comuns as queimadas para a limpeza dos terrenos, a colheita era manual e os produtos agrícolas guardados em tuias rudimentares. Todo o trabalho era feito com o uso das enxadas, enxadões e foices(...) o plantio do café morro acima é uma reminiscência do escravo Banto que ainda pode ser visto em alguns sítios e fazendas da região de Viçosa” Da mesma forma que, ao se observar no prato do morador de Córrego fundo a presença diária do milho na forma de angu, de mingau, de farinha de milho torrada tomada com leite, da canjiquinha, da broa e outras quitandas, pode-se suspeitar da presença de um traço da cultura indígena, que hoje compõe a cultura local.

O tipo de agricultura praticada, de acordo com VALVERDE (1958), no município de Viçosa, também se caracterizava, desde o seu início, por uma agricultura de subsistência. E, embora alguns autores afirmem que a emergência do setor cafeeiro e seu rápido crescimento intensificaram a penetração dos territórios mineiros, Martins citado por FORTES (1983), pondera que na Zona da Mata, nem todos os municípios eram cafeeiros. De acordo com o referido autor,

“(…) apesar de não haver dados sistemáticos da produção por município durante o século XIX, fontes contemporâneas revelaram claramente que os municípios interiores da Zona da Mata – Ponte Nova, Piranga e Santa Rita do Turvo - estavam além da fronteira cafeeira, pelo menos até os anos 80... e, mesmo assim não alteraram a estrutura econômica mineira e suas linhas mestras: auto-suficiência e desligamento dos mercados externos” (p. 6).

Desta forma, sem jamais ter conhecido cafezais extensos, a zona rural do município de Viçosa, segundo FORTES (1983), caracterizou-se pela presença de fazendas, sítios, ou roças auto-suficientes, formadas à custa de solo florestal, cuja mata era derrubada para o plantio de culturas diversificadas (as mais tradicionais eram o arroz, o milho e o feijão), pelo isolamento do mercado externo e pelo emprego de tecnologia primitiva²⁰.

Quanto à forma de organização produtiva, até meados do século XIX, empregava-se mão-de-obra escrava. Posteriormente, medidas políticas como a abolição do tráfico de escravos em 1850, e a libertação dos mesmos em 1888, não somente acentuaram ainda mais o número de pequenas propriedades familiares na Zona da Mata, como conduziram à adesão a sistemas de produção baseados no pagamentos de diárias e parceria. Tais sistemas serão explicitados adiante, quando se discorrerá sobre as formas de organização da produção predominantes em Córrego Fundo, atualmente.

Em Viçosa, segundo PANIAGO (1983), no início do século XX, o sistema predominante era a parceria, sob a forma de meação, o que restringia o potencial produtivo da lavoura de café e contribuía para diversidade de

²⁰ Esta paisagem que se reproduziu em muitas povoações da Zona da Mata do século XIX não escapou, no primórdio do seu processo de povoamento, aos olhos do naturalista Auguste de Saint Hilaire, conforme pode-se observar neste depoimento: *“Ao longo de toda a estrada de Ubá ao Paraíba não se anda um quarto de légua sem encontrar alguma habitação, mas em geral, não passam de choupanas. Uma fazenda raramente apresenta um edifício único; ordinariamente se compõe de pequenas casas construídas sem ordem, mas cujo conjunto é quase sempre pitoresco. Essa multiplicidade de pequenas construções parece poder explicar-se de modo plausível pela natureza dos estabelecimentos rurais. O homem que os começa é ordinariamente muito pobre; ergue uma humilde choça; mas se pouco a pouco a sua lavoura aumenta, adquire um negro, depois outro, e à medida que suas necessidades exigem, levanta uma nova choupana ao lado das antigas”* (SAINT-HILAIRE, 1830:38).

culturas, pois dava os meeiros o direito de cultivar para si cereais no meio de cafezais. Para VALVERDE (1958), esse sistema apresentava problemas de natureza econômica e social muito graves, por agrilhoar o lavrador à empreitada do fazendeiro. De acordo com esse autor, teoricamente, se tudo corresse bem, ambos, lavrador e fazendeiro, deveriam prosperar; mas quando a lavoura ia mal por um motivo qualquer (más colheitas, superprodução, geada, etc.) o fazendeiro tinha, geralmente, reservas e crédito suficiente para superar a dificuldade, porém o meeiro era levado a bancarrota e a fome. Na prática, além disso, este autor aponta, a existência de outro mal que estava vinculado ao sistema de meação: é que não havendo salário, o lavrador e sua família dependiam, para viver, de adiantamentos entregues pelo fazendeiro, o qual geralmente os fazia não em dinheiro, mas em espécie, na venda da fazenda, a preços quase sempre exorbitantes. Ficava, assim, essa forma de parceria subordinada ao regime do “barracão” ou dos vales.

Concorrendo ainda para que o café ou qualquer outro tipo de monocultura nunca chegasse a se constituir um importante meio de captação para o município, observava-se o emprego de formas rudimentares de exploração das terras ocasionando a baixa produtividade dos solos, e o contínuo processo de retalhamento das propriedades. A alternativa econômica encontrada pelos pequenos produtores para a substituição da cafeicultura foi intensificar a exploração de pecuária e as culturas tradicionais de milho, feijão e arroz. Essas atividades não foram capazes, contudo, de absorver a mão-de-obra utilizada no cultivo do café. Por isto, verificou-se, a partir da década de 40, o esvaziamento da região com emigração para o eixo Rio de Janeiro - São Paulo - Belo Horizonte e conseqüentemente, a decadência do atividades agrícolas. As dificuldades sempre crescentes e a não implementação de uma política incentivo e de reforma agrária, fez com que este processo de esvaziamento das áreas rurais estendesse até os dias atuais.

Diante desse breve histórico da região da Zona da Mata e das áreas rurais do município de Viçosa, prossegue-se discorrendo sobre Córrego Fundo hoje.

Esse povoado encontra-se a 17 km da sede do município de Viçosa. Limita-se com os municípios de Teixeiras, São Miguel do Anta, e Pedra do Anta, situando-se, inclusive, mais próxima das sedes destes municípios que de

Viçosa. No passado, quando pela região comunicava-se com os povoados vizinhos, somente por trilhas percorridas a pé ou a cavalo, era mais comum os seus moradores recorrerem aos centros urbanos dos municípios de Teixeiras, São Miguel do Anta e Pedra do Anta, do que ao de Viçosa. Hoje, o tráfego para estes municípios vizinhos ainda é grande, mas intensificou-se a comunicação com o centro de Viçosa devido à criação de uma linha de ônibus intermunicipal (Córrego Fundo – Centro de Viçosa) que circula três vezes por semana, partindo no início da manhã e retomando ao final da tarde.

Segundo relatório da Prefeitura Municipal de Viçosa (1999), nas proximidades de Córrego Fundo situam-se os seguintes povoados²¹ rurais: Água Fria, Cachoeira de Santa Cruz, Cascalho, Deveras, Estação Velha, Macuco, Pedreira, Pião, São José do Triunfo, Santiago, Tico-Tico, Violeira, Córrego Santa Tereza, Condé, Silêncio, Posses e Buieíé.

Córrego Fundo possui uma pequena capela, uma mercearia que funciona somente à noite de segunda à sexta-feira e aos fins de semana também durante o dia; e uma escola de nível fundamental. Não possui posto de saúde, sistema sanitário e algumas habitações, luz elétrica.

A paisagem deste bairro rural é análoga a um rio e suas vertentes, que seriam as várias grotas por onde se distribuem as habitações com suas roças. Essa conformação dificulta a interação entre os moradores, sendo que, em alguns casos, mesmo quando vivem em uma mesma grota, a imagem de isolamento predomina, corroborando a designação de centrífuga que lhe foi anteriormente atribuída.

Nas regiões mais planas, foram construídas as moradias cercadas quase sempre pelo paiol, as hortas e terreiros destinados às pequenas criações, menos freqüentemente pelo moinho de milho, e raramente, pelo engenho de moer cana. A propriedade desses dois equipamentos, o moinho e engenho, embora de construção artesanal, conforme se observará adiante nos depoimentos dos idosos, constituem entre outros, fator determinante das relações de hierarquia dentro da estrutura social de Córrego Fundo.

²¹ O termo povoado é empregado aqui, no mesmo sentido que MELLO E SOUZA (1977), ou seja, refere-se, indiscriminadamente, a qualquer lugar ou vilarejo habitado. Nesse momento, restringiu-se o uso do conceito de bairro rural, conforme explicitado anteriormente, pelo fato das informações obtidas em relação a estes povoados vizinhos limitarem-se a localização topográfica, não fornecendo elementos referentes ao tipo de organização social no interior dos mesmos.

Seguindo a trajetória histórica da região apontada ainda a pouco, nas terras ao redor da casa, observou-se o cultivo de culturas tradicionais de subsistência: o milho intercalado com o feijão e, em algumas encostas mais elevadas, o café. O arroz, hoje, raramente é cultivado nas várzeas, e somente alguns poucos moradores insistem no cultivo. Este abandono é explicado, também, pela seca dos brejos, ataque dos pássaros, falta de condições físicas daqueles idosos, e do pequeno retorno financeiro. De resto, o que se pode observar são pequenas áreas destinadas a pastagem das criações de maior porte (bois, vacas, cavalos), e as capoeiras nas zonas mais altas. O solo gasto, devido ao emprego de formas de cultivo impróprias, por um longo período - desde os primórdios de sua ocupação, conforme analisou FORTES (1983) - tomou o uso de adubo imprescindível, encarecendo o custo de produção.

Segundo a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), vivem neste pequeno povoado aproximadamente 85 famílias, que se distribuem hoje entre pequenas propriedades, fruto do desmembramento de antigas fazendas, e adquiridas predominantemente por herança. Prevalece a pequena produção e tem seus interesses direcionados para a manutenção e reprodução do produtor e sua família.

Entretanto, nesta comunidade, a exemplo do que foi observado por FORTES (1983) em outras comunidades rurais do município, a produção não obedece à condição de preço de mercado, o qual deve ser suficientemente alto para proporcionar um lucro médio. Ao contrário, os pequenos produtores penetram no mercado como agentes de uma exploração agrícola não capitalista, pois vendem para comprar o que não produzem e não para acumular – e compram, cada vez mais, desde roupas, utensílios, até alimentos e bugigangas dos vários tipos. Como os contatos com o mercado variam de intensidade, sem que haja um fluxo econômico cujo volume impeça a precária reprodução física e social desses produtores, eles vivem hoje um processo de empobrecimento e decadência da sua produção de subsistência (FORTES, 1983).

Quanto às formas de organização da produção em Córrego Fundo atualmente, prevalece conforme observado nas demais áreas da região, o sistema de meação e o pagamento de dia. A meação, segundo os idosos, é um sistema de produção no qual o proprietário da terra cede uma parcela ou toda

ela para ser cultivada por terceiros, os quais dividem com o proprietários, os produtos cultivados.

O pagamento de dia consiste na compra da força de trabalho de um indivíduo por dia, recebendo este último um valor X que varia segundo o fornecimento, ou não, de refeições (merenda e almoço) durante a jornada de trabalho. A comunidade, refere-se por analogia, a essas duas modalidades como *“trabalho molhado”* ou *“trabalho seco”*.

Um terceiro sistema de cultivo, citado pelos idosos, e muito empregado no passado em Córrego Fundo, era a troca de dia. Neste sistema, os proprietários revezavam entre si no cultivo das suas terras. Dessa forma, através de um compromisso moral entre eles, garantiam mão-de-obra para os períodos de grande demanda de serviço, isentando a todos os participantes de qualquer compromisso financeiro. Essa é hoje uma modalidade quase extinta na comunidade, sendo praticada por pouco moradores.

De acordo com aqueles velhos o problema da escassez de mão-de-obra hoje, está agravado pelo êxodo das populações mais jovens que saem em busca de outras oportunidades de vida. Segundo os depoimentos este êxito se dá em função das grandes dificuldades de sobrevivência que estes jovens esbarram tais como: alto custo de insumos e equipamentos, sobrecarga de trabalho, insegurança financeira, etc. CAMARANO e ABRAMOVAY (1997:2), em um estudo preliminar sobre a evolução histórica dos movimentos migratórios rurais-urbanos e sobre as condições de vida no campo, constataram que a migração rural brasileira parece longe de ter chegado ao fim, segundo estes autores:

“(...) Aproximadamente 40% da população que vivia nas áreas rurais no começo dos anos 70 deixou o campo nesta década. Ao contrário do que se esperava, o fluxo que deixou o campo nos anos 80 foi expressivo: um terço de todos que viviam no meio rural em 1980, deixaram o campo nesse período, o que representou aproximadamente, 13 milhões de pessoas. Entre 1990 e 1995 este movimento migratório atingiu quase 4 milhões de habitantes, não estando aí incluída a população menor de 5 anos por não dispormos de dados de fecundidade para o período. Isto significa 28% da população rural. A inclusão da população menor de 5 anos, baseada numa hipótese de fecundidade decrescente adicionaria aproximadamente, 600 mil pessoas neste fluxo. Ou seja, estaríamos falando de uma evasão rural em torno de 4,6 milhões de pessoas, equivalente a 30% da população que vivia no campo em 1990. Em outras palavras, o Brasil na virada do milênio persiste no movimento de desruralização cuja intensidade parece não ter se atenuado muito nos últimos anos.

Este movimento migratório, ainda segundo CAMARANO e ABRAMOVAY (1997:2), apresenta algumas particularidades como o crescimento do contingente

feminino e jovem, o significa que “o campo brasileiro, além de persistir no esvaziamento, está envelhecendo e se masculinizando”.

No entanto, DELGADO e CARDOSO JR. (2001) explicam que o fenômeno do “envelhecimento rural”, ocorre não somente em função do êxito das populações mais jovens, mas também, graças às mudanças ocorridas no sistema previdenciário brasileiro, que, a partir da constituição de 1988, assegurou o direito universal à aposentadoria aos trabalhadores rurais. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes ao censo de 1996, mostram que o estado de Minas Gerais possui 1.929.093 habitantes com idade igual ou superior a 55 anos, sendo que entre esses habitantes, 432.759 (22,43%) vivem na área rural.²²

²² Infelizmente, o IBGE não divulgou o percentual da população residente na zona rural do município de Viçosa por faixa etária.

5. A EXPERIÊNCIA DE VIDA DE ALGUNS IDOSOS

Ao final da segunda parte destacou-se que os clichês que se constroem em relação à velhice baseiam-se no fato, de acordo com BEAUVOIR (1976:5), de que, quando se considera o homem idoso enquanto objeto da ciência, da história e da sociedade, procede-se somente a sua descrição em exterioridade, entretanto, ele é "um indivíduo que interioriza a própria situação e a ela reage". Esse fato, segundo a autora, encerra a velhice em uma pluralidade de experiências individuais que, impossibilita retê-la em um conceito ou noção.

Como então investigá-la? A essa questão responde BEAUVOIR (1976), que o que está ao alcance do pesquisador é somente a possibilidade de confrontar as diferentes experiências de envelhecimento umas com as outras, e de tentar identificar as constantes, e determinar as razões de suas diferenças.

O presente capítulo trilha esse caminho apontado por BEAUVOIR (1976). Nele, através dos relatos orais dos idosos, serão apresentados, sucessivamente, as trajetória de vida no que se refere ao convívio familiar; situação de moradia, financeira e de propriedade; suas práxis no passado e no presente; suas condições de saúde e alimentação; e suas diferentes formas de inserção e interação com o mundo.

O intuito, nesse momento, é registrar a voz e, através dela, a experiência de vida e o pensamento dos idosos sobre a sua própria velhice. Contudo, algumas considerações prévias sobre os limites que essa proposta metodológica encontrou, tornam-se necessárias: primeiro, que embora, tenha-se intencionado, a transmissão fiel

das falas daqueles velhos, “faltou-lhes”, nos termos de BOSI (1983:2), “a liberdade de quem escreve diante de uma página em branco e que pode apurar, retocar, refazer”. Essa tarefa coube à pesquisadora, que buscou reproduzi-las, o mais próximo possível, tanto no que se refere à forma, quanto ao sentido, de suas falas. Dessa maneira, restringiu-se a presença da pesquisadora, aos aspectos que possivelmente inviabilizariam a compreensão da trajetória de vida daqueles velhos, a saber: na descrição dos espaços físicos; na explicação do significado de expressões locais; na ordenação sequencial dos fatos.

Depois, deparou-se, com os limites do corpo. Neste sentido, o corpo, apresentou-se, como um “instrumento de comunicação às vezes deficitário” (BOSI, 1983:3). Conforme se descreveu anteriormente, muitos foram os momentos em que as entrevistas tiveram que ser interrompidas ou adiadas porque os entrevistados sentiam-se cansados ou com algum tipo de mal-estar. Na fase de transcrição das fitas, a dicção confusa de uma voz baixa, rouca, desgastada pelo tempo e o uso de termos próprios de uma geração e de uma cultura local, também se constituíram em obstáculos, a transmissão leal do discurso daqueles velhos.

O discurso dos idosos, inclusive, remete à última consideração sobre os limites de se dar “a voz” aos atores sociais. Essa consideração, diz respeito a frustração que se processa ao tentar buscar nas falas destes velhos um discurso sistematizado e teoricamente elaborado. Para alcançar tal abstração, seria preciso que estes senhores e senhoras, tivessem tido acesso às condições necessárias ao seu desenvolvimento, que, segundo BOLTANSKI (1989), se processa no âmbito da “instituição escolar e que, não se limitando a transmitir palavras, mas também, conceitos e mecanismos de pensamento, modifica por isso mesmo a própria intenção intelectual” (BOLTANSKI, 1989:89). Essas condições, conforme se verá, não foram observadas. Os velhos entrevistados, quando muito, receberam, parcialmente, instrução de nível primário.

Entretanto, isto não implica, que se esteja inferindo, que o discurso destes velhos seja destituído de quaisquer significações, ao contrário, o que se pretende é chamar atenção para existência de formas específicas de significações daquele contexto social. A compreensão dessas formas específicas de significações esta relacionada ao estudo das condições objetivas de sua produção, ou seja, do sistema de coerções que o determina.

Feita estas considerações, passa-se, a seguir, a apresentar o depoimento de alguns dos idosos entrevistados:

Senhora Maria da Natividade Timóteo (dona Maria dos Milagres)²³, 67 anos, nasceu no dia 08 de setembro de 1934. Viúva aos 32 anos, já era mãe de três filhos pequenos, um filho com seis anos, uma com quatro, e um com um ano e seis meses. Aos 40 anos foi morar com o senhor José Onório, com quem teve mais uma filha.

Nenhum dos filhos que possui trabalha na lavoura. Um filho mora no município de Mariana e trabalha na construção civil; o outro vive em Viçosa e é entregador de gás; uma filha mora em Pedra do Anta e é dona de casa, assim como a outra filha, que vive em São Paulo.

Quando indagada sobre a partida dos filhos, dona Maria dos Milagres entende que *“que cada um tem sua vontade livre”*, e também, que saem pra *“catar um salário melhor por que na roça o coitado pra comer passa muito mal, passa uma vida de cão”*.

Os filhos que moram nos municípios vizinhos, segundo dona Maria dos Milagres *“de vez em quando vem”*, mas *“a que tá em São Paulo, tem cerca de nove anos que não a vê, esta “custa a vim porque tem cinco filhos(...) ela quer vir e trazê as crianças tudo (...) pois é, quanto fica a passagem de cinco filho, ela mais o marido? Coitada, num tem jeito...”*

Dona Maria dos Milagres vive hoje com o companheiro na região mais alta da grota da Pedreira, uma região mais isolada onde se pode ver ao longe, apenas uma casa na vizinhança.

A casa, construída pelo marido possui, dois cômodos, quarto e cozinha, essa última é pequena e compõe-se de um banco e uma prateleira de madeira, onde ficam guardadas as panelas de ferro, as latas de mantimento, e os *“tambor”* vazios para armazenar a carne *“abafada”*²⁴ na banha de porco, conforme o costume da região. Há ainda uma mesinha redonda onde ficam as

²³ Em Córrego Fundo, é mais comum as pessoas referirem-se umas as outras pela alcunha do que pelo nome de registro ou batizo, nesta investigação, segue-se a tradição local.

²⁴ É costume na região a carne ser conservada na banha de porco. Depois de frita, ela é imersa na banha e armazenada em latas de alumínio, conforme descreve dona Maria dos Milagres *“se arruma um capado, eu guardo carne seis meses, ocê come ela com coisa que ela tá fresca (...) Olha a compreensão, eu tiro ela e vou rapando ela toda, quando for mais logo, eu ponho ela dentro de uma vasilha d’água. Agora quando for logo, eu forro um tabuleiro. Qualquer uma vasilha mais larga, e vou pondo aquelas pastilhas da carne, e vou pondo ela com água, mas lá na hora de fritar, eu ponho ela na gordura fria, na gordura que eu fritei ontem, uma comparação. É então que eu vou pôr ela pra fritar, com aquele sabor todo do tempero, né? E ponho ela na lata, com seis meses eu ainda agaranto.”*

canecas esmaltadas e a garrafa de café, e o fogão de lenha. Ao lado do fogão tem uma banqueta onde a dona Maria dos Milagres deposita a lata d'água que traz da bica para cozinhar, pois a água que utiliza na casa vem da *“nascente lá de cima”* e passa pelo quintal, perto da horta. A casa é escura, porque possui apenas uma janela e uma porta de acesso na cozinha, e não possui eletricidade, a noite a iluminação é a base de querosene. Tem ainda uma pequena área coberta na parte externa, onde é guardado o milho colhido e a lenha para o fogão. Nos fundos do quintal, descendo uma trilha estreita e um pouco escorregadia, está a horta *“muito ruim”*, segundo julgamento de dona Maria dos Milagres. Essa horta possui alguns pés de couve, uma parreira e umas mudas de ervas medicinais como macela, de arruda, e de baspim, as quais dona Maria dos Milagres utiliza, habitualmente, para preparo de chá, quando sente algum mal-estar. As frutas do quintal são: um *“pezinho de limão”* e um mamoeiro, cujos frutos, afirma Dona Maria dos Milagres, são *“os passarinhos que comê”*. Na frente da casa há ainda a plantação de milho, de feijão e de café.

Dona Maria dos Milagres nasceu em Córrego Fundo, mas viveu *“fora”* do povoado durante 53 anos, porque o pai era proprietário de um *“terreninho”* de apenas *“20 litros”*²⁵, quando *“viu muitos fio apertado”* decidiu ir embora pra plantar em terra *“do zoutro”*. Relembrando as andanças do pai conta:

“Quando eu nasci, eu nasci aqui, depois nós mudou daqui pra distrito de Pedra do Anta, de Pedra do Anta, São Pedro. Dai nós voltou pra aqui outra veizi, daqui, daqui nós foi prum tal de Baú, distrito de Amparo da Serra, um lugar longe, um dia de viagem a pé. Ô Deus mas nós cortou um pai égua!!! Por lá nós ficou uns três anos, nós desceu de uma casa ficou um ano, passemos pra distrito de Pedra do Anta, nós fiquemos três ano, depois nós voltou pra Amparo da Serra, tivemos mais três anos, aí é que nós voltou pra distrito de Pedra do Anta”.

Trabalhando na roça desde o sete anos de idade, ela lamenta que não pode freqüentar a escola, *“nem escola papai pode dá pra nós”*. Sendo a mais velha dos filhos, ela tinha que ajudar a criar os outros irmãos, o pai era muito rígido, conforme afirma:

²⁵ Segundo informação de um técnico agrícola, a medida em “litros”, empregada com frequência no passado, refere-se a um montante do produto colhido, que preenchendo uma lata com capacidade, em média, de 18 litros, corresponderia a uma área X de terra cultivada, sendo que esta correspondência varia com o produto. Por exemplo, 20 litros de milho colhido, equivale a uma área em torno de 1 hectare, se o produto for o feijão, a mesma área corresponde a 60 litros, e no caso do arroz, a 50 litros. Convertendo estes valores para quilograma do produto, correspondem, respectivamente a 1.800, 600 e 2.500 k.

“(..) eu fui criada numa dificuldade. Falava com nós uma vez e olhava de banda, e se nós num compreendesse, tinha uma varinha de tacão, uns 60 centímetros, uns 45 centímetros de largura, e de dois em dois dedos aqueles ilhóis aqui, e ela era de uns 65 a 70 centímetros de comprimento, que era pra bate ni nós..., e eu apanhei sem merecer com a tal de varinha de tacão, me calombava, fazia aqueles caroço direitinho. Agora ocê bate como num boi com vara cheia de nó, que fica aquela marca de sangue junta no lugar? E pra trabaia minha filha? Eu tava com sete anos e já trabalhava na roça.”

Viveu com o pai até quando completou 23 anos, idade em que se casou foi trabalhar na Fazenda Paraíso, depois do município de Pedra do Anta, distante de Córrego Fundo “*umas quatro légua e meia*”. Depois que se casou, dona Maria dos Milagres lembra que

“(..) batia pasto, desgostava brejo, candiava boi, ajudava a encher carro de esterco, capinar, apanhar café, sempre nas terras do zoutro, e ainda tinha que dá conta do serviço da casa, cozinhar pra trabalhador, lavava roupa, torrava café, socava arroz, moía milho no moinho à noite (...) dia de sábado aquele bitelo de saco de milho, tudo na mão, de noite”.

Durante o período em que ainda trabalhava nesta mesma fazenda, ficou viúva e conheceu o atual companheiro, seu Zé Onório, o qual trabalhava para os mesmos patrões de dona Maria dos Milagres. Antes mesmo de se casar com dona Maria dos Milagres, seu Zé Onório deixou a Fazenda para tocar uma roça por conta própria, quando precisou de ajuda de mão-de-obra, contratou alguns trabalhadores. Foi esse o motivo da segunda união de dona Maria dos Milagres com seu Zé Onório, ajudar a “*tratar de trabalhador*”:

“(...) ele largou a fazenda, passou a morar sozinho, mas muito difícil, tocava roça, mexia com moinho, mexia com entrega de milho pro zoutro, café, essas coisas tudo... Aí foi indo, foi indo... apareceu trabalhador lá pra serrar madeira. Aí ele quis que eu fosse pra lá pra cozinhar, lava roupa, pra tudo. Eu falei: eu posso até ir, que tudo nesse mundo tem um acordo, e tem um modo de a gente entender com o outro, né? Aí vai, eu fui. Dava conta de tudo. Aí ele falou assim: Ocê podia combinar pro ocê ficar aí. [e ela respondeu] Eu tenho medo dos estrupios. Bom passou, passou... ele foi, tratô de casar quando fizesse um ano. Aí eu fiquei lá e ajudei a tocar a roça, luta com a fazenda, luta com uma coisa, luta com a outra. Ocê sabe que a vida na fazenda é difícil pra todo mundo. Aí, eu fiz pra ganhar essa tal Aparecida. Aí Deus ajudou foi tudo em casa, foi tudo em paz, daqui, dali... foi só sacrificá pra nós criar ela.”

Viveu nessas terras com seu Zé Onório, durante 41 anos. Quando saiu de lá estava com 64 anos. No dia quatro de julho de 2000, fez três anos que voltou a morar na Pedreira.

Depois de receber um dinheiro que com “*letra promissória*” ela e o companheiro combinaram de receber do patrão por um serviço prestado, e com

a venda de dois capado que criava, compraram as *“três quarta de terra”*²⁶ na qual vivem hoje.

Nesta terra que normalmente *“tocam”* sozinhos por falta de recurso *“pra pagar trabaiaador”*, cultivam o milho, o feijão e o café. Como não possuem um moinho, comercializam o milho e compram o fubá para as despesas da casa; o feijão é somente para as despesas; e o café, recém-plantado, ainda não pode ser colhido, conforme explica dona Maria dos Milagres: *“as mudas são novas.”* Também pela falta de um moinho não possuem nenhum um tipo de criação, pois, segundo ela, é difícil manter as criações de pequeno porte (porco, galinha), quando não se tem as condições para moer o milho.

Atualmente, dona Maria dos Milagres e seu Zé Onório, sobrevivem com o dinheiro da aposentadoria²⁷, que recebem há 11 e seis anos, respectivamente, e com o que colhem na plantação. Segundo dona Maria dos Milagres, somente o benefício financeiro da aposentadoria não é suficiente para as despesas, sendo necessário que ela e o seu Zé Onório, administrem com cautela, estas duas fontes de recursos, conforme explica:

“(...) então qué dizer que o que ganha num dá direito pra comer não(...) nós inteira com milho aqui, nós planta feijão, nós planta milho, assim alguma coisa que der pra nós comprar mais barato a gente compra, pra economiza, que num dá mesmo(...) a gente vai economizando daqui, dali, pra ver se Deus ajuda aqui, e faz com que a gente corta um dedo emenda outro, corta um dedo emenda outro, pra ver se Deus ajuda que dá certo, que o negócio é apertado.”

Diante desta precariedade de recursos, diz recorrer a proteção divina, para zelar pela sua sorte e a de seu marido:

“(...) tô pondo as mãos pru céu, rezo todo dia pra nosso senhor encaminhar nós, né? Pruque a idade já é bastante, nós for sacrificá mais, iguale era antigamente, num güenta, né? num güenta não. Por causa da idade que já é bastante. Nós já trabaiou o que tinha que trabaia.”

Quanto a sua saúde, Dona Maria dos Milagres, afirma que está debilitada, por que sente, freqüentemente, *“queimação nas pernas”* e explica que trata-se de *“veia entupida ou reumatismo”*.²⁸ Explica que esse mal-estar é

²⁶ De acordo com dona Maria dos Milagres, um alqueire equivale a quatro quartas.

²⁷ Conforme se assinalou anteriormente, a Constituição promulgada em 05 de outubro de 1988, assegurou o direito universal a aposentadoria por velhice aos trabalhadores rurais, a partir dos 60 anos para os homens e dos 55 anos para as mulheres, e no valor de um salário mínimo.

²⁸ Segundo BOLTANSKI (1989), os membros das classes populares incapazes de emitir um discurso que reproduza o do médico ou mesmo de repetir textualmente o discurso deste, constróem com o discurso do médico, um outro no qual se exprimem quase que apesar deles próprios. Ainda segundo este autor, e conforme se observará neste trabalho, também através de um jogo de reinterpretações, constróem suas representações da doença, isto é feito através dos materiais fragmentados e heteróclitos, palavras mal entendidas, frases desconsideradas, emprestadas

decorrente, de um lado, do trabalho intenso a que seu corpo esteve submetido durante toda a sua vida, e de outro lado, a própria idade:

“Eu já trabalhei muito: já candiei boi pra cortar terra debaixo de chuva o tempo inteiro, já ajudei encher carro de boi de esterco, de tudo quanto é coisa já fiz, tem razão de hoje eu já num tá guentando trabalhar. Que vai indo, vai indo também o cérebro cansa, e os nervos num guenta, né? (...) Gente véia é companheira de nenen novo, um dia, dois ele tá bonzinho mesmo, alimenta bem, aquela coisa tudo, e já um outro dia da semana ele tá muito enjoado, parece que ele panhó quebranto, parece que panhó mal olhado, fica dando muito trabaio, a mãe num qué sair da mão, gente véio é a mesma coisa, parece, né? Tem dia que eu fico pensando: eu podia ser aquela quando eu tava com 30 anos de idade, eu batia pasto, eu comia qualquer coisa, eu desgostava brejo pro zoutro, eu ajudava a batê brejo de foice, eu comia qualquer coisa, batia pasto igual condenada, no meio de uma turma de homem aqui. Hoje, coitada de mim, cadê pulso prá trabaia? Já num guento, enfraquecido...mas tudo nesse mundo tem fim, e nós somos os primeiro porque a carne humana é uma carne muito fraca, né? Então quer dizer que ele já é mortal.”

Dona Maria dos Milagres possui um peso baixo para a sua estatura, e afirma que se alimenta com restrição porque possui problemas no estômago. Durante 10 anos fez “*jejum*” devido a um episódio de gastrite, e hoje não costuma “*facilitar*” com o que come. O intestino, diz que “*é ressecado*” e quando “*falha*” toma o remédio, explica que esse é um problema de “*nascença ou de família (...) da natureza*”, entretanto, evita “*uma comida mais ressecante*” como “*o arroz, a farinha, o gambá suado*”²⁹ e procura “*sempre uma comida mais rala, uma sopinha de macarrão*”. Possui também dificuldade para se alimentar devido aos problemas da dentição. Muitos dentes foram extraídos, e os que ainda permanecem estão visivelmente danificados.

A alimentação, igualmente, está mais restrita devido à dificuldade de acesso de alguns gêneros, que antes eram adquiridos no próprio local de moradia, e hoje para obtê-los, é preciso comprá-los “*na rua*”. A carne, é um exemplo, citado por dona Maria dos Milagres:

“(...)sempre a gente engordava capado, né? Agora que tudo é comprado, agora as coisa mudou, né? (...) a gente as vezes pede o conforto mais num tem, aquilo que é uma precisão, igual eu, num tem um capado, uma galinha, nós este ano vendeu 36 sacos e meio de milho, se tem moinho pra nós engordar um capadinho, nós tinha (...) a gente fazia fartura, trabalhava mais, mas fazia fartura que hoje.”

do discurso médico. E através de mecanismos como o uso de analogias com elementos do seu universo, por exemplo, a perna que queima como fogo ou a veia que entope, que permite perceber características particulares do discurso sobre a doença própria dos membros das classes populares.

²⁹ O gambá suado é uma preparação típica da região, feito com fubá, água e banha de porco (Apêndice C).

Conforme relatado anteriormente, os recursos financeiros de que dispõe são escassos. Quando necessita de assistência médica, recorre ao posto de saúde municipal de Teixeira ou de Pedra do Anta, onde consulta gratuitamente. Entretanto, queixa-se que as visitas ao médico acarretam novos gastos, em função dos medicamentos prescritos, que são pagos:

“gasta quase que diariamente com remédio....gente veio cada dia é uma coisa, cada dia é uma macacoa, a pessoa passou do 50 ano pra lá, coitado, todo dia é uma macacoa, cada dia é uma coisinha daqui, uma coisinha dali, se fosse as despesas só, tava tudo bem, né? Dava pra sobrar, mas se for gastar com esses remédios (...) é apertado.”

Confessa que um dos seus temores em relação à velhice e aos problemas que esta acarreta é a perda de sua autonomia:

“Eu peço a Deus uma boa hora de morte. Morreu, cabô. Num vai dá trabaio a ninguém, nem coisa nenhuma né? Agora, a pessoa pena. Uma, que ninguém tá pra fazer favor mais. Ocê sabe que num tá, né? Hoje tá tudo correndo atrás, né? Essa já é uma coisa. Agora, a pessoa pena, eu acho que pena uma, dois, ou pena três. Porque tá ali ajudando, tá penando também. Ele tá ali ganhando o seu troco, mas tá penando também: qualquer hora chama, qualquer hora quer comê, quer um café, quer uma água. A verdade também é que a pessoa na cama é uma tristeza: uma hora o outro tá de boa vontade, outra hora num tá, é uma coisa daqui, uma coisinha dali, num é mesmo? Então eu fico pensando: “ô gente, tenho muito medo de pená nesse mundo” Igual o coitado do meu pai, penou seis meses, mamãe também penou seis meses (...) era banho, era comê.”

Se por um lado, afirma que a vida está melhor, porque hoje vive na sua casa, nas suas terras, o que implica uma certa estabilidade, se comparada à época em que morava nas terras alheias, conforme expressa:

“Graças à Deus tô sempre feliz, por que no tempo que eu morava por terra do zoutro eu vivia num sufoco danado, quase sem hora de dormir, né? Mas quer dizer que agora graças a Deus, depois que eu passei do 62 anos pra cá, louvado seja Deus, eu lá vou favorecendo, né? Já tô na minha casinha, tô no meu terreninho, com os poderes de Deus, é pequeno mas tá siuvindo , né? Num é quer dá futuro (...) num é que a gente tem dinheiro sobrando (...) Como é ditado: quem mora por terra do zoutro é o mesmo que passarinho na copa das árvores, na mesma hora que tá num lugar já passa pro outro.”

Por outro lado, dona Maria dos Milagres queixa-se que o lugar onde vive atualmente é muito isolado, não oferece muitos recursos estruturais, e que a vida na roça é muito difícil:

“Se for procurá uma consulta tem que sair daqui pra Viçosa, se for ir à missa, até que tem a igrejinha aqui embaixo, mas é difícil pra ir porque só celebra missa à noite, de noite é poucas pessoa que vai, né? Agora, pra comprar comição, tem que ir pra Teixeira ou tem que ir em São Miguel; agora, quem viaja muito pra Viçosa e tá mais acostumado lá, já compra lá, lá tem algum lugar que a gente explore um bucadinho as coisas compra, né? Por tudo isso aqui na roça é o lugar mais péssimo de viver, agora a gente rezando, pegando com Deus, Deus pode proteger e a gente viver mais de acordo, né? (...) O pior é que a pessoa aqui na roça, ele pode lutar uns 50 ano, quando Deus protege que ele vê algum aumento nesta vida, que ele vê ao meno

independente, ainda tá muito bom, e quando num dá pra ser assim? Aí que o negócio é apertado, e esse coitadinho que véve dos braços, ganha cinco, seis, sete reais pra comê, para manter a família, aqui na roça o negócio tá de amargar, hem? (...)"

Contudo, apesar de dona Maria dos Milagres perceber que as condições de sobrevivência para as pessoas, em geral, que dependem da venda do trabalho diário nas zonas rurais, estão bastante difíceis, por causa da sua idade avançada conclui resignada:

"vou fazer mais o quê? fazer futuro na vida mais num faço, fazer de quê jeito? Pessoa tando de idade, fazer futuro na vida?"

*

* *

Senhor Romualdo Lopes de Almeida (seu Nêgo), 88 anos, nasceu no dia 8 de fevereiro de 1912. Viúvo, pai de dez filhos: uma filha mora em Belo Horizonte, um filho em São Paulo, e sete que moram na região (Córrego Fundo e vizinhanças), e uma filha, Dona Lirinha, mora com ele. Seu Nêgo, ainda mora com um neto solteiro, e outro casado, sua esposa e a bisneta, filha do casal. Os filhos que moram nas vizinhanças trabalham todos na lavoura. Normalmente, aos domingos e nas datas comemorativas, como o Natal e Dias das Mães, segundo D.Lirinha, os filhos vêm visitar, e a *"casa fica cheia"*.

Entretanto, seu Nêgo pouco comenta sobre os filhos, com exceção de D. Lirinha, que foi viver com ele quando ficou viúva. Seus filhos, nesta época, ainda eram pequenos e foi seu Nêgo, segundo ela, quem a ajudou a criá-los:

"meus menino tava tudo pequeno. Tava tudo novo...ele me ajudou a criar meus menino, né? Pai duas vezes, pai duas vezes porque ajudou a cria meus filhos, e agora tô olhando ele" (Depoimento Dona Lirinha).

Quando indagado sobre a família, reporta-se mais às lembranças dos cuidados maternos durante a sua própria infância:

"todo dia mamãe me dava um prato de canjiquinha e eu comia, e gostava da canjiquinha, gostava muito de canjiquinha, aí quando nós ia brincar de roda lá no terreiro com as menina todo mundo perguntava: "qualé que é durão?" "eu sou." Aquele negócio que eles cantava, né? E mamãe falava: "você é durão na canjiquinha" [lembra sorrindo].

Seu Nêgo, recorda-se, igualmente, do convívio respeitoso e devotado que mantinha com pai: *"era um santo"*. Foi ele quem lhe ensinou a trabalhar na lavoura, e deu-lhe as terras onde fez a sua casa, criou seus filhos e trabalhou durante toda a sua vida, depois do casamento.

A casa, construída por ele mesmo, é uma casa grande, de tijolos, rebocada, o piso é de madeira corrida, com o pé direito alto, da mesma forma que as portas e janelas, que também são estreitas. Na frente da casa existe uma pequena estrada que desemboca diante de um jardim que colore a fachada da casa. Adentrando, existe uma sala ampla, pouco mobiliada: somente um sofá grande e velho, uma estante de madeira onde fica o aparelho de televisão e alguns *bibelots*, e uma pequena poltrona em um canto, próximo à janela; na parede, retratos pintados da família e uma imagem da Virgem Maria. A sala dá acesso direto a dois quartos pequenos, situados nas duas laterais opostas, e caminhando um pouco mais para o interior, depara-se com a copa. Esta última, é bastante ampla, e possui uma mesa no centro; um *Frizzer* antigo, modelo horizontal; e um armário de cozinha guarda-louça. Conjugada a este cômodo, há mais um quarto, e em um nível abaixo, descendo uns três degraus irregulares, fica o banheiro, e a cozinha.

A cozinha tem o formato de um L, na parte mais comprida, possui um fogão a lenha, um fogão a gás pouco utilizado, segundo Dona Lirinha, e uma pia. E na parte menor, há um grande banco de madeira³⁰ e um armário de fórmica vermelho e branco de duas portas, velho. Saindo da cozinha existe uma pequena área externa, com um tanque onde Dona Lirinha e a nora lavam roupa.

No quintal, um pouco adiante da saída da cozinha situa-se uma área coberta sob a qual fica o engenho de cana, movido a tração animal. O engenho deixou de ser utilizado na fabricação da rapadura faz três anos, de acordo com neto, por falta de mão-de-obra, e devido a uma queda no preço da rapadura. Entretanto, há a expectativa de que os preços voltem a subir no próximo ano, e o engenho volte a funcionar. Conforme explica o neto, este ano, estão trabalhando com outro ramo, o café, enquanto aguardam o preço da rapadura melhorar, para então tornar a plantar cana. A rapadura além de se destinar à venda, também servia as despesas da casa e fazia parte dos hábitos da família, dona Lirinha se queixa da “*saudade da rapadura*” e que “*esse açúcar*”

³⁰ Neste banco, de madeira, antigo e desconfortável, seu Nêgo, apesar de queixar-se, constantemente, de dores na coluna, tem o costume de ficar deitado, sozinho, durante o dia. Aí permanece, enquanto os demais membros da casa mantêm-se ocupados em suas atividades cotidianas.

[branco] *não adoça...a gente faz café com rapadura adoça demais, e desse açúcar num tá adoçando não.*”

Nos fundos do quintal fica o paiol, onde é armazenado o milho, o feijão e o café. Guardado no paiol, também ficam o moinho de café e uma balança pra pesar “os *mantimentos*” que são comercializados pelo neto, na região. Na parte mais baixa do terreno por onde corre a água do córrego, fica o moinho d’água que se destina à produção do fubá e da canjiquinha.

Neste quintal, as espécies vegetais misturam-se, entre ervas medicinais, capim, flores silvestres, pés de laranja, limão e mexirica, folhagem de horta (couve, serralha, alface) e leguminosas (inhame, mandioca e batatinha). Até poucos anos atrás, na lavoura plantava-se para vender e para despesas da casa, o milho, o arroz, a cana, o feijão, e o café. Atualmente devido, à queda nos preços e à dificuldade de mão-de-obra, somente o café tem sido cultivado para venda, os outros gêneros destinam-se, exclusivamente, às despesas da casa. O arroz constitui uma exceção, por causa dos prejuízos ocasionados pelos ataque dos passarinhos à plantação: “*quando dá o cacho passarinho chupa tudo*”, e também pelos danos que causa à saúde, conforme explica seu Nêgo, “*o brejo molhado, num tem saúde*”, o cultivo foi abandonado definitivamente.

Hoje, o responsável pela produção é o neto casado que, normalmente, contrata trabalhadores diaristas para auxiliar na lavoura de café. Quando chega o período de colheita do café trabalham, na lavoura, todos os membros da família, inclusive, dona Lirinha³¹. Seu Nêgo, até três anos atrás ia pra lavoura, mas por problemas de visão deixou de trabalhar. O neto lembra com orgulho que “*até os 80 ano os novo perdia pra ele na enxada*”. Seu Nêgo, ainda hoje, quando refere-se ao trabalho da lavoura, fala como se ainda dele participasse:

“Tivesse chovendo, tinha plantado o milho também, mas sem chuva...aproveita outubro terra molhada, é o mês de melhor plantar, planta outubro mesmo, né? A gente planta antes, às vezes planta depois, mas antes fáia muito. É pegá a chovê que dá pra nascer, mas se dá de faía de chovê, planta de castigo, em cima de solo muitos dias, aí num nasce não... Hoje o serviço tá apertado demais, Nossa Senhora!!! Tem prazo de nada”.

Além de se esforçar em acompanhar as atividades da família, também acompanha a da vizinhança. Quando se indaga sobre o cultivo do arroz na

³¹ Destaca-se a participação de Dona Lirinha, porque a mesma faz parte do grupo de idosos entrevistados, conforme pode ser observado nas entrevistas do Apêndice A.

região responde; *“por aqui ninguém mais tá plantando arroz, ninguém mais tá plantando, não.”*

Seu Nêgo nasceu na Fazenda do Patamão, situada próximo à Pedreira, a fazenda pertencia ao seu avô:

“Fui nascido e criado ali, saí dali com a idade de catorze anos pro Casca, pra lá de Canaã, e dali nós tivemos uns quatro anos, mas depois nós num ganhou dinheiro com a fazendinha que papai comprou, vendeu e depois ele veio pr’aqui [Córrego Fundo], em 32, dia 20 de fevereiro de 1932.”

Desde criança, ele trabalhava na roça; lembra que não foi à escola até os 14 anos. Quando a família morava em São Miguel do Anta - um município que fica *“retirado duas léguas e meia do Casca”* - apareceu um *“mestre bobo”*, com quem aprendeu *“pouco”*, porque o pai o tirava da aula *“pra candiar bol”*, mas se recorda risonho *“que achava bom [porque] num gostava da aula”*, mas ainda assim cursou até *“o terceiro ano, que antigamente era primeiro, segundo, terceiro, e quarto, né?”*

Por outro lado, o trabalho da roça conhece bem, e explica como se avalia a qualidade de uma terra. Segundo ele:

“Terra boa vira assim, senhora olha o mato que dá na terra, é o que dá o sinal se a terra é boa. Porque se ela for valverde, se for uma terra enrascada, ela num salta nem mato, qualquer mato num sai bonito nela. Agora a senhora vê nela aí um barbeiro, serraia, cariru, pois é, pode saber que a terra é boa.”

Seu Nêgo viveu com os pais até os 24 anos quando, se casou e construiu sua própria casa no terreno doado pelo pai, relembra:

“Quando eu casei eu queria fazer a casa lá em cima, pra não ocupa aqui, né? Achei que papai num deixava porque o terreno aqui é muito bom. E o coitado falou “ faz a casa aqui embaixo, porque você não faz nessas minas aqui?...eu fui achei bom e fiz, porque lá pra cima pra morar é pior, aqui o terreno era muito bom. Era um santo”.

Seu Nêgo afirma que nunca precisou trabalhar de empregado nas terras *“dos outros”*, trabalhou somente como *“terceiro de roça”*³² nas terras da avó, quando ainda era solteiro, e depois de casado somente *“pra pagar o dia trocado”*, mas afirma que:

“(...) trocava para agradar os companheiros, que ele gostava muito de mim(...) somente trocava com a pessoa de confiança, porque um dia trocado eu vou pro outro, ele vai e não me paga o dia, como é que ele trocou o meu serviço, né?”(...) eu vou, e ele num tá no serviço. Então nós trocava com quem era bom pra pagar, porque tem gente que é só conversa, né? Põe aquela conversa na

³² O terceiro de roça, é sistema de plantio derivado da meação, só que nesta modalidade, o proprietário da terra recebe somente a terça parte dos produtos cultivados.

gente, mas a gente já conhecia a turma, né? A turma percebeu [que não trabalhava] nós num trocava dia. Pegá no serviço, pegá a amassar também, atapaia tudo, aí nós num sente isso como um companheiro bom...eu já panhei 12 companheiro na roça, tudo bom, num precisava nem de olhá pro serviço, pegava com um deles embaixo, de repente tava no alto, capinava era muita coisa mesmo por dia mesmo. Ah porque tem que ter pulso pra manter uma enxada o dia inteiro, né?”

Foi depois do casamento que ele passou a condição de proprietário. Atualmente, é proprietário de três alqueires, porque uma parte de suas terras, depois que a esposa faleceu, distribuiu entre os filhos. Segundo seu Nêgo, quando se aposentou “tava com 67 anos”, faz 21 anos que recebe a aposentadoria.

Recorda-se de ter conhecido sua esposa “lá no Paula”, uma comunidade vizinha. Naquela época ele estava com 18 e ela com 15 anos. Namoraram durante seis anos, aos 22 anos casou-se. Quando sua “patroa” faleceu havia completado 46 anos, os filhos todos estavam solteiros, e ainda moravam com ele. Lembra com pesar que embora tenha gastado “*muito dinheiro com ela* [a esposa tinha câncer] *num teve jeito. Dia 23 de outubro ela faleceu, tá com 46, né?.*”

Seu Nêgo ficou cego de um olho aos nove meses de idade, conseqüência, segundo ele, de uma meningite que contraiu. Ressalta que se curou, graças à intervenção de um “*doutor do mato*” a quem seus pais, naquela época recorreram. Neste episódio, seu Nêgo também registra o sentimento de solidariedade que havia na região, pois o “*doutor do mato*”, além de lhe curar a meningite, fez uma promessa à Santa Lúzia, segundo a tradição cristã, protetora dos olhos, para que retornasse a sua visão comprometida pela meningite, conforme relata:

“Naquele tempo tinha o doutor do mato, que eles falavam, né? Raizeiro, ele fazia um chá, um chá bom, ele tinha que trazer as coisas, mas sabedoria e estudo ninguém tinha não. Ele tratava de nós. Ele era esses homens véio que tratava dos outros (...) Então esse tal chegou, mamãe já tava lá. Foi quando ele chegou lá no quarto e falou com minha mãe: ‘a senhora quer cumadre? eu vou aplicar um remédio nesse menino, mas num vou engana não senhora, nove dia e nove noite com a boca aberta, mosquito entrava e saía, ele é veneno, deixa um pouco incômodo, mas num mata não’, aí ela falou, Seu Lino, era que o homem chamava ‘Ah seu Lino, se o senhor acha que pode dar, pode dar, num tem importância não’. Quando ele deu. Ah, quando veio a noite, veio o choro, e eu num chorava não, caladinho (...) Veio o choro, pessoal todo chorou (...) Outra vista, graças à Santa Luzia, [que] o doutor fez promessa, [e também] aos banhos com leite de cabra, voltou (...)”

Entretanto, hoje, seu Nêgo afirma que enxerga muito pouco com este olho também. E além deste problema de saúde, queixa-se de *“muita dor nas cadeiras”*, que atribui ao trabalho intenso que exercia no passado:

“Desde criança que eu trabalhava na roça, no pesado assim, tem dia que nós puxava um bucado... Antigamente o que marcava pra nós a hora de trabalhar era o sol, quando o dia saía nós tava pegando, quando ele entrava que nós largava”.

Assim como, aflige-se com episódios recorrentes de insônia e lapsos de memória:

“Teve tempo aí que eu fiquei ruim pra dormir, acordava num sabia bem onde eu tava, eu chamava Lirinha pra dizer onde eu tava, tava no meio da capoeira, saía fastiado pelo mato afora, quando chegava lá dentro e cabava, sumia o pessoal tudo, eu ficava sozinho dentro da capoeira, num alto de morro, onde é que eu vou agora?”

“(...) ah, tô esquecendo demais, pessoal novato fala comigo e daqui uns dias eu já nem sei mais.”

Para ele, o quê o deixa *“fastiado”* e com *“a cabeça variada”* são *“os vermes... eu tô precisando tomar remédio, e os médico num quer dar remédio [para verminose]”*. Já, dona Lirinha, sua filha, também atribui como causa destes problemas, a falta de atividade física: *“porque a pessoa também, ele anda pouco, num pode andar que tá chovendo, no barro num pode andar, né? Então num esforça, a pessoa fica parado, né?”*

Seu Nêgo toma diariamente remédio para *“o nervoso”*, e também com bastante frequência, mas não todos os dias, remédio para tratar o problema do intestino, que, segundo ele *“é ressecado”*. Costuma ingerir ainda, quase diariamente, o remédio para aliviar a dor *“nas cadeiras”*. Quando sente-se mal recorre, de imediato, aos chás de D. Lirinha, persistindo o problema, dirige-se ao farmacêutico em Teixeira, ou em última instância recorre ao Posto de Saúde ou Policlínica do município de Viçosa.

Com baixo peso corporal, seu Nêgo diz que tem dificuldade para se alimentar, o que ele atribui a diversas causas: primeiro, à falta de apetite e paladar; depois, aos problemas de saúde, como, por exemplo, a ausência de dentição, e ainda a inatividade, conforme se pode observar nas suas diferentes justificativas as dificuldades de se alimentar:

“Eu como porque preciso comê, né? Num vejo gosto não. Eu gosto muito de carne, e vai e põe carne, eu vejo gosto. Feijão, arroz, essas outras coisas, batatinha, ah... como aquilo e num tô vendo gosto daquilo. Meu paladar, eu num sei...”

“... sem dente, eu falo com Lirinha “cozinha a carne bem cozida”

“... trabalhando o apetite chegava, né? No cabo do machado, cortando cada pau que tá danado, tem que ter força mesmo se não num vai. O cabo do machado era um tônico para mim.”

Mas relata que quando esteve recentemente internado no hospital de Viçosa, e a enfermeira lhe serviu canjiquinha, ele “baixou” na canjiquinha. E ainda pediu mais *“a senhora pode trazer todo dia pra mim...”*.

Seu Nêgo, afirma que nos tempos de sua juventude gostava de freqüentar os bailes que havia na comunidade, e recorda-se com alegria da carrilha que se formava durante estes bailes. A carrilha, segundo ele, era um tipo de brincadeira de roda que montava em verso, uma cantoria, onde cada participante da roda emendava o verso do antecessor. Alguns trechos ainda guarda na memória, e canta:

“era baile de dançar a noite inteira. (...) Fazia gosto o baile, e cantava e dançava. (...) Toda música era sanfona, e cantava verso, cantava tudo quanto há, cantava linha era bonito, pegava a carrilha, era uma influência medonha. (...) E assim é que é a linha do Dão, agora fala Nêgo na cartilha do Dão, número um é avestruz começou a coleção, número dois é na ave que avoou foi pro sertão, três é no burro quando marcha é trotão, quatro é a borboleta avoou foi pro sertão, cinco é o cachorro que vigia seu patrão.. E aí vai até vinte e cinco que é a vaca, né? [Explica sorrindo], vinte e cinco deu na vaca arrematou a coleção”.

Seu Nêgo foi o presidente e um dos fundadores da Conferência de São Vicente de Paula em Córrego Fundo. Esta conferência é formada por um grupo de cristãos ligados à Igreja Católica, e dentro da comunidade promove eventos de auxílio às pessoas carentes, encontros de casais, missas, celebrações religiosas, etc. Foi fundada em 1954. Hoje, por causa dos problemas de saúde, a presidência da Conferência foi passada ao seu neto. Seu Nêgo não participa dos eventos porque tem dificuldade de se locomover *“pra mim é difícil ir lá”*.

Dentro de casa também vive isolado, vive marginal às atividades cotidianas. Quando se indagou se poderia contribuir dando o seu depoimento neste trabalho, D. Lirinha respondeu de imediato: *“ele gosta de conversar (...), fica chamando lá no quarto pra conversar, [mas] a gente panha serviço em casa, tá apertado, né?”*

*

* *

Senhora Maria Antônia da Silva (dona Quita), 79 anos, nasceu no dia 05 de janeiro de 1921. Viúva. Mãe de quatro filhos. Uma filha, mora em uma casa vizinha no mesmo terreno; outras duas, vivem em São Paulo e um filho que morava com dona Quita faleceu, segundo ela, recentemente, envolvido em uma briga, “*negócio de colega*”. Dona Quita lamenta:

“o sofrimento que passei, Nossa Senhora!!!! Passei muito male, e passo, porque num tinha quem manda, tem essa aqui [a filha vizinha], mas num é todo dia que ela pode ir na rua, né?”.

A filha, que mora na casa vizinha, é também mãe de quatro filhos, entre eles uma moça casada. Tanto a filha como a neta moram em casas vizinhas construídas no terreno de dona Quita. Essa filha trabalha na lavoura. As outras duas filhas foram para São Paulo, tentar outras formas de sobrevivência, conforme explica:

“Diz elas que queria ganhar a vida (...) eu num tinha jeito de nada pra elas, falou que ia embora, foi, né? Num tinha jeito de dá elas nada, nem roupa num tinha pra vestir não... Ocês quer ir eu num tô mandando, mas ocês tão com vontade de experimentá, vai, né?”.

Contudo, Dona Quita ressentia-se da ausência das filhas, que não costumam visitá-la:

“Ah... filho, boba, alguns quer, outros não quer (...) Dica [a cumadre] conhece todas duas, tem uma que é boa de vida. Nem, nem alembra (...), ela já veio, teve uma ocasião que ela andou por aí afora (...) e depois ela sumiu. Agora a outra eu mandei falar com ela, fala assim: ‘O Eva ocê telefona pra Ana, e telefona pra Nene, fala com ela pra vim antes de eu morrer, depois que eu morre ela num precisa vim não’. Ela mandou fala comigo que ela vai desmagrecer Dica, ela tá esperando desmagrecer pra arruma roupa. Hum...boba, bobeira, não? (...) mas como diz num quer me vê, num quer coisa, né? Chorava demais por conta deles, agora eu num choro não boba. Eu fico acabando os meus anos de vida...”

Hoje dona Quita mora sozinha, tendo a companhia de um neto, somente à noite, para dormir. Durante o dia fica sozinha.

A casa é pequena, feita de tijolo com “acabamento” de cimento pichado, o piso é de chão batido, sem iluminação elétrica e construída com o auxílio da prefeitura. São três cômodos adjacentes, sala, quarto e cozinha. O banheiro explica, “*ainda tá pra fazer, diz que mês de janeiro eles vem*”, mas ressalta com expressão desconfiada, “*eu num voto mais não, a idade, né?*”. Na sala há uma cama de solteiro onde o neto dorme e uma mesinha num canto da parede, na qual há um quadro de uma imagem sagrada. Na cozinha fica, em um canto, um fogão à lenha, cuja fumaça espalha-se por toda casa, uma prateleira de madeira com algumas panelas muito “*ariadas*” e uma mesa

redonda, também de madeira. A casa fica em um terreno de aproximadamente meio hectare herdado do pai. Possui um terra aparentemente seca e vermelha, não há nenhuma horta ou pomar, apenas algumas aves de criação. Segundo dona Quita, não se cultiva no terreno porque *“num tem lugar pra plantar, tinha lá em cima, mas agora comprou uma vaquinha, né? Pra dá leite pra esses menino (os netos), num dá pra plantá mais”*.

A grota onde vive, situa-se em uma região isolada por uma cadeia de montanhas, chamada, pelos moradores locais, de Deveras; o acesso é difícil, sendo mais seguro transitar a pé, a cavalo ou de charrete. O pai de dona Quita veio de Guaraciaba e construiu um rancho ali naquela região para se fixar; foi nesta grota que Dona Quita nasceu, cresceu, criou os seus filhos e vive até hoje. Desde *“o tempo do pai”* trabalhava na lavoura, mas *“sempre em terra do zoutro”* pois nunca teve terra próprias para plantar. Trabalhava em regime de parceria, à meia, ou recebendo pagamento por dia de trabalho. Mas, conta que *“passava muito male, tinha que trabalhá de sol à sol, chuva... pra come, tinha dia que num dava”*. Depois que se casou, a situação não era muito diferente, as condições de vida permaneceram precárias, como afirma:

“Eu trabalhava demais minha filha, os menino tava pequeno, o homem trabalhava, mas num ajudava. Eu trabalhava igual uma condenada em enxada, batia pasto, esse pasto aqui, ó. Trabalhava pro homem [dono do pasto], esse aqui, é meu cumpadre (...) num tinha de comê, né? Tinha que trabalhá pra arranja de comê, né?”

E houve períodos em que, mesmo trabalhando, a comida não era garantida, e dona Quita precisava recorrer a solidariedade dos vizinhos para alimentar os filhos:

“A gente trabalhava demais, e tinha época que num colhia nada, eu mesmo plantava fora, plantei uma rocinha de arroz no brejo. Molhei, atolei naquele barro, capinei, plantei, quando chegou a época de colher, num colhi nada, passarinho comeu o arroz. Depois plantei milho, chegou a época de colhe, num colhi nada. (...) eu tinha dois menino na escola, esse que eles matou, e uma outra que viajou pra São Paulo. E vai, as vezes, num tinha nada para eles ir embora pra aula. Como é que eu arrumava? (...) embora fazer uma farinha, torrava assim na panela, coava com um gole de café, eles bebia e ia embora. E na hora que chegava? Eu já tava pensando 'é hora de João mais Ana chegá', as outras agüentava. Essa daí e a outra, era mais véia, elas sabia num tinha, num ia clama, né? Na hora que eles chega minha filha, que é hora minha filha. Mas, virava na casa de uma cumadre lá atrás: 'O cumadre vim cá pra ocê me dá uns trem aí boba, que lá num tem nada memo'. Ela me socorria. Passei mal demais”.

Ainda hoje, quando necessita complementar a renda da aposentadoria trabalha, mas somente na colheita de café, *“pêga no cabo da enxada”* afirma

“num pega mais não” devido aos problemas de saúde e ao cansaço do corpo. No último ano que passou, conta que não procurou trabalho na colheita de café, por medo dos fiscalização trabalhista, que estava percorrendo as fazendas de café da região, averiguando possíveis irregularidades. Mas afirma que na próxima colheita irá trabalhar, mesmo correndo o risco de encontrá-los:

“(...) num peguei não, que diz que os fiscal vinha, né? Fiquei com medo. Diz que eu num podia assinar a carteira, se eles pegasse minha carteira eu tava ferrada. Mas esse ano eu vou boba, que esse ano que passou, falou que eles vinha, mas num veio. Mas eu panho mais um pouco boba, se vê alguma pessoa deferente, escondendo, né? Eles num sabe que eu tô lá, boba”.

Dona Quita recebe a pensão do marido há 19 anos. E com este dinheiro que compra com moderação os “mantimento” para a sua casa “eu compro feijão, arroz, açúcar, compro toucinho”. Administra cuidadosamente os seus gastos, evitando deixar dívidas, conforme explica, “Eu cato uns trenzinho é barato mesmo, eu nunca compro muito não. Eu tenho medo de morrer boba, e deixa conta”. Também gasta na compra de medicamentos que toma diariamente. Muitas vezes o dinheiro não é suficiente, aí tem que “fiá”, mesmo contra aos seus princípios. Alguns medicamentos adquire gratuitamente quando se consulta no posto de saúde municipal, mas nestes não confia: “como todo mundo fala: uns remédio dado é ruim minha filha. Tem uns que eu compro, o dia que eu num tenho muito dinheiro eu panho fiado”. Apesar desse fato, isto é, de algumas vezes não ter o suficiente para cobrir suas despesas, hoje, afirma que vive melhor, e que no passado, quando ela e os filhos viviam, em alguns momentos, em completa escassez:

“teve uma época que eu passei muito mal, viu. Num tinha nada pra comer, nada. Ih... tem muitos anos boba que passou essa época (...) fui miorando, miorando é agora de uns tempo pra cá.”

O posto de saúde municipal mais próximo da sua casa fica no município de Teixeira, para onde dirige-se a pé. Algumas vezes, perde a caminhada, pois diariamente, o posto de saúde distribui fichas em número limitado para a demanda, sendo comum que, quando dona Quita chegue ao posto, as fichas já tenham sido todas repartidas. A perda da consulta implica também na impossibilidade de adquirir os medicamentos gratuitos fornecidos pela prefeitura, que, para tanto, exige a receita do médico do posto de saúde:

“chega lá num tem ficha, eu falei assim [com o funcionário do posto do saúde]: ‘mas eu tenho que consultar, eu tô passando male’ Chego, num consigo encontra uma ‘já acabou a ficha, tá na hora do almoço, vamos embora’, ‘não,

eu moro longe daqui. Como é que eu vou fazer? Eu num posso entrar na farmácia que eu num tenho dinheiro”.

Queixa-se de tantos “*males*”, e de tantas internações hospitalares que tem dificuldade de definir seu estado de saúde: “*uma confusão que eu tinha, que nem sabia o quê*”. Agora, diz que parou de ficar internada, mas sente com frequência “*dores na carcunda, nas cadeiras (...) queimação no estômago (...) os pé queima*”.

Dona Quita afirma que sua alimentação habitual, hoje, é composta de feijão, couve, arroz, e angu. Basicamente a mesma dieta que costumava consumir no período em que trabalhava na roça do “*zoutro*”. Recorda-se que, transportados nas gamelas³³, iam “*arroz, feijão, angu, mingau de couve. Agora, se tivesse matado ia torresmo, na janta ia carne, né?*”. Entretanto o arroz, explica, era um alimento mais escasso e seu acesso dependia da disponibilidade local, via plantio:

“De primeiro comia o arroz se plantasse, quem plantava comia, e quem num plantava, num comia. Que num tinha jeito de comprar, né? (...) de primeiro minha filha mandava prato de comida pra trabalhador na roça, mandava um prato de arroz pra três companheiro, e o resto era mingau de couve, feijão, angu e na janta era canjiquinha”.

Todos os gêneros alimentícios que consome atualmente, são adquiridos através da compra, porque conforme explica, “*num güenta planta mais não*”. Além disso, limita o que consome pela ausência de dentição (não faz uso de próteses), e pela falta de apetite, o que atribui à idade “*depois que eu fiquei mais velha eu num como é quase nada mesmo*”. Entretanto, possui um peso corporal adequado para sua estatura.

Segundo dona Quita, raramente sai de casa, e quando sai é para ir receber a pensão, fazer as compras de “*mantimento*” do mês, ou consultar. Diz que não gosta de sair de casa porque a “*a gente sozinha, fica alembrando o pessoal da gente, né? Já foi tudo embora*”.

³³ As gamelas, de acordo com explicação dos moradores, serviam para transportar a comida para os trabalhadores comerem na roça. Eram tabuleiros de madeira, sobre o qual se despejava o angu, e em cima dele, depositava-se o restante dos panelões, normalmente, com feijão, mingau de couve ou canjiquinha com pedaço de torresmo, e mais raramente com o arroz e a carne de capado. Hoje a comida vai em marmitas individuais, normalmente com arroz, feijão, angu e verdura, e ainda com menor frequência, com a carne, e quem leva é o próprio trabalhador. “Antigamente era gamela, tabuleiro, eu tenho ele aí até hoje. A gente punha o angu no meio dos tabuleiro, agora depois a pessoa punha uma lata de feijão, botava prato de arroz, a carne punha ali por cima do angu, punha os pratos ao redor e tampava com o guardanapo e punha na cabeça e levava, chegava lá punha pro trabalhador. Comia. Agora leva é ni marmita” (depoimento dona Quita).

*

* *

Senhor Manoel do Carmo Reis (Seu Niquinho), 68 anos, nasceu no dia 28 de janeiro de 1932. É casado com dona Jacira há 45 anos, com quem teve sete filhos. Dois faleceram, um quando ainda era bebê por problemas de saúde, e o outro, aos 22 anos foi assassinado em São Paulo, casou-se sem pedir “o *consentimento*” do seu Niquinho e foi para São Paulo trabalhar, conforme lembra:

“Teve meu filho que foi embora, né? Mas ele me ajudava demais. Resolveu casar novo, foi então para São Paulo. Não me pediu pra mim assinar pra ele casar, casou novo. Mas ele me ajudava muito, ficava aí me ajudava. Mas depois resolveu ir embora, né?”

Três filhas casaram-se e vivem na vizinhança; os dois solteiros, uma moça e um rapaz, moram com seu Niquinho, sua esposa, e uma neta órfã que eles criam. Todos os filhos trabalham na roça.

Seu Niquinho mora em uma casa de tijolo, rebocada, com fachada branca e porta e janelas de madeira pintadas de verde; no interior, o piso é de cerâmica, tem três quartos pequenos; uma sala mobiliada com um conjunto de poltrona forrado por uma napa marrom e com braços de madeira escura envernizada. Na parede há quadros pintados com os retratos dos filhos e do casal quando eram mais novos, e ainda uma imagem de Nossa Senhora. Adentrando, chega-se à copa-cozinha, onde os móveis estão espremidos em uma pequena área que tem no centro uma mesa e no canto o fogão a gás adquirido recentemente. Nesse cômodo ainda há uma estante onde fica o aparelho de televisão à cores conectado a uma antena parabólica também adquirida recentemente. Adjacente à copa, há um pequeno banheiro azulejado com um vaso sanitário, uma pia e chuveiro elétrico. Na saída da cozinha há uma área coberta com um tanque para lavar roupa. Nos fundos da casa ficam a horta e o galinheiro. Em uma das laterais está o paiol, na outra, parte da plantação de milho, e, na frente da casa, a lavoura de tomate. Na área mais inclinada do terreno há “*um bocadinho de milho*” intercalado com feijão. Mais adiante da casa, numa porção mais elevada das terras, fica a lavoura de café.

O tomate, seu Niquinho vende no comércio em Viçosa. Contudo, analisa que plantar o tomate não tem compensado, por causa do gasto elevado

com remédio para matar “os lagarto”. Entretanto, explica que se plantar sem o adubo “num dá”, mas “se fizer as contas num sobra nada, muito pouco”. O milho e o feijão são plantados, exclusivamente, para atender as despesas da casa. O milho é moído em um “moinhozinho tocado a mão”. Já, o café, é cultivado somente para ser comercializado, porque dona Jacira sente-se mal quando torra café, “fica com pressão alta”. Antes, havia também uma plantação de arroz no brejo, que atendia às necessidades domésticas, era pilado em casa mesmo, mas agora por causa da “friagem”, do grande trabalho que demanda, e do baixo preço no comércio, não cultiva mais o arroz. Cria algumas galinhas, um cavalo pra puxar a charrete, e somente uma vaca porque o “pasto é pouco”, e não possui condições de tratar um maior número de criações.

Seu Niquinho nasceu e foi criado em Córrego Fundo. Desde a infância trabalhava na lavoura. Semi-analfabeto explica que não foi à escola porque no tempo dele não havia condições para estudar:

“No nosso tempo não tinha isso não (...) não tinha professora. Algum [pai] tinha que pagar particular na roça. O pai da gente tocava serviço, e ele ficava aflito pra gente chegar, a gente ia chegando ia pra roça (...)num deixava nem entrar dentro de casa, já ficava no brejo trabalhando lá na roça (...) a gente estudava pouco, ia chegando, nem largar os trem dentro de casa papai num deixava, ficava lá na roça (...) de tarde é que ia comer um cadiquinho, e esses menino de hoje ainda acha ruim (...) hoje esses menino goza, boba! se eles num estudar hoje, é porque eles num quer.”

Para ele, as crianças ou “os menino goza hoje”, não somente porque existe maior facilidade para estudar, como também porque dispõem de um tempo maior para viver a infância: “nóis num andava igual esses menino anda aí o dia inteiro, dia inteiro de bicicleta pra lá e pra cá, num tinha tempo de ficar assim trançando, num é Jacira?”

No início do casamento não tinha terras, e por isso plantava “à meia”. Mesmo depois que adquiriu suas terras - “um alqueire e três hectares” - uma parte por herança da mulher, e outra comprada, fez delas inicialmente pasto, e continuou trabalhando na terras dos outros, conforme relata:

“Eu num plantava nada aqui não. Eu plantava com Ladeira, plantava com cumpadre Neco ali do outro lado. Com cumpadre Ladeira eu plantei muitos anos. Plantei com Zé Chiquinho ali uns... Não primeiro eu plantei com Paulinho desde quando casei, eu plantei lá quantos anos? Uns 8 a 10 anos que eu toquei serviço com ele. Daí parei, fui pra mata, de lá num deu certo, com cinco meses voltei pra trás, fiquei morando ali, desta data pra cá eu toquei com João Ladeira e a mulher do Deti, depois tornei a tocar com Totonho de Luiz ali em cima, aí peguei a planta só no meu.”

Mesmo quando começou a cultivar nas suas próprias terras ainda trabalhava fora, muitas vezes pagando o dia trocado,

“pagava serviço com o dia trocado. Nós era nove, dez, companheiro. Quando eles começou era eu, cumpadre Joãozinho... nós era umas doze, quinze pessoa que trocava o dia de serviço. Quando eles tavam tocando, nós ia pra eles. O dia que eu marcava pra mim, se chovesse, passava uma semana sem capina. Tava tudo tratado, depois vinha. Só aquele dia que marcou, amanheceu chovendo, num dava pra trabalhar, tinha que marcar outro dia, na outra semana ainda. Aquele que falhava, num trocava com ele mais não, ele ficava sozinho (...) ficava sem ajuda ele, já num ia pra ele mais não. Pra ele não, aí ele ficava sozinho. Mas era difícil falhar. Agora que parou, né? Cada um toca o seu, né? Se paga é só uma vez por outra só, um companheiro. Não é só aqui não mudou pra todo lado. Ajudava, mas parece que mudou, isso aí mudou. Difícil. Eu acho que diminuiu o serviço também”.

Além do trabalho na lavoura, seu Niquinho também trabalhou recebendo “o dia” em Viçosa, serrando tábuas para fazendeiros nas comunidade vizinhas.

Seu Niquinho recebe a aposentadoria há oito anos, mas ainda trabalha porque embora o corpo esteja “perrengue”, somente a aposentadoria não é suficiente para cobrir as despesas da casa, “tem que trabalhar um cadiquinho porque num dá só, né? Porém, afirma que hoje o trabalho mudou, diminuindo não somente o trabalho dele, como das pessoas, em geral, que vivem em Córrego Fundo:

“De primeiro a gente pulava mais, agora a gente trabalha menos um cadiquinho, né? (...) eu chegava do serviço, trabalhava fora, chegava e ia plantar, covava de tarde, plantava no romper do dia... Chegava de madrugada covava, mesmo capina de noite, eu capinava com a lua mais clara pra chegar no outo dia eu sair mais cedo, pra mim trabalha fora, paga dia de serviço, o dia trocado uai (...) hoje o pessoal tá no bem-bom e acha que tá ruim, de primeiro era só enxada, cova só com enxada. Hoje acabou quase isso. Hoje é trator é riscado, trator riscando, arado, arranja boi e risa.”

Seu Niquinho trabalha na lavoura com a ajuda dos filhos que recebem pelo serviço, por isso não paga “trabalhador de fora não”. E também, é ele quem comercializa pessoalmente sua produção de tomate, no centro de Viçosa. A esposa, conta com orgulho, que “ele é muito animado, ele vai de charrete. Hoje ele animou levar uma caixa de tomate em Silvestre. Ele sai de casa às seis e meia por aí, ele pega e levanta”. O percurso, Córrego Fundo-Viçosa, possui 17 quilômetros e, segundo seu Niquinho, costuma cumpri-lo “quatro vezes por semana”, algumas vezes de bicicleta, ao invés, de charrete.

Seu Niquinho não faz uso de medicamento com frequência, costuma consumir “só chá”. Afirma que a última vez que consultou com o médico foi a pouco mais de um ano, e por causa de uma tosse persistente,

“Num gosto de consultar não. Graças a Deus até hoje num precisou não. Ih...nem sei quando fui ao médico, eu fui no médico eu tava tossindo uma tosse que num queria parar de jeito nenhum. Tem um ano e pouco, mas só isso também, fui no médico lá no São João Batista [hospital], ele [médico] receitou um remedinho pra mim e cabou a tosse.”

Mas, queixa-se de dores “na cadeira” quando trabalha muito. Para ele essas dores advêm do esforço físico do trabalho e de mudanças no corpo, mais especificamente, nos ossos, em função da idade,

“Negócio de dor é só quando eu tô falando com ocê.. .o dia que eu trabalho demais, igual eu pego peso por aí fora, aí quando é de tarde, depois que eu deito, aí a cadeira dói um pouco. Mas, eu levantei, cabou, naquela hora mesmo se eu levantar. As vezes tô cansado de trabalhar, que agora os ossos já tá mais maduro”.

Igualmente, seu Niquinho, atribui à idade e ao trabalho, a redução de seu apetite, apresenta um baixo peso em relação a sua estatura. Com relação ao seu apetite relata:

“A gente num come igual era mais novo. Comemo menos, né? Apetite ficou mais pouco, né? Agora diminuimo (...) é muito calor, porque saúde eu tenho (...) tempo frio a gente come qualquer coisa de calor, a gente bebe mais água, né? Mais novo, num escolhia esse negócio de calor não, nós comia era bem mesmo.(...) Quando eu trabalhava fora eu merendava mesmo: cuscuz, broa, eu estralava ovo de manhã cedinho, que eu trabalhava em serviço pesado, então eu merendava. Na hora do almoço, eu almoçava bem. Agora eu quase num merendo não, porque eu tô sempre por aqui mesmo, né? Agora quando eu vou para a rua, aí eu merendo. Se eu resolver comprar alguma coisinha pra mim comer lá bem, se não resolver, vou almoçar. Mas, é difícil comprar, né? Eu também tenho conhecido lá, num deixa eu sair sem almoço, tem dia que eu num quero, já tô cheio, mas aí eu como uma merenda, tem dia. De manhã eu comia muito.”

Geralmente bem humorado, seu Niquinho sempre faz um trocadilho ou uma brincadeira enquanto conversa. Quando há qualquer evento na igreja local, o que é muito esporádico, participa. Vai a Viçosa três ou quatro vezes por semana para tratar de negócios, fazer compras ou ir ao banco, mas diz que quando “toca cedinho” ainda toma uma “cervejazinha” que “uma vez por outra gosta de tomar”. Na primeira entrevista dona Jacira, sua esposa, comentou que eles já estavam “quase no fim [da vida]”, e ele, imediatamente, discordou : “No fim também num tô não. Não pode desanimar, o fim a gente não sabe o dia, né? Tanto faz os véio como os novo”.

*

* *

Senhor José Gomes da Silva (seu Zé Tatão), 73 anos, nasceu em 11 de janeiro de 1928. Casado, pai de treze filhos, dois faleceram logo após o nascimento *“Deus tirou novinho, nasceu, morreu.”* Na grota vizinha, Pedreira, moram dois que trabalham na roça, plantando *“à meia”* com os vizinhos ou com o próprio pai. Os outros *“menino”*, conforme explica seu Zé Tatão,

“foi crescendo e panhando os documento. Todo mundo querendo tomar seu destino, aí eu num segurei não, deixei todo mundo ir embora (...) saiu tudo, até hoje(...) aí fica nós aqui, nós e Deus.”

Em São Paulo vivem dois homens e três mulheres, em Belo Horizonte uma filha, e no Progresso, uma comunidade próxima, vive mais um filho.

Quanto à partida dos filhos, seu Zé Tatão, de um lado explica como uma condição imposta pelas as dificuldades econômicas : *“A vontade da gente é que morasse tudo mais perto, mas como o custo de vida tá dessa maneira, cada um tem que tomar seu destino.”*

Por outro lado, analisa que partiram porque as relações de afetividade entre pais e filhos se transformaram:

“Eu falo com ela [dona Fia]: o amore, eles [os filhos] usava mais amore. O amore hoje tá falsificado, por qualquer coisinha ele sai de lado. De primeiro, os pai e os filho, os filho iam trabalhando junto com o pai até casá tudo. Casava ali, se tivesse terra ali que eles pudesse morar, bem. Algum cassava que for uma potentazinha, eles iam comprando um pedacinho, mudava pra fora, né? Mas os filhos adoravam os pais, até casar tava junto. Hoje não. Hoje panho idade, panho documento(...) Nós ainda tem dez filho, né? Nós num vão falar que tão sozinho que esse menino [neto que mora na casa vizinha] tá aí, ele se for pra carregá uma lenha, carrega. Pra fazer um serviço aí, pede ele faz. Mas pra dormir só nós e Deus”.

Um dos filhos que havia partido, quando adoeceu, voltou para morar com seu Zé Tatão e esposa, mas faleceu há um ano de câncer.

A casa onde mora com a esposa, dona Fia, é de tijolo e rebocada, tem uma fachada branca com portas e janelas verdes. No interior há três quartos pequenos; uma sala mobiliada com conjunto de sofá marrom, uma estante de madeira sobre a qual fica a televisão e um aparelho de som e alguns *bibélots*, na parede, quadros pintados dos filhos e do casal; entre a sala e a cozinha há um pequeno cômodo onde fica uma mesinha de madeira enfeitada com um forro de centro e um vaso de flores; ao lado, um móvel tipo cristaleira com algumas vasilhas e louças. A cozinha é grande e possui acabamento em

cerâmica; no centro uma mesa, em um canto, a geladeira e um banco grande de madeira, no lado oposto, o fogão a lenha, e, próximo, o fogão a gás que, segundo dona Fia, utiliza pouco. Conjugado à cozinha há uma despensa para guardar as panelas, os mantimentos, e os tabuleiros ou gamelas muito usados no passado; antes de alcançar o quintal, há uma área coberta com um tanque que recebe água direto da nascente.

No terreiro existe, ao lado da casa, o paiol, onde fica um pequeno moedor de café, e, na parte detrás, uma cerca de bambu divide o galinheiro e a horta. No mesmo lado do paiol, fica o terreno para plantação do milho e café. Há também um pasto, *“muito ruim”*, segundo parecer de seu Zé Tatão, para alimentar as criações. Por causa da ausência de um pasto melhor, as criações maiores foram vendidas, restando agora *“só um animale pra charrete”*. Mas seu Zé Tatão planeja que *“se mais adiante o pasto arribá e se Deus ajudar”*, vai compra uma *“vaquinha pra tira leite pra casa.”* Como não possui um moinho para fabricar o fubá, o porco que cria é alimentado somente com o milho em grão e com restos de comidas, conforme afirma, *“tá tratando só com milho e lavagem”*.

Seu Zé Tatão nasceu em *“Barro Branco, lá no Casca, lá pro lado de Cajuri, Coimbra”*, município próximo de Viçosa. Quando o pai se mudou pro Córrego Fundo estava com dois anos. Era criança quando começou a trabalhar com o pai e um irmão no engenho do avô, onde possuía, inclusive, uma atividade específica, como ele explica:

“Eu fui criado com dificuldade, conhecendo ela. Nós trabalhava com nosso avô aqui, num sabia o que era ganhar, trabalhava uns três, quatro meses, na fábrica de cana. Meu pai era tacheiro, eu candieiro de boi e meu irmão Cidinho, tá em São Paulo, era atirador de bagaço.”

Desta forma, a sua infância passou com o pai que num tinha *“muita potencia”*, e o avô que nada pagava pelo serviço, porque dizia que os filhos e os netos deviam *“obrigação”*, o que seu Zé Tatão ainda contesta. Recorda-se daquele tempo em que trabalhava no engenho do avô, como um período de *“muita penúria”*:

“sabe o que nós fazia de tarde pra tomar café? O melado que ficava garrado na tacha, a última tachada, meu pai jogava um balde d’água ali e mexia com o rolo até o doce passá pra aquela água, pegava e trazia, e dava a água doce pra fazer café pra nós. Meu avô num pagava nenhum de nós, diz que nós devia obrigação, num sei de onde saiu essa obrigação?”

Segundo seu Zé Tatão, quando o pai herdou uma parte das terras do avô, a relação que mantinha com os filhos era diferente,

“eu graças a Deus, eu combinei muito com o meu pai e minha mãe, até o fim. Eu num me alembro que eu tivesse dificuldade, nunca ele me chamou pra trabalhar e num pagá.”

Além de trabalhar para o avô, também trabalhava “*ganhando o dia*”, e foi trabalhando para o pai de Dona Maria Aparecida (dona Fia) que a conheceu. depois que se casou, morou no Córrego Santa Tereza, um povoado vizinho, durante um ano, de lá, ainda sem nenhum filho, foi para São Paulo com a esposa, onde ficou “*pouco tempo, um ano e pouco*”, trabalhando na construção civil e informalmente, até a saudade apertar, como ele recorda:

“você já ouviu falar na ESQUIBE? o laboratório de remédio em Santo Amaro. Então, eu trabalhei na fundação dela, furando uns buraco quadrado igual essa cozinha. Furava, jogava picareta, jogava com a pá para fora. Lá nessa firma eu fiquei por pouco tempo, acho que uns seis meses por aí. Eu trabalhei mais por fora. Depois deu saudade vim embora, era época de plantar feijão, [falou consigo mesmo] Ah vou embora.”*

Voltou para Córrego Fundo, pra plantar à meia e trocar o dia com os irmãos solteiros. Nesta época, a mulher já estava grávida do primeiro filho. Quando, seu Zé Tatão, já tinha sete filhos, afirma que a situação estava muito difícil:

“A coisa apertou, o pão de cada dia, o dia que arrumava o arroz, faltava o feijão, o dia que tinha feijão faltava o arroz, o dia que tinha o arroz e o feijão, num tinha o fubá(...) Aí a coisa apertou. Fiquei devendo um pouquinho”.

Com o intuito de “*tirar o débito*”, resolveu voltar pra São Paulo sozinho, deixando a esposa e os filhos. Desta vez ficou em São Paulo dois anos. Quando conseguiu juntar um dinheirinho, e nessa época o total de filhos já eram nove, voltou definitivamente para Minas Gerais,

“aí eu vim, tirei meu debitozinho fora. Limpei o nome. Com pouco tempo eu recebi um recado aí de um conhecido, um primo dela[esposa] que morava lá no Casca, veio me chamar pra morar lá.”

Aceitou o convite e foi trabalhar em Rio Casca com o primo de dona Fia, essa mudança na avaliação de seu Zé Tatão foi positiva: “*foi uma passada abençoada essa última mudança, graças à Deus saí da miséria, era roça mesmo que eu trabalhava, era feijão, milho e arroz. Era de meeiro.*” Ficou em Rio Casca durante oito anos.

* Nome transcrito conforme pronunciado pelo senhor Tatão.

Quando o pai e a mãe faleceram, o terreno onde viviam ficou abandonado, *“ninguém pagava imposto e tinha um aí querendo tomar conta que nem parente era”*, resolveu mudar-se para lá. De acordo com seu Zé Tatão, na escritura do terreno está registrado *“cinco hectares e seis áreas”*, mas as terras ainda fazem parte da herança da mãe que ainda não foram repartidas entre os filhos. Seu Zé Tatão acha que seria direito dele a propriedade das terras, pois *“há 30 anos paga o imposto”*, legalmente, a propriedade das terras ainda não foi definida.

Afirma que depois de 24 anos de trabalho contínuo nestas terras, atualmente, somente produz nas terras pagando trabalhador, *“até três anos atrás eu gütentava bem o repuxo mesmo, depois pegou a aparece uma enfermidade daqui, aparece uma enfermidade dali, a gente vai parando”*. Mesmo quando é o filho ou o neto, que moram próximos, que estão trabalhando, paga o dia pra eles, ou dá *“à meia”*. O neto também auxilia em outras atividades domésticas, *“Lenha que é pesada, busca, né? Precisa de uma viagem pra fazer negócio a gente pede ele, ele vai. Também eu pego dou algum milho pra ele, também já vai levar.”*

Nas suas terras, seu Zé Tatão, por enquanto, cultiva o milho e o feijão. O café foi o filho que plantou, *“ele [o filho] tem uns pezinho velho, mas talvez esse ano num dê nem pras despesas”*. O Milho e o feijão destinam-se às despesas; somente quando há alguma abundância é que vende, mas isso não tem acontecido. Por causa da saúde, no próximo ano, seu Zé Tatão, se não encontrar parceiro, planeja abandonar definitivamente a lavoura:

“eu falei com ela [esposa]: eu vou plantar esse ano, ano que vem se não achá meeiro, nós faz campo nisso aí. Eu trabalhava boba, mas pegô batê as coisas em mim. Agora veio a pressão alta, a pressão alta é um calor, num dá mesmo.”

Seu Zé Tatão recebe a aposentadoria há sete anos. É com este dinheiro que complementa o suprimento de munição³⁴ da casa. Mas, lembra que antes não havia nem o hábito de comprar. A carne, por exemplo, fazia parte da alimentação apenas, quando se criava no quintal ou quando trocava

³⁴ GARCIA (1997), em seus estudos sobre o impacto que a preocupação com a saúde tem no comportamento alimentar, conclui pela existência de uma mobilidade quanto às formas de representação da alimentação, que mudam, convenientemente, conforme a circunstância em questão. Neste estudo, testemunhou-se esta mesma mobilidade com as formas de representação da alimentação, daí o uso da diversidade de termos ao mencioná-la, neste momento ela é representada como *“munição”*, isto é, o alimento que dá força para lutar, em outros como *“um comezinho”*, algo comum, parte do dia-dia; ou ainda como um *“trupicãozinho”*, algo mais raro que se esbarra, que se depara, mais raramente, no prato, como a carne, por exemplo.

com os vizinhos. Além de não haver o hábito, também não existiam as condições financeiras para a comprar,

“de primeiro tinha um que matava de quinze em quinze dia, matava um aqui na roça e ficava com a turma, dava prazo de quinze dia também. Primeira vez comprava fiado, aí na outra, matava o outro, pagava aquele que comeu, e trazia outro, então o povo ficava bem.(...) se nós num trabalhasse, nós num comia”.

Seu Zé Tatão afirma que não costuma consultar com frequência, mas quando consulta vai ao posto municipal de Viçosa. Atualmente, quando sente algum mal-estar, toma um composto natural à base de ervas e raízes que um “irmão da igreja” trouxe do Espírito Santo. E quando a pressão se eleva, toma o remédio que o médico no posto prescreveu, “eu tomo quando precisa, que eu tava tomando todo dia, depois ela normalizou eu falei: vou deixar a hora que perceber que a pressão tá alta, eu vou e tomo”.

Além dos problemas com a pressão, esteve também em São Paulo durante dois anos, fazendo tratamento por causa do colesterol que estava elevado, “tava quase entupindo a veia, mas graças a Deus tomei remédio”. Usa prótese dentária parcial, a superior, afirma que não coloca a inferior porque teme não se habituar,

“eu tinha os dentes debaixo, agora num tenho mais. Lá de cima eu tenho dentadura, lá debaixo eu fiquei cismado de pôr, que diz que é difícil acostuma. Se eu for lá, pago quase 100 reais e num güento usa?”

Seu Zé Tatão possui um peso baixo para a sua estatura, mas afirma que não sente dificuldades e nem faz restrições alimentares, e explica que, atualmente, diminuiu seu consumo alimentar somente por causa da sua idade, que, segundo ele, acarreta mudanças no corpo,

“eu como pouco Renata, mas num tem essas coisas que eu num vou comer isso que isso vai me fazer mal. (...) A quantidade de comida que eu comia num vou falar. Um prato de comida que eu comia, hoje dá pra três dias, mas eu comia as vezes dois, três. Então, é por isso mesmo, vai ficando vário o apetite diminói (...) diminói o alimento por causa do estômago, né? Qualquer um pouquinho que você come tá satisfeito, num tem jeito de ficar forte”.

Em relação aos hábitos alimentares também relata a ocorrência de mudanças nas preferências da população local. Segundo seu Zé Tatão, há uma rejeição dos filhos e dos netos a alguns tipos de preparações, de “quitandas”, comuns no passado, como a broa assada na folha de banana,

“Antigamente quando num tinha o cuscuz, eles fazia era Broa de fubá e rapadura. As vezes uns assava na panela, outros assava no forno. Minha avó assava. Fazia enrolado dessa grossura, era chamado pau-a-pique, mas era

broa mesmo. Enrolava na folha de banana e punha no forno assim, Aí aquele bitelo. Um pau-a-pique daquele pegava a gente almoçado.(...) Hoje o povo não quer (...) tá com a boca finiiinha boba. Essa daí [dona Fia] hoje fez um bolo, bolo todo mundo come, mas broa é capaz de todo mundo num querer”.

Seu Zé Tatão costuma sair para comprar “munição” (comida), ir ao banco, consultar, tratar de negócios, ou ir à igreja, a Congregação Cristã do Brasil, que frequenta todos os sábados. Para ele, os vizinhos não se entendem da mesma maneira, e diz que antigamente,

“era mais alegre, de primeiro tinha muita piada, tinha história na hora da comida, o povo cantava usava cantar um tal de Calango aí nos bailes, né? Era todo mundo alegre demais, e o povo naquele sofrimento com alegria, e hoje não. Hoje tá tudo favorecido e triste. Eu vou daqui a Teixeira sem encontrar ninguém.(...).De primeiro os vizinhos num deixava de dar um passeinho. Agora acabou. Mas também tem muita ofensa, umas palavras de ofendido. Então o povo vai matando, né? A maioria agora tá só ofendendo, num tem jeito não. De primeiro contava caso pra poder rir, hoje sai ofensa, então...”

Seu Zé Tatão diz que, normalmente, ele e dona Fia, vão *“deita junto com as galinha”*, por que sendo *“só os dois, num tem assunto não”*.

*

* *

Dona Belizena Rosa de Jesus (Dona Belizena), 86 anos. É viúva, mas não vivia com o marido, quando este ainda era vivo, a deixou para viver com outra mulher. Mãe de doze filhos, lamenta a perda de oito que faleceram, *“gente da gente morre tudo, acaba tudo...”*. Atualmente tem uma filha que vive em São Paulo, uma em Teixeira, um filho na grota vizinha, e outro, seu Zizinho, que mora com ela.

Segundo seu Zizinho, o filho que mora em Córrego Fundo *“sempre”* vem vê-la, *“também a filha que mora em Teixeira, só a de São Paulo é que demora a vim”*.

Apesar de viver com seu Zizinho, Dona Belizena queixa-se com frequência que se sente sozinha e que não tem com quem conversar, que o filho era muito calado, da mesma forma que seu Zizinho em uma das entrevistas comentou *“todo dia que ocê quiser vim pra cá nós tão te esperando, eu gosto quando minha irmã vem pra cá, que nós fica conversando, eu fico sozinho com ela aí, minha irmã é difícil vim.”* Durante as entrevistas, alguns depoimentos deixaram transparecer que o convívio de dona Belizena e seu Zizinho é marcado também por relações de conflito, seu Zizinho

em alguns momentos reclamava que a mãe era uma pessoa muito nervosa, mal humorada e que se queixa excessivamente dos seus problemas de saúde, *“mamãe quando começa uma dorzinha de barriga, já virou o mundo, o mundo tá desabando em cima dela”*.

Dona Belizena também se sente ameaçada com a possibilidade do filho Zizinho voltar para São Paulo, onde viveu durante 44 anos, e deixá-la desamparada *“ele tá querendo ir pra São Paulo, se ele for pra mim fica ruim, né?”* Por isso, confessa o desejo que os filhos contratassem uma pessoa para ficar com ela:

“Eu tenho zonzeira toda hora, quase caio. Ih... toda hora. Um dia rodou comigo a casa, peguei a gritar, voltou. Eu tava sozinha e Deus (...) Eu tô falando com Adão pra arrumá uma muié pra ficar comigo, eu num posso ficar só. Eu num posso ficar só, né? num quer arrumá, eles num quer pagar. Sei não, acho que fica caro, tá cobrando caro, mas eu que fico sofrendo, né?(...) como é que eu vou ficar doente assim?”

Por outro lado, resiste à idéia de ir morar com o filho Adão, que é casado, ou qualquer outra pessoa, que poderiam tolher sua liberdade, como diz:

“Ficar na casa de filho também num quero não, é ruim, agüentá o filho, a nora já num dá, né? Na casa da gente a gente tá à vontade, num é mesmo? Deito se quero, levanto se quero, se cuspir ninguém repara, na casa do zoutro num é assim, nem de filho. Eles pelem comigo: “Vão mãe”. Fica até com raiva de mim, mas num vou. A gente tem os problemas da gente, dentro de casa é melhor, pois na casa do zoutro querem falar, repará na gente, né? (...) tem gente que num tem amor à casa, num importa, né? Mas eu importo boba, eu sou morosa demais, casa da gente é casa da gente, né? em casa a gente pode fazer o que Deus quiser que a gente faz, na casa do zoutro não. Pra que ficá brigando, pra que isso? Nem na casa de afilhado meu eu gosto de ficá, qualquer coisinha que ocê cuspir... Eu já tô escaldada”.

A casa onde vive com o filho Zizinho é uma casa pequena, com cinco cômodos: dois quartos, sala, cozinha, banheiro. Na sala há uma poltrona de napa preta, um aparelho “toca-disco”, e um guarda-roupa antigo; adjacente, ao lado direito, ficam os dois quartos, um, é ocupado por dona Belizena, onde há uma cama alta, que ela desce com dificuldade, e um criado mudo. No outro quarto, dorme o filho, também mobiliado com uma cama e um criado mudo, onde fica um aparelho de TV 14 polegadas. Na lado oposto, à esquerda, fica a cozinha. Esta possui uma mesa retangular forrada por uma plástico com fundo floral, um banco comprido e uma prateleira de madeira onde guarda as panelas, as louças e os *“mantimentos”*. No fundo da cozinha fica o fogão à lenha, onde seu Zizinho prepara a comida, na parede, logo acima do fogão,

dona Belizena desenhou recentemente algumas pombinhas. Quando indagada sobre os desenhos, responde murmurando:

*“é pomba de Agostinho,
uma morreu de sono,
outra morreu de dormir,
se tiver com sono mata,
e se dormi morre também”.*

Na saída da cozinha há uma pequena área coberta, com um tanque por onde cai água da mina continuamente. Logo adiante fica o banheiro, um cômodo com parede de barro e cobertura de telha, e no centro, um vaso sanitário. O terreiro na frente da casa é cercado, em uma parte dele há uma horta com uma variedade grande de legumes, verduras e frutas (almeirão, couve, alface, moranga, couve-flor, mamão, tomate, couve, cenoura, amendoim, limão, mexerica). Nessa horta há ainda várias espécies de ervas medicinais (erva cidreira, manjerição, macelinha, macaé, lágrima de santa Maria, hortelã, losna). Na outra parte do terreiro, há um pequeno jardim. No quintal, atrás da casa, seu Zizinho mantém algumas galinhas “*poedeiras*”, que cria para vender os ovos.

A casa ocupa parte de um terreno de “*quatro alqueire, um pedacinho só*”, que dona Belizena herdou do pai. Esta terra é atualmente “*desfrutada*” pelo seu filho, Adão, que mora na gruta vizinha. Adão, é quem recebe a aposentadoria para Dona Belizena, e faz as compras de mantimentos. É ele também quem explora as terras de dona Belizena; e segundo seu Zizinho, o que produz nessas terras, não divide com a mãe, “*o desfrute num dá pra ela*”. Dona Belizena sobrevive somente com a aposentadoria que recebe há 16 anos.

Quando era mais moça trabalhava na roça, “*quebrava milho*”, capinava, plantava feijão; o pai embora fosse “*muito rico, era bravo pra daná*” e os filhos eram obrigados a trabalhar para ele. Depois que casou fazia, ainda, o serviço da casa, cuidava dos filhos e preparava comida para trabalhadores que o marido contratava para ajudar no serviço da lavoura. Afirma que hoje, se não fossem os problemas de saúde, manteria suas atividades domésticas:

“até hoje se num sentisse trabalhava, num trabalho por causa da perna, né? Eu faço até um alface se for preciso fazer, mas o problema é a perna boba dói demais, num paro em pé, ela sai fora do lugar.”

Dona Belizena queixa-se que possui muitos problemas de saúde e dores no corpo “sou doente, não saio de casa, essa perna tá ruim, inchada, dói demais. Ando, mas mancando. Dói demais, a dor tá por dentro...”; problemas de audição “Eu estou escutando pouco, eu tô surda boba”; de pressão “qualquer coisinha minha pressão sobe, né? fico com raiva, qualquer coisa eu fico com raiva, que gente doente fica nervoso”, queixa-se também que o “coração está fraco”; e sobretudo, do problema de visão:

“Eu tô pelejando com esses olhos (...) Eu preciso operá, mas já num tenho idade pra operá mais. Tem que operar por causa do incômodo que tá aqui nos zóio. É o incômodo, dói, arde, saí muita água no zóio. Agora tô pondo a pomada que o médico me deu, tem um colírio, mas ainda tá ruim, boba. Isso não resolve não, precisa operá. Eu tô com medo de operá, ficar cega. Se eu num operá vou ficar cega, o médico falou. Vou fica cega. De todo jeito pra mim tá ruim, boba. Eu fico aborrecida pensando essas coisas tudo, eu fico assim mesmo boba, num tem graça não.”

Além de banhar os olhos com uma erva medicinal, “losna”, diariamente costuma tomar chá de outras ervas que o filho planta no quintal. Também consome remédios halopáticos diariamente, e, com frequência, mais de um.

Dona Belizena é muito magra, possui um baixo peso corporal, e afirma que não está comendo, mas que sempre foi assim, “eu sou doente desde de nova, mas num morro não”.

Muitas vezes murmurando um verso ou uma cantiga, Dona Belizena diz que não gosta de televisão (na casa tem um pequeno aparelho), mas que gosta de dançar. Segundo afirma, só sai de casa, quando o filho Adão, a leva de carro para consultar no posto de saúde municipal de Viçosa, “Sou doente, num saio de casa (...) só quando passa o carro que eu preciso ir à rua consultá, já até acostumei em casa, a hora que eu saio acho ruim.”

*

* *

Senhor Luiz André de Araújo (Luiz Felipe), 67 anos, nasceu no dia 30 de novembro de 1932. Possui 15 filhos, “todos vivos e tudo casado”. Quatro filhos e uma filha moram em Córrego Fundo, outras quatro vivem em Viçosa, uma na Paula, uma em Teixeira e outra um pouco depois de Teixeira. Em São Paulo vivem três; segundo seu Luiz Felipe, eles foram pra lá há muitos anos e não costumam vir a Córrego Fundo “Esses três num vem cá não. Têm uma

falta de sorte danada.” Seu Luiz Felipe afirma que pelo gosto dele, ficaria em Córrego Fundo sozinho, sem nenhum filho,

“bom num é amontoado, bom é esparrodado(...) Se saísse [todos os filhos] eu ia acha era bom. Caçá rumo(...). [filho] ajuda, mas é preferível ficar [trabalhando] com os zoutro de fora. Cada um cuidando das suas vidas”.

Justifica que prefere assim em função da sua experiência familiar, marcada por conflitos, divergências e disputas, conforme relata:

“Eu tiro a minha experiência. Eu se eu teimasse ficar lá perto dos meus cunhado, eu cabava tinha morrido e a mulher já tinha morrido há muito tempo(...) Aí eu saí, cresci. O que eu levava lá uns cinco anos, aqui com um ano eu cabava tudo. Os zóio grande demais no trabalho, aquela confusão, brigaiada danada. Então bom é quando esparrama. Eu falo que eu tenho experiência cada um tem que ficá longe um do outro.”

A casa de Seu Luiz Felipe fica bem próxima da estrada, depois que atravessa a porteira. Quase em frente de sua casa, há uma árvore com uma copa grande, que sombreia toda área ao redor. A casa é de tijolo, rebocada e com fachada cor de rosa. No interior, o piso é de madeira, os cômodos são grandes e com um número pequeno de móveis, dando a impressão de uma maior amplitude. Na sala, há uma poltrona grande, duas pequenas e alguns quadros na parede com a retrato pintado da família: os quinze filhos, e o casal, seu Luiz Felipe e dona Teresa, quando eram mais novos. Na parede ainda tem um quadro com a imagem da Virgem Maria. Adentrando um pouco mais, há a copa com uma mesa de centro e a geladeira; depois, em um corredor estreito e pequeno, fica o banheiro com parede e piso de cerâmica, vaso, pia e chuveiro; e em seguida, na cozinha grande e espaçosa, há mais uma mesa de madeira, e um armário guarda-louça também de madeira, um fogão a gás, e um fogão a lenha no canto próximo à janela. Na saída há cozinha tem uma área coberta com um tanque e um banco de madeira.

Mais adiante, no quintal adjacente a esta área, tem algumas variedades de verduras plantadas (couve, serralha, alface, cebolinha, almeirão), em meio a algumas ervas medicinais (hortelã, capim cidreira, boldo) e, ainda, poucas espécies de raízes e legumes (mandioca, abóbora, chuchu). Na parte de trás, é reservada para a criação de aves e porcos. E, “*esparrodado*”, na porção das terras alta, ficam a criação de boi e vaca. O leite comercializa através de uma cooperativa a qual é associado mas queixa-se que não está compensando, manter as vendas pois,

“um litro de leite é 20 centavos, fica ruim demais pra vender (...) Vinte centavos é um absurdo, cai na mão deles, eles vende por 40, 60 centavos, ué? Aqui gasta capim, picadeira, gasta energia, terreno tem capim, mão-de-obra...”

Seu Luiz Felipe, possui ainda, em sua propriedade, dois moinhos para fabricar o fubá, um fica na parte mais baixa do terreno, atrás da casa, é “o moinho d’água” que, atualmente, segundo ele, está “mais parado”. E o outro, situa-se, à frente da casa, movido a força elétrica, é mais utilizado, por ser mais potente.

No terreiro defronte à casa, está o paiol, conjugado com uma área coberta onde seu Luiz Felipe guarda a charrete e o carro de boi que, até recentemente, usava para cortar a terra, antes da prefeitura ceder o trator para esta função.

“Antigamente plantava era covado, né? covava. No meu tempo, que eu era menino, num usava cortar a terra, depois passou a cortar com boi, e passemos a risca, eu mesmo já cheguei a cortar milho covado de banda, plantava toda vida assim. Eu mesmo cheguei a plantar ele covado, aí depois peguei a comprar boi, peguei a risca. Planta riscado, planta até hoje. Hoje corta com trator aí”.

A paisagem toda ao redor da casa são terras de seu Luiz Felipe, totalizando 70 hectares. Nelas, ele cultiva o feijão, o milho, e o café. O arroz, ele deixou de cultivar por que segundo ele, “passarinho tá comendo tudo”. Quanto ao destino dos produtos que cultivava, explica: “O milho que eu nunca vendi, sempre plantou milho demais, mas eu gasto com porco, né? Colhe muito, mas come muito milho”. O café destina-se à venda.

Seu Luiz Felipe nasceu em uma comunidade vizinha, conhecida por “Paula”, mas chegou em Córrego Fundo quando ainda era menino junto com o pai e a mãe para viverem na Pedreira, uma das grotas de Córrego Fundo. O pai faleceu cedo, quando seu Luiz Felipe ainda era criança, em um conflito de terra, no qual perdeu tudo o que tinha. Depois, recorda-se:

“A mãe casou com outro lá pro lado do Anta, por lá nós ficamos sete anos, depois nós voltamos pra São Miguel, daí eu casei, a patroa é de São Miguel. Aí, eu morei três anos no São Pedro, e voltei pra Fundão, acho que uns cinco anos, voltei pra cá outra vez, peguei a comprar uns pedacinho de terra. Aí eu vendi os pedacinho de terra lá, e vim pra aqui. em 70, eu casei em 51, e eu vim pra aqui em 71. Eu comprei lá embaixo 29 hectare, e só depois que vim pra cá que eu cabe de comprá. Hoje eu tenho 70 hectares”.

Antes de se casar, seu Luiz Felipe trabalhava “à meia”, ou em sistema de Jornada³⁵. Depois, em sociedade com um amigo passou a arrendar as terras do avô deste último. Afirma que a partir daí que “as coisas melhorou”. A primeira terra que comprou, recorda-se que foi em 1960, quando tinha 28 anos, e correspondia a “meio alqueire”. Confessa que deve a Santo Antônio uma capela, e que já comprou até os tijolos pra cumprir uma promessa: *“Eu fiz uma promessa. Eu tinha uma vontade danada de ser proprietário. Então, eu fiz uma promessa, que se um dia eu fosse proprietário de ao menos 10 alqueire de terra, eu fazia uma capela pra ele”*.

Nas suas terras ele sempre trabalhou, com a ajuda da família e pagando trabalhadores. Mas, quando os filhos ainda eram pequenos, seu Luiz Felipe explica que ainda pegava “*empreitada do zoutro*”, como relata:

“Pegava panha café na colheita no mês de janeiro assim, me dá tantas arrobas de café na colheita, outra hora tanto de serviço molhado. E eu empreitava por aquele cafeizal sozinho, e eu ia pra lá de manhã cedo com cabacinho d’água, e ela [a esposa] levava o almoço e o café, e eu muntava até de noite, ganhava a vida desse jeito (...) Sei que eu passei um serviço danado”.

À medida que a sua propriedade foi aumentando e os filhos crescendo, seu Luiz Felipe, passou a trabalhar na terra dos outros somente “*trocando dia*”, e nas suas terras, continuava contando com a ajuda dos filhos e dos trabalhadores que contratava. É desta forma, que ainda cuida das suas terras, mas, hoje, os filhos trabalham “à meia” ou “*recebendo o dia a seco*” e, “os *trabalhadores de fora recebem o dia “molhado”*”.

Seu Luiz Felipe queixa-se que antigamente a base de cálculo para pagamento de trabalhador era meio salário, e que hoje se paga mais de um salário,

“hoje o pessoal quer ganhar cinco, seis reais e bóia [refeição], mais de salário. A seco, aí é 10 reais por dia, dá dois salários quase, né?hoje eu pago cinco, aí molha. Os meninos [os filhos], os menino que trabalha aí eu pago seis, sete, a seco, né?”.

Queixa-se também da dificuldade que existe, atualmente, para contratar trabalhadores. Para ele, a diminuição da oferta de mão-de-obra para trabalhar se deve ao pagamento das aposentadorias, conforme explica:

“se a gente num trabalhasse, num comia, né? e hoje num precisa trabalhar, o governo tá tratando aposentado. Num havia aposentadoria. Tinha um véio conhecido, quando via o coitado lá, ele num morava no terreno do fazendeiro

³⁵ Segundo explicação do senhor Luiz Felipe o sistema de “jornada” ou “ganhando dia” são equivalentes e significa trabalhar vendendo a força de trabalho por dia.

não, morava no terreno das filhas. Sentava, e bebia uma cachacinha, bom de serviço pra daná. Ele vivia, Nossa Senhora!!! Numa dificuldade terrível. Trabalho de segunda a sábado. Num tinha sábado, nem nada. Só domingo pra comprá uns quilinho das coisas e bebia uma cacahacinha... Num tinha prazo nada não (...) coitado dos véio penava (...) Ai tudo trabalhava, era difícil ficar velho em casa (...) Hoje ninguém trabalha, tudo é rico, ih...hoje tá ruim, o pobre, todo mundo é aposentado, tudo virou fazendeiro, ué? Aqui pra trabalhá é uma dificuldade. Nesse Córrego aqui, nessas casas é tudo fazendeiro, nessas casas é tudo aposentado.”

Entretanto, seu Luiz Felipe recebe aposentadoria há três anos, e critica o seu valor por não ser suficiente para manter os remédios dele e, principalmente, da esposa, que faz uso com maior frequência. A mesma, foi acometida por um derrame quando tinha 32 anos, e hoje possui problemas graves de audição e também sofre de depressão. Por isso, seu Luiz Felipe afirma ter um gasto demasiado com medicamentos e plano de saúde,

“hoje eu ando apertado, a família criada, eu sou aposentado, mas a aposentadoria eu pago o plano de saúde, pago INPS, pra ela, sobra uma micharia pra mim, num dá nem pra pagar a luz tem dia. De remédio [para a esposa] é direto, é 100, 150... De remédio eu gasto toda vida, desde que a mulher, a veia(...) Tem 31 ano que ela bebe remédio direto, ele teve derrame. Nunca ganhei remédio, tudo comprado. Ela toma cinco qualidade de remédio por dia.”

Sente-se também indignado pelo fato de a esposa não ter adquirido o direito à aposentadoria,

“eu fico bobo dela num aposenta até hoje, né? A véia aí num aposentou até hoje. Eles falam que ela é sem empregador. Eu aposentei também pagando INPS, porque senão num aposentava também não. Eu tô pagando pra ela, mas tem só sete ano que eu tô pagando, diz que falta mais 10 anos. A coitada vai morrer sem...”

Em função da grande quantidade de trabalho que já exerceu, estranha o fato de ainda estar vivo “Nossa Senhora, num sei como ainda tô vivo, era pra mim ter morrido”. Entretanto, afirma que tem uma boa saúde “Num ando doente não. Sempre eu tenho saúde, levanto cedo (...) seis horas tô de pé. Posso deitar meia noite, cinco, seis horas, tô acordado”. Recentemente o médico do convênio³⁶ suspeitou e prescreveu um medicamento para tratamento de reumatismo,

“agora esses dias tô fazendo exame de sangue pra ver reumatismo, que reumatismo é no sangue né? eu fiz pra reumatismo, negócio de dar dor do lado assim, então deu. Agora deu uma dor terrível no braço, aqui. Fui no médico, me deu um comprimido, tô tomando, ele falou: 'o senhor toma esse remédio e faz esse exame pra ver se é reumatismo'. Deu que era. Ele me passou 30

³⁶ Paga plano de saúde para ele e a esposa.

comprimido, custô quase 150 reais. Mas eu comprei uma caixa fora, aí tomei mais 10. Aí fui fazer o exame agora vão ver.”

Segundo ele, os exames também acusaram taxas de colesterol elevadas, entretanto, mantém o consumo de banha de porco *“usei toda vida é banha de porco mesmo, até hoje uso ela”* e diz que seguindo a orientação médica restringiu o uso de açúcar *“eles me tiraram foi só o açúcar, por causa do colesterol, tem uns três anos que eu num uso café com açúcar, né?”*. No ano passado diz que teve *“problema de urina”*, mas curou com *“chá de picão”*. Também se queixa de dores na coluna quando vai capinar.

Possui peso corporal baixo em relação a sua altura, mas afirma não ter qualquer dificuldade para se alimentar. Acredita que a alimentação do *“povo”* se modificou tanto na forma de acesso, quanto nas preparações. Conforme analisa:

“la na rua era só pra comprar um macarrãozinho, num usava massa de tomate. Era difícil. Na fazenda que eu morei uns tempo atrás, lá quem comia arroz era só ele [o fazendeiro]. Empregado comia era mingau de inhame com costela de porco, toucinho cozido. Ele que comia, a mesa dele era cebola, uma couvezinha, salada, pimenta, lingüiça. Ele comia em casa, os empregado comia na roça, mas era à vontade. Mas era mingau de inhame com toucinho cozido, gostava demais(...) Algum [fazendeiro] ainda dava uma merenda, um angu doce, uma broa, mas hoje ninguém usa, vai na marmitta é arroz, feijão e verdura (...) A maioria é broa ou pão (...) Hoje nem angu a véia faz mais, cachorro tá comendo arroz, aí. É arroz, feijão, verdura. É couve, alface, serralha, chuchu, abóbora, mandioca. Mandioca ela [esposa] num é muito chegada aí (...) cuscuz, de primeiro comia gambá suado era bom”

Seu Luiz Felipe lembra-se de algumas preparações locais, como o gambá suado, que afirma que comia *“demais”* e que hoje *“num usa”*. Ainda descreve a forma como o preparava:

“Azeitava na panela uma concha de gordura numa caçarola, aí é água em cima, deitava o fubá e deixava cozinhar, uns dois ovos em cima. Eu comia demais, é isso. Hoje num uso isso mais não”.

Por causa da saúde da mulher, justifica que não costuma sair de casa para se divertir, as saídas apenas para resolução de problemas domésticos, comercializar seus produtos,

“quando eu saio de casa é atrás de fim de negócio, né? hoje num saio mais pra passear, nem nada. A véia num fica sozinha. Hoje a vida ficou desse jeito, a véia só quer ficar em casa. Televisão minha, eu gosto de assistir é jornal, Rede Vida, essas coisas. E todo ano eu vou em Aparecida. Sinto falta demais de girá, mas de noite a véia num quer ficar sozinha.”

Seu Luiz Felipe também não participa dos eventos promovidos na igreja local, segundo ele, para não se encontrar com um vizinho, com quem teve um conflito, conforme relata:

“(...) participava, parei por conta de um problema aí. Eu num posso ver um vizinho hoje em dia aí, então eu parei um bucado. Eu vejo ele sinto mal, tenho vontade de garrá na goela dele. E ele é sogro de dois menino meu. Teve um que eu num queria que cassasse de jeito nenhum, cabô casando. Eu quebrando o galho dele, cabei deixando. (...) Agora a pouco um cachorro dele [vizinho] matou um porco meu, em vez dele me pagá com dinheiro, veio cá na minha terra, dentro da minha propriedade. Matando na propriedade dele num tem nada, mas matando na minha propriedade. Ele veio cá, e achou ruim, jogou até porrete no menino ainda. (...) Eu fiquei que eu num posso nem ver. Aí assisti [a missa] longe ficou difícil, porque tô véio, né? eu assisto a missa na Rede Vida”.

6. VELHICE, CLICHÊS E REALIDADE

Discorreu-se anteriormente, que enquanto inserida na categoria dos irrealizáveis de Sartre ou seja, “uma situação composta de aspectos percebidos pelo outro e, como tal, reificados (um *être-pour-autrui*), que transcendem nossa consciência” (Sartre citado por BOSI, 1983:37), a velhice é também uma categoria social, e portanto sujeita à criação de uma série de estereótipos, de clichês e de preconceitos que variam de acordo com os valores e os interesses predominantes na sociedade em questão.

Também se ressaltou que existem diversos estudos que tomam a velhice como seu objeto de análise, mas que, no conjunto, incidem predominantemente em contextos urbanos. Em seguida, levantou-se a hipótese de que em função desta lacuna epistemológica, estaria o conhecimento que se tem hoje, a respeito da velhice no meio rural, mais próximo do ideário urbano, do que da realidade concreta. Finalizando, apontou-se o objetivo desta investigação, qual seja, por meio do relato oral da trajetória de vida de alguns idosos que vivem no meio rural, descrever a experiência da velhice dos mesmos e confrontar aqueles aspectos mais recorrentes nos depoimentos dos idosos com alguns desses clichês. No capítulo anterior, ocupou-se em conhecer a experiência de vida daqueles velhos. Prossegue-se, no presente capítulo, buscando contemplar integralmente os objetivos propostos, confrontando a realidade empírica observada com alguns clichês.

6.1. "Vida eterna"

“Ouviru-se um tiro no pátio: meu sogro acabara de matar Wolf, nosso cão pastor. Jean meu marido, abriu a porta. O pai dele apareceu segurando uma granada. Jean se atracou com ele, lutaram, a granada caiu no chão e explodiu”, contou Dominique. Albert Rouzet, de 65 anos, lavrador em Chinay (Côte-d’Ör), padecendo de neurastemia, resolvera na véspera liquidar toda a família, a começar pelo filho Jean, de 25 anos, por ele acusado de administrar a fazenda segundo seus método modernos. “No meu tempo a gente se levantava de madrugada para preparar o trabalho do dia e não tinha a necessidade de gastar o dinheiro todo comprando máquinas para lidar com a terra” costumava ele dizer. Pai e filho foram mortos na explosão” (artigo publicado em um exemplar do France-Soir de outubro de 1968, citado por BEAUVOIR, 1976:123).

Entre os clichês que se elaboram a partir do conhecimento da velhice em exterioridade, retomam-se alguns discutidos por BEAUVOIR (1976:237). O primeiro, refere-se à imagem harmônica e positiva que a sociedade imprime aos idosos. De acordo com essa autora:

“(…) O adulto vem desde a Antigüidade tentando encarar a condição humana através de um prisma otimista; atribuiu às idades que não eram a sua, as virtudes que ele não possuía: a inocência às crianças e aos velhos a serenidade. Pretendeu considerar o fim da vida como resolução de todos os conflitos em que ela se debate. Trata-se, aliás, de uma cômoda ilusão: permite que, a despeito de todos os notórios males que os afligem, sejam considerados felizes, podendo ser abandonados a seu destino”.

Essa imagem positiva abrange também o meio rural, por meio, por exemplo, do pensamento de que os velhos, nesse contexto, sentem-se mais serenos porque sabem que sua obra, e através dela sua própria vida, se perpetuará nas gerações que os seguem. Pressupõe-se que um setuagenário que tenha construído uma casa, semeado um jardim, cultivado uma plantação ou realizado qualquer outra obra que possa simbolizar concretamente sua existência nesse mundo, sente-se mais tranquilo porque a mesma será continuada pelos seus filhos e netos.

Entende-se que esse tipo de pensamento, bastante recorrente em relação ao meio rural, pressupõe que o velho faça parte de um modelo de família trans-histórico, porque desconsidera as variáveis históricas sócio-econômicas, políticas e culturais distintas no tempo e no espaço; autônomo, por agir de modo independente com a sociedade mais ampla na qual se insere; e universal, porque se estende a todos e em toda parte. E ainda, que o idoso viva no seio de uma família que se caracteriza, pela coabitação entre os membros de várias gerações, avós, filhos e netos vivendo sob o mesmo teto, ou quando não, morando em casas próximas nas terras da família; e organizada em torno

de objetivos comuns, por uma comunhão de interesses, e onde cada membro da família está fortemente a ela atrelado e planejando a sua vida em torno da mesma³⁷.

Começa-se, então, a relativizar essa imagem de serenidade construída em relação aos velhos no meio rural dada à possibilidade de perpetuação de sua obra, discutindo-se a própria concepção de família que a sustenta.

BOURDIEU (1993), em artigo intitulado “*A propôs de la famille comme catégorié réaliséé*” analisa que a definição dominante, legítima, de família - concebida como “um conjunto de indivíduos aparentados ligados entre si pela aliança (o casamento), seja pela filiação seja, mais excepcionalmente pela adoção (parentesco), e vivendo sob o mesmo teto (coabitação)” - tem sido questionada por alguns etnometodólogos, que objetam que grande parte dos grupos designados como tal, não correspondem a essa visão dominante.³⁸

Chegando ao extremo, segundo BOURDIEU (1993), alguns desses pesquisadores admitem que a família não é mais que uma palavra, uma simples construção verbal, cabendo ao investigador analisar as representações que as pessoas fazem daquilo que elas designam por família. Neste sentido, o autor analisa que os investigadores vêm no discurso sobre a família uma espécie de ideologia política que designa uma configuração valorizada das relações sociais, sendo possível distinguir um certo número de pressupostos comuns a esse discurso, a saber: primeiro, a família é concebida como uma realidade transcendental a seus membros, uma personagem transpessoal, dotada de uma vida e de um espírito comuns e de uma visão particular do

³⁷ BRANDÃO (1986), analisando as relações de produção e de parentesco entre camponeses em Goiás, faz uma distinção entre *família extensa doméstica*, como aquela que inclui dentro de uma mesma casa mais de uma família nuclear, em geral composta pelo proprietário e sua família; e *família extensa*, na qual, embora admita a não coabitação debaixo do mesmo teto, se mantém a dependência econômica, o filho casado sai de casa mas ainda sobrevive do trabalho nas terras do pai. Esse último modelo de família, tomando-se em consideração, além dos laços econômicos, laços afetivos e morais, aproxima-se do modelo de família extensa apontado nesse momento.

³⁸ Estudo comparativo como o desenvolvido entre famílias de muitos povos diferentes, por LÉVI-STRAUSS (1981) identifica diversas possibilidades de modelos de família, a saber: *a conjugal*, caracterizada pela união de casais intimamente associados por laços sentimentais e pela cooperação econômica, bem como pela criação dos filhos nascidos de sua união; *a doméstica*, onde a propriedade da terra e do domicílio, a autoridade paterna e a liderança econômica da família eram atribuída ao mais velho ascendente vivo, ou à comunidade de irmãos oriundos de um mesmo ascendente; e a *família conjunta ou estendida*, constituída por grupos tão numerosos, incluindo às vezes, dezenas de pessoas vivendo e trabalhando sob uma autoridade comum. Nesse estudo, em que ainda discorre sobre as diferentes possibilidades de cruzamento dos laços afetivos, morais e sexuais que organizam estes diversos modelos de famílias instituídas, LÉVI-STRAUSS (1981:319) conclui que “a família não deve ser encarada de maneira dogmática e tratá-la desta maneira é uma das questões mais ilusórias de todo campo da organização social”.

mundo; segundo, a família existe como um universo social separado, engajado num trabalho de perpetuação das fronteiras e orientado para a idealização do interior como sagrado (por oposição ao exterior), que se perpetua no domínio do privado; e esse pressuposto remete a um terceiro, o da “morada” da família, da casa como lugar estável e ,que permanece, e dos moradores como unidade permanente, associada de maneira durável à casa indefinidamente transmissível. Concordando e ao mesmo tempo contrapondo-se a esses investigadores, BOURDIEU (1993:33) afirma:

“(…) si nous pouvons admettre, avec l'ethnométhodologie, que la famille est un principe de construction de la réalité sociale, il faut aussi rappeler, contre l'ethnométhodologie, que ce principe de construction est lui-même socialement construit et qu'il est commun à tous les agents socialisés d'une certaine manière. Autrement dit, c'est un principe de vision et de division commun, un *nomos*, que nous avons tous dans l'esprit, parce qu'il nous a été inculqué à travers un travail de socialisation opéré dans un univers qui était lui-même réellement organisé selon la division en familles. Ce principe de construction est un des éléments constitutifs de notre *habitus*, une structure mentale qui, ayant été inculquée dans tous les cerveaux socialisés d'une certaine façon, est à la fois individuelle et collective; c'est une loi tacite (*nomos*) de la perception et de la pratique qui est au fondement du consensus sur le sens du monde social(et du mot de famille en particulier), au fondement du *sens commun*.³⁹

Dentro dessa perspectiva, o que BOURDIEU (1993) pretende elucidar é que, se é verdade que a família não é mais que uma palavra , igualmente é verdade que se trata de uma “palavra de ordem”, de uma categoria, princípios coletivos de construção da realidade coletiva. Segundo esse autor, pode-se dizer, sem contradição, que as realidades sociais são facções sociais sem outro fundamento a não ser a construção social e que elas existem realmente enquanto são coletivamente reconhecidas. Em todo uso de conceitos classificatórios, como o de família, decide-se ao mesmo tempo a uma descrição e a uma prescrição que, se não aparece como tal, é porque está quase universalmente aceita e admitida como automática: o indivíduo em sociedade admite tacitamente que a realidade a qual dá o nome de família, e

³⁹ Tradução: “(...) se nós podemos admitir, com a etnometodologia, que a família é um princípio da realidade social, é preciso lembrar também contra a etnometodologia, que este princípio de construção é ele próprio socialmente construído, e que ele é comum a todos os agentes socializados de uma certa maneira. Dito de outra forma, é um princípio de visão comum, um “*nomos*” que todos nós temos no espírito, porque eles nos foi inculcado através de um trabalho de socialização operado em um universo que – ele próprio – era realmente organizado segundo a divisão em famílias. Este princípio de construção é um dos elementos constitutivos de nosso “*habitus*”, uma estrutura mental que, tendo sido inculcada em todos os cérebros socializados de uma certa maneira, é ao mesmo tempo individual e coletivo; é uma lei tácita (“*nomos*”) da percepção e da prática que está no fundamento do consenso sobre o sentido do mundo social (e da palavra família em particular), no fundamento do senso comum”.

que classifica na categoria das “verdadeiras” famílias, seja uma família real (BOURDIEU, 1993).

O importante de se reter dessa discussão é que, por meio das análises tanto de BOURDIEU (1993), quanto dos investigadores a que ele próprio se refere, evidencia-se o caráter eminentemente social, concreto e dinâmico da família, e, conseqüentemente, a possibilidade de transformações da mesma no tempo e no espaço, e a necessidade de se acompanhar e compreender as novas formas de organização e legitimação social das mesmas, para que não se incorra em comparações com estruturas familiares incompatíveis espacial e temporalmente.

Tomando como base essas considerações acerca da família, observou-se, através das experiências dos idosos transcritas anteriormente e do trabalho de observação em campo, que as famílias, naquele contexto, também sofreram e sofrem mudanças. A imagem da família extensa onde coabitam várias gerações, ou onde convivem os membros em torno de interesses comuns, corresponde mais às lembranças daqueles idosos, do que ao momento presente. Quando eram moços a convivência com os pais só era, quando o era, interrompida, após o casamento. No caso dos seus filhos, eles, partiram antes que se processasse esta etapa do ciclo familiar⁴⁰, como pode se observar, por exemplo, no depoimento do seu Zé Tatão,

“De primeiro os pai e os filhos, os filho iam trabalhando junto com o pai até casá tudo. Casava ali, se tivesse terra ali que eles pudesse morar, bem. Algum cassava que for uma potentazinha, eles iam comprando um pedacinho, mudava pra fora, né? Mas os filhos adoravam os pais, até casá,tava junto. Hoje não. Hoje panhô idade, panhô documento. (...)” (Depoimento de seu Zé Tatão).

Segundo os relatos daqueles idosos os filhos partiram voluntariamente, e eles, como pais, reconhecem ser lícito que os filhos sigam a sua “*vontade livre*” e a opção de “*a ganhar a vida*” como queira, conforme explicam, respectivamente, dona Maria dos Milagres e dona Quita. Esses direitos são reconhecidos mesmo que impliquem em desagrado dos pais, expresso, por exemplo, nas falas de seu Carlito: “*num adianta querer que eles fica aqui como é o meu ideal, cada um tem sua idéia. né?*”

Contudo, este ato “voluntário”, que leva a partida dos filhos, é justificado pela precariedade das condições objetivas em que vivem “[eu] *num tinha jeito de dá elas nada, nem roupa num tinha pra vestir não*”. E, conseqüentemente, a necessidade de buscarem condições de vida mais

⁴⁰ De acordo com LINS DE BARROS (1986), o ciclo familiar é caracterizado por aquelas fatos que acarretam mudanças no cotidiano familiar, marcando a sua trajetória, como por exemplo, o nascimento de um filho, o casamento, a morte de um de seus membros, etc.

satisfatórias fora de Córrego Fundo, como, por exemplo, “*um salário melhor por que na roça o coitado pra comer passa muito mal, passa uma vida de cão*”.⁴¹

Esses depoimentos evidenciam, não somente o caráter histórico da família, que se transformou ao longo do tempo, diminuindo o tempo de coabitação entre pais e filhos, como também a complexidade dos fatores de diferentes naturezas - estruturais, morais e afetivos - relacionados a sua constituição em cada tempo e lugar.

Por exemplo, quando dona Maria dos Milagres justifica que os filhos partiram para “*catar um salário melhor*”, está expressando a interferência de fatores estruturais, que, por conseguinte, constituem-se em um reflexo da trajetória política e econômica da região. Pois Córrego Fundo, conforme destacado anteriormente, é hoje um pequeno povoado rural onde predomina a pequena propriedade, fruto do desmembramento de antigas fazendas, e, em geral, adquiridas na maior parte dos casos, por herança. A exemplo do que foi observado por FORTES (1983) em outras áreas rurais do município, a produção não obedece à condição de preço de mercado, o qual deve ser suficientemente alto para proporcionar um lucro médio. Ao contrário, aqueles pequenos produtores, que constituem a base produtiva e econômica local, penetram no mercado como agentes de uma exploração agrícola não capitalista, pois vendem para comprar o que não produzem, e não para acumular - e comprem, cada vez mais, desde a roupa, utensílios, até alimentos e bujigangas dos vários tipos, conforme pode-se averiguar no depoimento de seu Carlito:

“(...) hoje sai pra comprar quase tudo quanto há, de primeiro não, você comprava o sal, uma querosene, pra ter luz uma querosene, no mais você tinha em casa. Você tinha o arroz, você tinha o café. Bom, o café ainda tem, mas um pouquinho, e o arroz ainda tem um pouquinho. Hoje você colhe, se num colher você vai lá e compra o arroz, se num colher feijão você vai lá comprar. Se num colher o café você tem que comprar o pó. Porque antigamente você plantava um pouco de arroz, você colhia muito. Você plantava um pouco de milho, você colhia muito, plantava um pouco de feijão colhia muito. Hoje você planta muito e não colhe”.

Como os contatos com o mercado externo variam de intensidade, sem que haja contudo, um fluxo econômico cujo volume promova o seu crescimento e impeça a precária reprodução física e social destes produtores, os mesmos

⁴¹ Depoimentos de Dona Quita e dona Maria dos Milagres, respectivamente.

vivem hoje um processo de empobrecimento e decadência da sua produção de subsistência (FORTES, 1983).

Mudanças dos sistemas de produção também concorrem para um maior depauperamento destes pequenos produtores. Pode-se observar através dos depoimentos, que, atualmente, em Córrego Fundo há a predominância do “pagamento de dia”, em detrimento de sistemas mais solidários e de menor custo, como a “troca de dia”. A prevalência desta primeira modalidade de produção, ocorre também em função de alterações fisiológicas que acometem os idosos e que acarretam um número sempre crescente de limitações físicas, levando-os a depender cada vez mais da contratação de mão-de-obra externa, normalmente, cara e sem retorno garantido,

“hoje se a gente for tocar um serviço, chama uma pessoa pra ajudar a gente. Ele vai lá, quer saber de ganhá o dinheiro dele, o serviço num quer saber se fez, se num fez. Então num tem condição por isso. Porque de primeiro o povo parece que tinha vergonha, se você chamasse ele pra fazer um serviço pra você, ele ia fazer, ele num tava lembrando do dinheiro, mas o serviço. Então ficou difícil” (Depoimento seu Carlito).

Esta série de fenômenos de diferentes natureza e que levam ao depauperamento das condições de vida daqueles idosos e de suas famílias, estão ligadas por relações de causa e efeito. Como consequência, fica cada vez mais evidente, a diminuição das probabilidades de se manter uma estrutura familiar extensa, unida em torno de interesses comuns, e capaz de assegurar a reprodução da obra daqueles idosos.

Pode-se, de um lado, questionar essas análises acima, recorrendo a estudos mais recentes como os desenvolvidos por NEVES (2000), IRMÃO et al. (2000), DELGADO e CARDOSO JR. (2001), os quais comprovam o impacto positivo da expansão da cobertura previdenciária aos idosos no meio rural. Contudo, se é verdade que a uniformização e universalização dos benefícios previdenciários melhoraram as condições de vida dos idosos e de suas famílias no meio rural, e as falas do senhor Luiz Felipe e do senhor Carlito corroboram este fato,

“(...) se a gente num trabalhasse num comia, né? e hoje num precisa trabalhar, o governo tá tratando aposentado. Num havia aposentadoria. Tinha um véio conhecido, quando via o coitado lá, ele num morava no terreno do fazendeiro não, morava no terreno das filhas. Sentava, bebia uma cachacinha, bom de serviço pra daná. Ele vivia, Nossa Senhora!!! Numa dificuldade terrível. Trabalho de segunda a sábado. Num tinha sábado nem nada” (Depoimento de seu Luiz Felipe).

“(...) se num aposento tava num mato sem cachorro” (Depoimento de seu Carlito).

Igualmente, é verdade, que o valor do benefício recebido não é suficiente, nem para suprir todas as necessidades elementares dos idosos, conforme se analisará adiante, tampouco para garantir o sustento da família e servir de estímulo a permanência dos filhos junto a mesma.

De outro lado, pode-se questionar ainda, que, em algumas das famílias entrevistadas, permanece o convívio entre as gerações de pais e filhos, e em alguns casos, de netos. Contudo, os mesmos não possuem as suas atividades estritamente voltadas para a reprodução do grupo familiar como um todo; estão voltados para seus projetos individuais, tanto assim que, nesses casos, também se podem perceber, mudanças nas formas de relações de trabalho. Antes, as diferentes gerações trabalhavam para atender as necessidades exclusivas da unidade familiar, sem nada receber como remuneração, conforme se observa nos relatos de dona Maria dos Milagres e de seu Zé Tatão, respectivamente:

“(...) Pois é, que eu fui criada de um ritmo, os outros cinco foi criado de outro ritmo, praquê cada um fazia pra si, eu trabalhei pra meu pai até 23 anos e oito mês, eu casei, num sabia nem a quantidade que ganhava, nem. Nada pra nós (...) nunca, nunca papai me deu um fundo de agulha”.

“(...) Meu avô num pagava nenhum de nós, diz que nós devia obrigação”.

Atualmente, prevalece um regime de trabalho assalariado, onde os filhos recebem pelo seu trabalho remuneração em dinheiro, ou, no caso de arrendamento ou meação, direito à parte da produção, como pode se observar no testemunho de seu Luiz Felipe,

“(...) Os meninos [filhos], os menino que trabalha aí eu pago seis, sete, a seco, né?”

As mudanças da ordem produtiva também revelam que, quando inativos, ao invés da possibilidade daqueles idosos perpetuarem seus projetos através dos filhos ou dos netos, o que se percebe é uma maior possibilidade da substituição dos projetos dos mesmos, pelos os de seus descendentes, ou a sua desintegração da *ordem do grupo corporado de produção*, no sentido em que lhe atribui BRANDÃO (1986), em seu estudo sobre as relações de produção e parentesco entre camponeses produtores de arroz no distrito de Diolândia, pertencente ao município de Itapuranga, Goiás. De acordo com este autor,

“há duas ordens de organização superpostas e interdependentes: a *ordem da família* e a *ordem do grupo corporado de produção** (...) A primeira pode ser considerada como a esfera de trocas entre parentes produtores e, a segunda, entre produtores parentes (...). Quando aposentado e após a doação das suas terras, ele continua na ordem da família, mas é aos poucos retirado da ordem da produção. Um qualquer agregado a uma fazenda nunca se inclui na ordem da família, embora esteja naturalmente incluído na sua ordem de produção de bens. Num determinado momento as suas opiniões a respeito do destino da colheita do arroz podem valer mais que as de um velho pai, antigo proprietário das terras e hoje retirado delas” (p. 154).

Tomando-se como exemplo a situação do senhor Nego em relação ao neto, pode-se apropriadamente, seguir esta análise do autor. Seu Nego desintegrou-se da ordem do *grupo corporado de produção* transferindo seus direitos de produtor-proprietário para o neto. Essa foi uma das características “mais essenciais”, da família camponesa produtora de arroz, observada por BRANDÃO (1986), e que inferiu, que, neste sentido, ela se diferia da família nuclear urbana,

“(...) quando um pai urbano se aposenta, os filhos em geral já saíram de casa e ele permanece nela com a esposa. Quando um pai camponês se aposenta, de algum modo isso significa uma entrega ou transferência direta de seus bens de produção e dos seus direitos de produtor proprietários para os filhos” (p. 155).

Vale destacar que em Córrego Fundo a etapa do ciclo familiar em que há a transferência dos bens de produção e dos direitos de produtor proprietário, difere-se da observada por BRANDÃO (1986) em Diolândia. Em relação a essa última localidade, o autor refere-se ao tempo da aposentadoria e da inatividade de forma indistinta, em Córrego Fundo, observou-se que o tempo da inatividade não coincide, necessariamente com o tempo da aposentadoria. Por exemplo, seu Nêgo aposentou-se com 67 anos, mas segundo ele, tornou-se inativo somente aos 85 anos.

Quando se considera os aspectos morais e afetivos que envolvem a constituição familiar, percebe-se ainda mais a necessidade de se desconstruirmos estes clichês que ignoram a probabilidade do conflito nas relações familiares. Pois os sentimentos expressos, em alguns depoimentos dos idosos, em relação a seus filhos, estão mais próximos da indignação, decepção e tristeza, do que da respeito, contentamento e harmonia.

“(...) eu falo com ela [dona Fia]: o amor, eles [os filhos] usava mais amor. O amor hoje tá falsificado, por qualquer coisinha ele sai de lado. De primeiro, os pai e os filho iam trabalhando junto com o pai até casá tudo. Casava

* Destacado em itálico pelo próprio autor.

ali, se tivesse terra ali que eles pudesse morar bem. Algum cassava que for uma potentazinha, eles iam comprando um pedacinho, mudava pra fora, né? Mas os filhos adoravam os pais, até casá tava junto. Hoje não. Hoje panho idade, panho documento (...) usava mais amore. O amore hoje tá falsificado, por qualquer coisinha ele sai de lado” (...) (Depoimento de seu Zé Tatão).

“Ah... filho, boba, alguns quer, outros não quer (...) Dica [a cumadre] conhece todas duas, tem uma que é boa de vida. Nem, nem alembra (...), ela já veio, teve uma ocasião que ela andou por aí afora (...) e depois ela sumiu. Agora a outra eu mandei falar com ela, fala assim: “O Eva ocê telefona pra Ana, e telefona pra Nene, fala com ela pra vim antes de eu morrer, depois que eu morre ela num precisa vim não”. Ela mandou fala comigo que ela vai desmagreecer Dica, ela tá esperando desmagreecer pra arruma roupa. Hum... boba, bobeira, não? (...) mas como diz num quer me vê, num quer coisa, né? Chorava demais por conta deles, agora eu num choro não boba. Eu fico acabando os meus anos de vida. (...) a gente sozinha fica alembando o pessoal da gente, né? Já foi tudo embora” (Depoimento de dona Quita).

Analisa-se que um dos possíveis fatores deste conflitos, esteja no fato de que os filhos nas famílias urbanas, quando saem de casa, normalmente, a distância que os separa dos pais é somente a física. Tratando-se das famílias dos idosos de Córrego Fundo, observou-se que além da distância física, cria-se também um distanciamento cultural naqueles casos em que os filhos emigram para as grandes cidades – conforme registrado, predominantemente São Paulo, e com menor frequência Rio de Janeiro ou Belo Horizonte - emigrando simultaneamente de contextos sócio-culturais, que possuem diferentes estilos de vida, *ethos*, e visões de mundo⁴², que contrastam com os do contexto de seus pais. É por isso, por exemplo, que dona Quita, não compreende o fato de a filha não querer ir vê-la por que engordou e precisa de roupas novas, conforme observou-se a pouco nas suas falas.

Em conjunto, os fatores estruturais, morais e afetivos, sobre os quais se discorreu ao longo deste capítulo, refletem transformações na organização familiar local, que diluem imagem de uma velhice serena assegurada pela possibilidade daqueles idosos verem suas obras, ou mais, suas vidas, se perpetuarem na de seus filhos.

6.2. "Corpo delator"

“Parece-me ter sido arrastada, sem o perceber, até este ponto fatal em que temos de nos sujeitar a

⁴² Os conceitos de *ethos* e visões de mundo seguem as definições de Geertz. De acordo com este autor “na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo *ethos*, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo *visão de mundo*. O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que este povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade. Esse quadro contém suas idéias mais abrangentes sobre a ordem” (GEERTZ, 1978:174).

velhice; eu a vejo, aí estou, mas bem que gostaria pelo menos de me arranjar para não ir adiante, para não avançar ainda mais nesta senda de enfermidades, de dores, de perdas de memória, de desfigurações que estão prestes a me ultrajar e ouço uma voz a dizer: 'é preciso caminhar, mesmo contra a vontade, ou então, se não o quiserdes, será preciso morrer', extremo este que a natureza rejeita. Aí esta, no entanto, o destino de tudo que vai um pouco mais longe" (Depoimento de Mme. de Sévigné à filha, em 30 de novembro de 1689, citado por BEAUVOIR, 1976:13).

É sobre o corpo que a sociedade constrói a identidade do velho, através dele que ela é reconhecida. Por exemplo, quando na vida cotidiana depara-se na rua, num balcão, num ônibus, ou onde quer que seja, com um senhor de cabeça grisalha, ou uma senhora gorda caminhando lentamente, mesmo que estranhos, sem que deles se tenha qualquer informação sobre a sua idade, presta-lhes o tratamento habitualmente dedicado às pessoas idosas. Neste sentido, o corpo, conforme afirma, GAIARSA (1986:18) “é deveras um delator”.

Decerto que a sociedade formula outros determinantes que sinalizam o início do envelhecimento, como por exemplo, o nascimento dos netos ou a chegada da aposentadoria. Mas, nenhum age de maneira tão premente quanto as transformações do corpo. Nenhuma contestação pode ser admitida quanto a correspondência entre a palavra “velho” e os fenômenos biológicos passíveis de serem detectados, ainda que se considere que muitos fatores possam torná-los mais lentos ou acelerados, discretos ou acentuados – por exemplo, os avanços da medicina, normalmente, acessíveis aos idosos das classes privilegiadas – todos os indivíduos, privilegiados ou não, cuja vida se prolongue por longos anos, hão de sentir os transformações do corpo.

Entretanto, mesmo sendo a velhice revelada de forma mais premente através do corpo, de acordo com BEAUVOIR (1976), observa-se que a moral social age, novamente, dentro de um prisma positivo, difundindo o desprendimento do velhos em relação ao seu corpo. Segundo a autora, a ideologia dominante, possivelmente interessada em eximir de sua responsabilidade a saúde e o bem-estar dos mais idosos, propaga a noção de uma compensação espiritual aos desagrvos do corpo advindo com avanço da idade, uma elevação da mente ou da alma em função do sacrifício da carne,

uma espécie de equilíbrio, onde as perdas do corpo redundariam em benefício do espírito, ou ainda, nos termos de Platão: “os olhos do espírito só começam a adquirir acuidade quando os do corpo entram a baixar”.⁴³

Mas, novamente, a realidade empírica opõe-se à ideologia dominante, pois com o correr dos anos, ao invés de uma liberação carnal, o que se observa à medida em que as transformações vão se acentuando, é que, mais e mais premente, vai se tornando a presença corpo, e na justa proporção dos “usos sociais ou da cultura somática”, empregando os termos de BOLTANSKI (1989:117), que dele se faça.

Os usos sociais ou cultura somática, de acordo com esse autor, refere-se ao conjunto de comportamentos corporais dos membros de um grupo, e ao sistema de relações e representações do corpo que unem esses comportamentos corporais às condições objetivas dos mesmos. Expressam-se através das “regras de decoro” que definem a maneira adequada de cumprir os atos físicos mais cotidianos, de andar; de se vestir; de se alimentar; de se lavar; de se maquilar; de trabalhar; de interagir fisicamente com outro (a distancia que se deve manter com um parceiro, a maneira como se deve olhá-lo, tocá-lo, gestos que convém fazer na presença deste, e isto em função de seu sexo, de sua idade, do tipo de ligação - parentesco, amizade, etc. - da classe social, do lugar, da hora); da maneira correta de falar sobre do corpo (do seu aspecto exterior e das sensações físicas), em síntese, “uma espécie de código de boas maneiras para viver com o corpo, profundamente interiorizado e comum a todos os membros de um grupo social determinado” (p. 146).

Investigando os usos sociais do corpo entre membros das classes populares⁴⁴ através da análise das variações do consumo médico entre diferentes classes sociais, este autor constatou que,

“(…) os indivíduos prestam tanto menos atenção ao corpo e mantém com ele uma relação tanto menos consciente, quanto mais intensamente são levados a agir fisicamente. Isto devido ao fato de que o estabelecimento de uma relação reflexiva com o corpo é pouco compatível com a utilização intensa do mesmo. Primeiro, porque esforço físico torna difícil a seleção e a indicação das sensações doentias, atuando como um 'ruído na comunicação entre o sujeito e seu corpo', e segundo, porque o aumento da atenção dada ao corpo, e correlativamente, da sensibilidade às mensagens mórbidas, tem como

⁴³ Platão, citado por BEAUVOIR (1976:44).

⁴⁴ A investigação de Boltanski procedeu-se entre membros das classes populares moradores de dois bairros do subúrbio parisiense (Boulogne-sur-Seine e Saint-Denis), numa cidade da Picardia de tamanho médio (Vervins) e em uma comunidade rural próxima dessa última (Fontaine-les-Vervins), nos períodos de janeiro-fevereiro de 1968 e maio a junho de 1967.

resultado necessário a redução da duração e intensidade da atividade física (...) tudo se passa como se aquele que devesse fazer uma utilização máxima do corpo não pudesse, sem dificuldade, manter com ele uma relação atenciosa ou atenta, escutá-lo, analisá-lo e compreendê-lo” (BOLTANSKI, 1989:167-168).

Sendo assim, prossegue esse autor, as regras nas classes populares, que organizam a relação dos indivíduos e seus corpos, quando presentes à consciência, aparecem apenas sob a forma de regras morais, como por exemplo, a valorização da resistência à dor, ou o inverso, a desvalorização daquele que se cuidam em excesso, o que pode ser confirmado nos depoimentos obtidos nessa investigação, nos quais os idosos afirmam, orgulhosamente, “nunca” terem tido necessidade de buscar recursos médicos:

“O médico nunca fui, num conheço o quê que é médico... pode dizer que eu nunca tomei remédio...” (Depoimento de seu Juquinha).

“Num gosto de consultar não, Graças a Deus até hoje num precisou não. Ih... nem sei quando fui ao médico (...).” (Depoimento de seu Niquinho).

Essas regras morais, segundo BOLTANSKI (1989), cumprem, provavelmente, uma função de regulação, com o fim de impedir que aqueles que, coagidos pela sua condição econômica, utilizem intensamente o corpo, estabeleçam uma relação reflexiva e consciente com ele. A instauração de tal relação poderia ter o efeito de diminuir a resistência que são capazes de imprimir ao corpo e, reduzir em qualidade e quantidade o trabalho que este fornece, e que é essencial a sua sobrevivência. Isto implica, segundo o autor, que os membros das classes populares, entre os quais se incluem os pequenos agricultores, não prestam atenção ao seu corpo, para que possam utilizá-lo, principalmente, como um instrumento, de forma extrema e durante o maior período de tempo possível, não se apercebendo dos sinais precursores da doença.

Considerando essas análises, pode-se cogitar que, se existe algo de verídico no que se diz respeito a um desprendimento do corpo, no contexto investigado, este se processaria mais facilmente na juventude, quando dele o sujeito pode se dispor intensamente, do que na velhice, quando o corpo lhe oferece maior resistência ao seu uso instrumental, chamando-lhe então continuamente a atenção. Aliás, de acordo com BEAUVOIR (1976), a transferência da atenção não mais reclamada pelo trabalho para o corpo, já foi amplamente estudada e caracteriza o fenômeno da hipocondria.

Tanto assim, que os idosos entrevistados, quando justificam a extinção de suas atividades profissionais, menor importância conferem à aposentadoria do que à diminuição de sua capacidade física, o que pode ser verificado nos seus depoimentos:

“(...) Eu trabalhava boba, mas pegô batê as coisas em mim. Agora veio a pressão alta, a pressão alta é um calor, num dá mesmo. (...) até três anos atrás eu güentava bem o repuxo mesmo, depois pegou a aparecê uma enfermidade daqui, aparecê uma enfermidade dali, a gente vai parando” (Depoimento de seu Zé Tatão).

“As vezes tô cansado de trabalhar, que agora os ossos já tá mais maduro” (Depoimento de seu Niquinho).

Também, é ao corpo que eles se voltam para explicar a redução dos contatos sociais; neste caso, ele é representado como um obstáculo que se interpõe aos passeios, às longas caminhadas, ao trajeto da igreja... Seu Adão afirma que para ele “*é difícil ir*” aos encontros da Conferência dos Vicentinos ou às missas da igreja em função de suas debilidades físicas. Dona Maria dos Milagres também explica que não participa mais das romarias promovidas pela igreja, porque quando viaja as pernas doem:

“(...) agora pra mim viajar mais longe é uma dor dentro desse nervo, aqui dentro ó. Não é que ele dói, é que ele queima igual, tá vendo que é reumatismo, aqui ó. Eu vou andando, andando, e essa perna aqui esquenta que se eu fazê assim minha mão fica até vermelha, de tanto que ela esquenta, mas é reumatismo. Ai, eu já passei um colosso de coisa, mas qualé o ditado ‘coitado de quem é véio, o mal já passou a cabeça’, porque vai indo, vai indo, passa mesmo, né?”

E, é aos inúmeros problemas de saúde do corpo, que, principalmente, as mulheres, referem-se quando explicam o abandono de algumas atividades domésticas,

“(...) Eu faço até um alface se for preciso fazer, mas o problema é a perna boba, dói demais, num paro em pé, ela sai fora do lugar” (Depoimento de dona Belizena).

“(...) eu num torro café, me faz mal por causa da pressão, fica com a pressão alta” (Depoimento de dona Jacira).

“(...) os menino num gosta que eu torro café, me faz mal torração de café, então eles compra, né?” (Depoimento de dona Francisca).

Interessante destacar, que, em Corrêgo Fundo, percebeu-se que além da atenção dada ao corpo ser maior com idade, é também, maior entre as mulheres do que em entre os homens. No conjunto dos depoimentos ouviram-se mais queixas das mulheres que dos homens. Essa desproporcionalidade

entre homens e mulheres foi assinalada, por BOLTANSKI (1989) em sua investigação:

“(...) as mulheres parecem mais atentas que os homens às sensações doentias, escutam-se mais do que eles, da mesma maneira que os membros das classes superiores se escutam mais facilmente que os membros das classes populares e mantêm, mais freqüentemente do que os homens uma relação sensitiva com o corpo” (p. 174).

Segundo o autor, a distinção observada naquele contexto, ocorre em função de que, entre as mulheres, as regras morais que governam a relação com o corpo e que privilegia o esforço físico, se impõem de maneira mais moderada, possibilitando, assim, que elas o “escutem” mais facilmente. Em Córrego Fundo observou-se que, geralmente, as mulheres são as responsáveis pelo cuidados dos filhos, e, conseqüentemente, quem se depara com as inúmeras dificuldades de acesso a serviços médicos quando os mesmos adoecem, o que as forçam a buscar compreender os sinais e sintomas de saúde ou doença do corpo. Assim sendo, pode-se levantar a hipótese que a maior atenção dirigida ao corpo pelas mulheres, em Córrego Fundo, deve-se além do menor esforço físico que lhes é exigido, aos cuidados dos filhos e as condições objetivas para os efetua-los, conforme se atesta nas falas de dona Lirinha:

“(...) a gente tinha muito menino, meus menino eram seis, a gente num podia ir no médico todo dia com menino, a gente morava bñge da rua, do comércio, né? Muito difícil, num tinha condução pra ir, num tinha charrete, num tinha nada, o que a gente fazia? Tinha que tomar chá de casa, né?”

Igualmente, é relevante ressaltar que uso instrumental do corpo, durante quase toda a sua trajetória de vida, da infância até a velhice, faz com que as interpretações, pelas pessoas idosas, a respeito de seu próprio corpo sejam diretamente correlatas ao seu estado de saúde e este, por sua vez, a sua capacidade física para o trabalho. Quando falam de seu corpo, falam de sua saúde. E ter saúde é, antes de qualquer coisa, ter força física para trabalhar. Quando indagada se possuía saúde, dona Maria dos Milagres responde:

“Hoje parece graças a Deus... Como dizê, a gente vai assim, um dia, dois, passa mal, gente véia é companheira de neném novo, um dia, dois, ele tá bonzinho mesmo, tá brincando, alimenta bem, aquela coisa tudo, e já um dia da semana ele tá muito enjoado, parece que panhõ quebranto, parece que panhõ mau olhado fica dando trabalho à mãe, num quer saí da mão, gente véio é a mesma coisa, né? Tem dia que eu fico pensando: eu podia ser aquela quando eu tava com 30 anos de idade, eu batia pasto, eu comia qualquer coisa, eu desgostava brejo pro zoutro, eu ajudava a batê brejo de foice, eu

comia qualquer coisa, batia pasto igual condenada, no meio de uma turma de homem aqui”.

A mesma associação está presente nas falas de dona Lirinha:

“(...) eles falam que o povo da roça é de mais saúde, é por causa disso, porque eles forçam demais. Força, faz u ma ginastica boa, né?”

Por outro lado, essa idéia de força que exprime uma representação mecanicista do corpo constitui o alicerce de toda uma série de atitudes, a principio, independente na aparência. Considerando-se, por exemplo, os comportamentos alimentares, as normas que orientam a atividade física e que prescrevem o modo de utilização intensa do corpo, conduzem ao consumo de um maior suprimento de alimentos. A diminuição da demanda da força física diminuiu o consumo, conforme ilustram os depoimentos:

“(...) quando eu trabalhava fora, eu merendava mesmo: cuscuz, broa, eu estralava ovo de manhã cedinho que eu trabalhava em serviço pesado, então eu merendava, na hora do almoço eu almoçava bem. Agora eu quase num merendo não, porque eu tô sempre por aqui mesmo, né?” (Depoimento de seu Niquinho).

“(...) Azeitava na panela uma concha de gordura numa caçarola, aí é água em cima, deitava o fubá e deixava cozinha, uns dois ovos em cima. Eu comia demais, é isso. Hoje num uso isso mais não” (Depoimento seu Luiz Felipe).

“(...) a quantidade de comida que eu comia num vou falar. Um prato de comida que eu comia, hoje dá pra três dias, mas eu comia às vezes dois, três, então. É por isso mesmo, vai ficando véio o apetite diminói” (Depoimento de Zé Tatão).

“(...) trabalhando o apetite chegava, né? No cabo do machado, cortando cada pau que tá danado, tem que ter força mesmo se não num vai. O cabo do machado era um tônico para mim” (Depoimento de seu Nêgo).

Entretanto, resgatando-se a definição de GARCIA (1992), para quem o ato de comer não pode resumir-se à alimentação de células, percorrendo a existência do homem e coexistindo com valores instalados na sua cultura, com significados para o indivíduo e para a sociedade. Indaga-se, assim como procedeu BOLTANSKI (1989), se se tem o direito de apresentar uma seleção de alimentos ricos em elementos energéticos, devido ao peso do trabalho físico exercido, como explicação direta e exclusiva dos consumos e dos gostos alimentares dos membros das classes populares. Segundo o autor, se por um lado, é verdade que as necessidades calóricas são dependentes da intensidade de trabalho fornecido, e que os indivíduos parecem capazes de ajustar de maneira bastante precisa sua ingestão às necessidades físicas, por outro lado, o consumo de calorias necessário para fornecer uma certa

quantidade de esforço pode ser determinado por mais de um fator e de naturezas distintas. Neste sentido afirma que:

“Convém fazer uma clara distinção entre 'fome' e os 'apetites', entre os 'nutrimentos' e 'os alimentos', pois 'o apetite' não corresponde 'a fome', ou seja, 'a uma necessidade de repor reservas esgotadas', mas antes, constitui uma projeção psíquica da fome, um elemento adicionado, de natureza puramente afetiva, relacionado com hábitos alimentares, os gostos dos indivíduos e cada tipo de civilização”⁴⁵ (BOLTANSKI, 1989:156).

E novamente, a observação empírica corrobora as inferências desse autor. Retomando-se às falas de seu Nêgo, em um primeiro momento, ele afirma não possuir apetite devido à ausência de trabalho “*o cabo do machado é um tônico para mim*”, em outro, quando estava internado no hospital e a enfermeira lhe serviu canjiquinha, ele relata que “*baixou na canjiquinha*”, e ainda pediu para repetir “*a senhora pode trazer todo dia pra mim...*”. Vale recordar, a canjiquinha é a mesma preparação que a mãe lhe servia na infância: “*todo dia mamãe me dava um prato de canjiquinha e eu comia, e gostava da canjiquinha, gostava muito de canjiquinha*”. Ou seja, este exemplo demonstra que o consumo dos alimentos não se dá somente em função determinantes fisiológicos, pois o apetite de seu Nêgo revela-se também condicionado a aspectos afetivos.

Evidentemente, não se pretende desconsiderar a importância dos determinantes fisiológicos do comportamento alimentar; antes, o que se intenciona é evitar uma análise reducionista, mesmo porque estudos, como o realizado por CAMPOS (1996)⁴⁶, já comprovaram o efeito das transformações do corpo decorrente da velhice nos hábitos alimentares dos idosos. Os dados do Índice de Massa Corporal (Apêndice D) e o depoimentos coletados, ainda

⁴⁵ GARCIA (1992) também faz uma distinção entre os termos nutrição e comida. Nutrição, por ser um termo de caráter técnico, embute-se na palavra uma matriz que resgata representações com conteúdo envencilado tecnicamente, retém a idéia de uma forma conectada a valores nutricionais. Já a palavra comida, termo usual na linguagem informal, recupera principalmente elementos presentes da experiência pessoal e sócio cultural. Ao final do trabalho a autora conclui pela existência de uma mobilidade na argumentação utilizada convenientemente conforme a circunstância.

⁴⁶ Em seu estudo sobre impacto da suplementação alimentar em idosos CAMPOS (1996) demonstra que de acordo com Pesquisa Nacional Sobre Saúde e Nutrição (PNSN), realizada em 1989, a situação nutricional de adultos e idosos sofreu grande alteração nos últimos quinze anos, apresentando a população adulta e idosa brasileira alta prevalência de baixo peso e também de obesidade. Essa tendência foi verificada tanto no meio rural quanto no meio urbano. No grupo dos idosos a frequência de baixo peso atinge 20,7% dos homens e 17,0% das mulheres. Em números absolutos, o país tem 1 milhão e 300 mil idosos com baixo peso, sendo logicamente, os idosos de baixa renda os mais atingidos. O sobrepeso, e principalmente, a obesidade afetam proporcionalmente mais mulheres do que homens. Praticamente metade da população idosa brasileira tem excesso de peso em todas as regiões.

que não apresentados em discursos explícitos e, ou, sistematizados, também apontam para interferência desses determinantes fisiológicos. Como pode ser observado, em muitos momentos, os idosos atribuem à falta de apetite as transformações do corpo:

“(...) Num vejo gosto não. Eu gosto muito de carne, e vai e põe carne, eu vejo gosto. Feijão, arroz, essas outras coisas, batatinha, ah... como aquilo e num tô vendo gosto daquilo. Meu paladar, eu num sei...” (Depoimento de seu Adão).

“Não eu como uma comida quase igual, mas eu num posso, né? comer um salgado eu num posso, num posso comer gordurento, é proibido por causa da pressão e coração, né?” (Depoimento de dona Margarida).

“(...) diminói o alimento por causa do estômago, né? Qualquer um pouquinho que você come tá satisfeito, num tem jeito de ficar forte” (Depoimento de seu Zé Tatão).

As alterações fisiológicas são interpretadas, inclusive, como próprias da idade avançada. Neste sentido, a causa “natural” a falta de apetite é a própria velhice, esta “anomalia normal”⁴⁷, conforme explicam dona Quita e dona Francisca:

“depois que eu fiquei mais velha eu num como é quase nada mesmo”.

“(...) a pessoa vai ficando de idade tudo muda. Num come igual comia mais novo não, pessoal mais novo come mais.”

O comportamento alimentar pode ainda, estar condicionado a fatores econômicos que limitam o acesso e a diversidade da dieta. Verificou-se, em Córrego Fundo um consumo alimentar quase que exclusivamente restrito ao feijão, ao milho, ao arroz e as verduras, no caso, couve e alface, e, esporadicamente, o consumo é acrescido da carne, ovos ou torresmo.

Mas, mesmo frente as limitações econômicas, é importante destacar, que os gêneros ofertados, são absorvidos inevitavelmente de forma mediatizada pela cultura local, pois conforme explicita BOLTANSKI (1989), as necessidades 'naturais' só se podem exprimir e realizar, uma vez, retraduzidas

⁴⁷ De acordo com BEAUVOIR (1976), há uma aproximação do conceito de velhice ao de doença. Para essa autora “existe alguma verdade na concepção de Galeno que situa a velhice num ponto intermediário entre a doença e a saúde. Paradoxalmente, ela é um estado anormalmente anormal. ‘É normal, isto é, conforme à lei biológica do envelhecimento, que a progressiva redução das margens de segurança acarrete o rebaixamento dos limiares de resistência às agressões do meio, escreve Canguilhem. As normas de um velho teriam sido consideradas deficiências no mesmo homem adulto’. As pessoas idosas, quando se julgam doentes – mesmo sem o estarem – estão salientando esta anomalia; o ponto de vista por elas adotado é de um homem jovem, inquieto por uma certa surdez, uma presbétia, por experimentar algumas indisposições ou por se cansar depressa demais. Quando satisfeitas com a sua saúde, deixam de se cuidar, e se instalam na velhice: é ela a responsável pelos seus distúrbios” (BEAUVOIR, 1976:10).

na ordem cultural, ou seja, em conformidade com o conjunto das normas e dos valores que constituem a cultura do grupo. O milho, por exemplo, é “retraduzido” pela cultura local através de preparações típicas da região como o cuscuz, o “gambá suado”, a broa de milho, e a canjiquinha.

Na realidade, observou-se que muitas destas preparações estão desaparecendo da culinária local, e os idosos entrevistados são o testemunho vivo das mudanças no comportamento alimentar na comunidade:

“Antigamente quando num tinha o cuscuz, eles fazia era Broa de fubá e rapadura. As vezes uns assava na panela, outros assava no forno. Minha avó assava. Fazia enrolado dessa grossura, era chamado pau-a-pique, mas era broa mesmo. Enrolava na folha de banana e punha no forno assim, Aí aquele bitelo. Um pau-a-pique daquele pegava a gente almoçado.(...) Hoje o povo não quer(...) tá com a boca finiiinha boba. Essa [dona Fia] daí hoje fez um bolo, bolo todo mundo come, mas broa é capaz de todo mundo num querer” (depoimento de seu Zé Tatão).

Levanta-se a hipótese de um processo de “desapropriação cultural”, usando os termos de BOLTANSKI (1989), que em uma definição bastante sucinta consistiria na difusão das “necessidades” pelos próprios produtores dos bens de consumo. Entretanto, este é mais um aspecto da alimentação local, que no momento, não cabe aprofundar.

Retomando o discurso da ordem moral assinalado anteriormente que prega que a velhice leva a um maior empreendimento do espírito ou mente, em função de um desprendimento do corpo, pode-se evidenciar que a realidade empírica não somente contradiz este último, como também, a possibilidade de um maior empreendimento prestado ao espírito. Percebeu-se, que, à medida que vão se acentuando as mudanças do corpo, o próprio pensamento tido, muitas vezes, como a essência do espírito, passa a se ocupar cada vez mais com os agravos daquele. Exemplo disso, é a recorrência sobre os problemas de saúde nos depoimentos de dona Belizena, seus temores, suas angústias, constantemente a lhe ocupar a mente:

“(...) sou doente, não saio de casa, essa perna tá ruim, inchada, dói demais. Ando mas mancando. Dói demais, a dor tá por dentro(...)Eu estou escutando pouco, eu tô surda boba (...) qualquer coisinha minha pressão sobe, né? fico com raiva, qualquer coisa eu fico com raiva, que gente doente fica nervoso (...) coração está fraco (...) eu tô pelejando com esses olhos (...) eu preciso operar mas já num tenho idade pra operar mais. Tem que operar por causa do incômodo que tá aqui nos zóio. É o incômodo, dói, arde, sai muita água nos zóio. Agora tô pondo a pomada que o médico me deu, tem um colírio, mas ainda tá ruim, boba. Isso não resolve não, precisa operar. Eu tô com medo de operá, ficar cega. Se eu num operar, vou ficar cega, o médico falou. Vou ficar cega. De todo jeito pra mim tá ruim, boba. Eu fico aborrecida pensando essas

coisas tudo, eu fico assim mesmo boba, num tem graça não.”(Depoimento dona Lirinha).⁴⁸

Esses pensamentos, podem chegar ao extremo, caracterizando aquilo que os psiquiatras, segundo informa BEAUVOIR (1976), dão o nome de “*Griboullisme*”, ou seja, é a atitude de entregar-se a velhice devido ao horror por ela inspirado,

“força-se a nota. Como se esta arrastando um pouquinho a pernas, imita-se a paralisia; como se esta um tantinho surdo, deixa-se de ouvir. As funções que deixam de ser exercidas, se degradam, se atrofiam, e de tanto se fingir de inválida, a pessoa acaba sendo de verdade” (p. 30).

Essa reação segundo a autora é bastante comum nos velhos muito velhos, quando rancorosos, reivindicadores e desesperados pela própria condição, então vingam-se dos outros exagerando sua própria impotência. .”O depoimento de seu Zizinho sobre comportamento de sua mãe, dona Belizena, em relação aos seus problemas de saúde, sinaliza este quadro:

“Mamãe quando começa dá uma dorzinha de barriga, já virou o mundo, o mundo esta desabando em cima dela”.

Por outro lado, a própria saúde mental, pode ser considerada um entrave aos empreendimentos espirituais. Por exemplo, seu Nêgo, queixa-se com frequência que está com a cabeça “variada”, “fastiada”; angustia-se com as noites de insônia, as alucinações e os lapsos da memória, conforme relata:

“Teve tempo aí que eu fiquei ruim pra dormir, acordava num sabia bem onde eu tava, eu chamava Lirinha pra dizer onde eu tava, tava no meio da capoeira, saía fastiado pelo mato afora, quando chegava lá dentro e cabava, sumia o pessoal tudo, eu ficava sozinho dentro da capoeira, num alto de morro, onde é que eu vou agora? “(...) ah, tô esquecendo demais, pessoal novato fala comigo e daqui uns dias eu já nem sei mais.”

De acordo com VERAS (1977), as pesquisas internacionais têm mostrado que os diagnósticos mais encontrados, entre os idosos são a demência ou a Síndrome Cerebral Orgânica (SCO) e a depressão. A SCO, conforme define esse autor, se define pelo

“(...) comprometimento das funções corticais incluindo memória e capacidade de solucionar problemas cotidianos, da habilidade motora da linguagem e comunicação e do controle das reações emocionais. Não há turvação na consciência” (p. 18).

A prevalência estimada de casos severos de SCO, é de 5% para indivíduos acima de 65 anos, e 20% para indivíduos acima de 80 anos. Essa

⁴⁸ Certa vez, ao final da entrevista, na despedida, dona Belizena confessou que sempre ficava pensando, questionando-se , se valia a pena viver com o corpo sempre doente.

diferença, segundo o autor, reflete o fato da prevalência de SCO dobrar a cada cinco anos a mais de idade entre os maiores de 65 anos. A depressão, constitui-se em uma outra modalidade de distúrbio mental e inclui duas categorias nosológicas a maior e a distímia⁴⁹. A prevalência total de depressão situa-se em torno de 15%, sendo que na depressão maior, segundo Lindsay citado por VERAS (1977), é de cerca de 3%.

Outro estudo realizado por VERAS (1994), em bairros urbanos do Rio de Janeiro, que tinha por objetivo avaliar e medir a prevalência de distúrbios mentais da população idosa, a fim de investigar a averiguar como se associavam a fatores sociais, econômicos e de saúde, constatou através de entrevistas domiciliares realizadas em uma amostra de aleatória de 242 indivíduos com 60 anos ou mais e de baixo poder aquisitivo, déficits cognitivos e de depressão na proporção de 30% e 35%. Embora o referido autor tenha considerado que as modificações dos questionários e dos pontos de corte utilizados poderiam reduzir parcialmente as prevalências descritas, concluiu que os resultados obtidos foram “surpreendentemente elevados” (VERAS, 1994:196).

Também Almeida Filho, citado por VERAS (1977), usando Questionário de Morbidade Psiquiátrica de Adultos, entrevistou 1.549 pessoas com mais de 15 anos. Foi selecionada uma subamostra, de 139 pessoas com mais de 55 anos, com o propósito de obter a prevalência de problemas de saúde mental nessa faixa etária. Com o objetivo de comparar esse estudo com outros, os autores apresentaram os resultados em duas faixas etárias, uma de 95 pessoas com a idade entre 55 e 65 anos, e a outra de com 44 pessoas com mais de 65 anos. A prevalência de neuroses e de distúrbios em geral foi mais alta do que a esperada: para a demência observou-se uma prevalência de 3,1% na faixa de 55 a 65 anos e de 6,8% para a faixa acima de 65 anos.

Os estudos acima concordam no sentido de que os transtornos mentais estão positivamente associados com condições de vida da população, verificando-se uma maior prevalência entre aqueles indivíduos de poder

⁴⁹ Segundo definição de VERAS (1977), a depressão maior consiste “no quadro mais grave de depressão, onde são mais freqüentes os seguintes sinais e sintomas: idéias suicidas, idéias de fracasso e ruína, insônia, perda de peso e apetite” (p. 18). A distímia consiste em alteração de humor de tonalidade depressiva, sem, no entanto, alcançar um grau de distúrbios comportamentais extremos como no caso da depressão maior.

sócioeconômico mais baixo, “os que possuem rendas mais baixas e níveis de instrução inferiores mostraram riscos relativos” (VERAS, 1994:195).

Infelizmente, não se tem conhecimento de estudos sobre transtornos mentais em idosos que tenham sido realizados no meio rural para que se possa melhor ilustrar as análises. Entretanto, por meio dos depoimentos como o de seu Nêgo, o de dona Fia e o de dona Luzia, que relataram consumir medicamentos para tratar a depressão, observa-se uma tendência positiva da presença de distúrbios mentais entre a população mais velha. Dessa forma, a questão da saúde mental dos idosos também reitera a proposição inicial desse trabalho sobre a necessidade de se desconstruir o clichê que atribui a velhice um maior empreendimento da mente em compensação aos desgostos do corpo.

6.3. "Liberdade e realizações"

"Quando eu outrora sonhava, tinha a juventude pela frente; podia caminhar em direção àquela coisa desconhecida que eu estava buscando. Hoje já não posso estender a perna sem tocar no limite" (Depoimento de Chateaubriand citado por BEAUVOIR, 1976:117).

"(...) vou fazer mais o quê? fazer futuro na vida mais num faço, fazer de quê pito? Pessoa tando de idade fazer futuro na vida?" (Depoimento de dona Maria dos Milagres).

Compreender a velhice dentro da categoria dos irrealizáveis, implica em afirmar que, vivendo em sociedade, a pessoa de idade vive na contingência de assumir uma experiência que só realizou através do outro, e que por isso, tem também que assumir para-si, uma experiência social, e sujeita aos ditames morais que ordenam a vida em sociedade.

Quando se considera a questão da aposentadoria, esses ditames querem fazer crer que, a desobrigação para o trabalho implica em liberdade para a realização de projetos pessoais nesta última etapa da vida.

Duas questões impõem-se ao avaliar a possibilidade de correspondência desta proposição com a experiência empírica. Primeiro, a que deriva da própria concepção de trabalho no interior da sociedade que se está analisando. E segundo, as condições objetivas que viabilizam, ou não, a construção de projetos pessoais.

Analisando-se a primeira: se se concebe numa visão economicista que o trabalho venha à constituir-se somente um processo que possibilite ao indivíduo angariar os proventos necessários à sua sobrevivência, e que o advento da aposentadoria lhes garantiriam esses proventos de igual maneira, de fato, vislumbra-se a possibilidade de um sentido de libertação em prol de projetos pessoais.

Mas se por outro lado, amplia-se o leque de visão, e passa-se a conceber o trabalho para além de um processo econômico, como um processo cultural, o qual condiciona o lugar, o papel e as relações do sujeito no interior daquela estrutura social⁵⁰, estabelece-se a necessidade de se relativizar a proposição supracitada.

⁵⁰ Esta concepção "mais global" do processo de trabalho foi igualmente adotada por WORTMANN e WORTMANN (1977), em um estudo, que teve por objetivo analisar o processo de trabalho agrícola de camponeses nordestinos, buscando revelar sua lógica interna. Para tanto, os autores orientaram suas análises na concepção de que o trabalho da terra é também um trabalho ideológico, ou nos termos dos autores, que "o processo de trabalho, além de ser um encadeamento de ações técnicas, é também um

Retomando-se, o contexto dessa investigação, percebe-se que a totalidade dos idosos entrevistados, na infância, iniciavam o trabalho na lavoura, por conseguinte, o trabalho e os significativos que aquela sociedade lhe atribuía, faziam parte do seu processo de socialização⁵¹:

“(...) eu tava com sete anos e já trabalhava na roça” (Depoimento de dona Maria dos Milagres).

Com a maturidade, intensificavam-se seus contatos com o mundo do trabalho,

“(...) Antigamente o que marcava a pra nós a hora de trabalhar era o sol, quando o sol saía nós tava pegando, quando o sol enteva que nós largava” (depoimento de seu Nêgo).

E era também em torno do trabalho que estabeleciam as relações com membros da família. Dona Maria dos Milagres, explica que foi em função do trabalho que ocorreu a sua segunda união conjugal:

“(...) ele largou a fazenda, passou a morar sozinho, mas muito difícil, tocava roça, mexia com moinho, mexia com entregação de milho pro zoutro, café, essas coisas tudo...Aí, foi indo, foi indo... apareceu trabalhador lá pra serrar madeira. Aí ele quis que eu fosse pra lá pra cozinhar, lava roupa, pra tudo. Eu falei: eu posso até ir, que tudo nesse mundo tem um acordo, e tem um modo de a gente entender com o outro, né? Aí vai, eu fui. Dava conta de tudo. Aí ele falou assim: Você podia combinar pro você ficar aí. [e ela respondeu] Eu tenho medo dos estrupijos. Bom passou, passou...ele foi, tratô de casar quando fizesse um ano. Aí eu fiquei lá e ajudei a tocar a roça, luta com a fazenda, luta com uma coisa, luta com a outra. Você sabe que a vida na fazenda é difícil pra todo mundo. Aí, eu fiz pra ganhar essa tal Aparecida. Aí Deus ajudou foi tudo em casa, foi tudo em paz, daqui, dali...foi só sacrificá pra nós cria ela.”

Igualmente, o trabalho mediava os vínculos com a vizinhança. Sistemas produtivos como a troca de dia ou a parceria consolidavam relações de amizade, solidariedade e confiança, como se pode observar nas falas de seu Nêgo e seu Niquinho, respectivamente:

“(...) trocava para agradar os companheiros, que ele gostava muito de mim (...) somente trocava com a pessoa de confiança, porque um dia trocado eu vou pro outro, ele vai e não me paga o dia, como é que ele trocou o meu serviço, né?”(...) eu vou, e ele num tá no serviço. Então nós trocava com quem era bom pra pagar, porque tem gente que é só conversa, né? Põe aquela conversa na gente, mas a gente já conhecia a turma, né? A turma percebeu [que não trabalhava] nós num trocava dia. Pegá no serviço, pegá a amassar também, atrapaia tudo, aí nós num sente isso como um companheiro bom...eu já panhei doze companheiro na roça, tudo bom, num precisava nem de olhá pro serviço,

encadeamento de ações simbólicas, ou seja, um processo ritual. Além de produzir cultivos, o trabalho produz cultura” (WORTMANN, 1977:15).

⁵¹ A socialização nesta investigação é entendida nos termos que Bergmann e Luckmann, citados por BERGER (1985) a definiram, como processo ontogenético no qual ocorre “a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela” (p. 175).

pegava com um deles embaixo, de repente tava no alto, capinava era muita coisa mesmo por dia mesmo. Ah porque tem que ter pulso pra manter uma enxada o dia inteiro, né?”

“pagava serviço com o dia trocado. Nós era nove, dez, companheiro. Quando eles começou era eu, cumpadre Joãozinho... nós era umas doze, quinze pessoa que trocava o dia de serviço. Quando eles tavam tocando, nós ia pra eles. O dia que eu marcava pra mim, se chovesse, passava uma semana sem capina. Tava tudo tratado, depois vinha. Só aquele dia que marcou, amanheceu chovendo, num dava pra trabalhar, tinha que marcar outro dia, na outra semana ainda. Aquele que falhava, num trocava com ele mais não, ele ficava sozinho (...) ficava sem ajuda ele, já num ia pra ele mais não. Pra ele não, aí ele ficava sozinho. Mas era difícil falhar. Agora que parou, né? Cada um toca o seu, né? Se paga é só uma vez por outra só, um companheiro. Não é só aqui não mudou pra todo lado. Ajudava, mas parece que mudou, isso aí mudou. Difícil. Eu acho que diminuiu o serviço também”.

Considerando-se a trajetória de vida destes idosos, não convém conceber o trabalho unicamente como estratégia de sobrevivência, ao contrário, o trabalho conectou-se de maneira essencial a vida daqueles idosos, levando, nos termos de BOSI (1983), a fundir-se com a própria substância da vida. Desobrigar-se do trabalho, neste contexto, significa, geralmente, privar-se de sua forma de atuar naquele mundo e com ele se relacionar. Tanto assim, que se observa uma resistência à saída do mundo do trabalho, protelando-a até quando o seu corpo lhe permite,

“(...) o dia que eu trabalho demais, igual eu pego peso por aí afora, aí quando é de tarde, depois que eu deito, aí a cadeira dói um pouco. Mas, eu levantei, cabou, naquela hora mesmo se eu levantar. As vezes tô cansado de trabalhar, que agora os ossos já tá mais maduro” (Depoimento de seu Niquinho).

Todos os entrevistados recebem a aposentadoria ou pensão, mas somente dona Belizena (86 anos) e seu Nego (88 anos) estão afastados por completamente do trabalho, e este último ainda refere-se as tarefas da lavoura como se dela participasse,

“Tivesse chovendo, tinha plantado o milho também, mas sem chuva... aproveita outubro terra molhada, é o mês de melhor plantar, planta outubro mesmo, né? A gente planta antes, às vezes planta depois, mas antes fáia muito. É pegá a chovê que dá pra nascer, mas se dá de faía de chovê, planta de castigo, em cima de solo muitos dias, aí num nasce não... Hoje o serviço tá apertado demais, Nossa Senhora!!! Tem prazo de nada”.

No entanto, não se está desconsiderando que questões objetivas imprimam o prolongamento da vida ativa. Primeiro, devido ao fato de que o valor que recebem da aposentadoria não é o suficiente para garantir a subsistência daqueles idosos, principalmente, quando as despesas domésticas são acrescidas com serviços de saúde e medicamentos,

“eu recebo aposentadoria, mas minha aposentadoria vai e volta tudo outra vez, que eu pago plano, 96 reais, né? e agora meu remédio fica por 85. Num dá

não, a aposentadoria dele [marido] coitado, a metade ele ainda dá pra mim inteirar os remédios” (Depoimento de dona Francisca).

“(...) então qué dizer que o que ganha num dá direito pra comer não (...) nós intera com milho aqui, nós planta feijão, nós planta milho, assim alguma coisa que der pra nós comprar mais barato a gente compra, pra economiza, que num dá mesmo (...) a gente vai economizando daqui, dali, pra ver se Deus ajuda aqui, e faz com que a gente corta um dedo emenda outro, corta um dedo emenda outro, pra ver se Deus ajuda que dá certo, que o negócio é apertado”.

E depois, porque as próprias condições objetivas constituem o segundo aspecto sobre o qual se debruça para demonstrar a necessidade de se relativizar a possibilidade da construção de projetos pessoais. Entende-se que, para que na velhice o indivíduo estivesse empenhado em seus projetos pessoais, seria preciso que eles os vislumbassem no decorrer de toda a sua existência. As condições objetivas nas quais aqueles idosos viveram na infância, na juventude e na maturidade, caracterizadas, por exemplo, pela falta de recurso que os impediram de freqüentar a escola - *“nem escola papai pode dá pra nós”* - e em alguns casos, até de se alimentar - *“pra comê, tinha dia que num dava”* - tornam remota a possibilidade de que aqueles idosos traçassem objetivos fora do mundo do trabalho.

Nesse mesmo sentido, argumenta BEAUVOIR (1976), para que a velhice não representasse uma “derrisória paródia” da existência anterior, seria preciso que o velho continuasse lutando por objetivos capazes de conferir um sentido à sua existência, seria preciso desejar prosseguir alimentando, na idade avançada, paixões suficientemente fortes para evitar que a pessoa se volte para ela mesma. As possibilidades de construí-las somente são concedidas a uma minoria de privilegiados: “é na idade final que se aprofunda ainda mais o abismo entre estes e a imensa maioria dos homens” (p. 300).

Segundo a autora, ao aposentado, cujas condições existenciais de vida não lhe outorgaram a possibilidade de criar justificações para fora do ambiente de trabalho, mesmo ao livrar-se dos constrangimentos de sua profissão, vislumbra apenas um deserto ao seu redor, não há perspectiva, veja-se, por exemplo, a fala de dona Maria dos Milagres:

“(...) vou fazer mais o quê? fazer futuro na vida mais num faço, fazer de quê jeito? Pessoa tando de idade fazer futuro na vida?”

Como se observou, não foi concedida àqueles idosos, a oportunidade de se empenhar em projetos que lhe teriam povoado o universo de objetivos,

valores e razões de ser, externos a vida no trabalho. Por isso, conclui BEAUVOIR (1976), que ainda mais “escandalosa” que a política da velhice que a sociedade adota, “é o tratamento infligido à maioria dos homens durante a sua fase de juventude e maturidade. A sociedade pré-fabrica a mísera e mutilada condição que lhes há de caber na idade final” (p. 301).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho constituiu-se em uma análise da experiência do envelhecimento no meio rural, face a constatação de uma lacuna epistemológica expressa pela quase ausência de trabalhos sobre a velhice no meio rural. Essa lacuna se acentua quando tratada numa perspectiva transdisciplinar, isto é, que envolve aspectos de distintas natureza: biológicos, econômicos e socioculturais tal qual se buscou adotar nessa investigação.

Orientou as análises o pressuposto teórico de que a velhice enquanto objeto de análise, pertence a categoria dos irrealizáveis conforme postulada por Sartre, ou seja, uma situação composta de aspectos percebidos pelo outro e, como tal, reificados, que transcendem a nossa consciência. Enquanto irrealizável a velhice é também uma categoria social sujeita à criação de uma série de estereótipos, de preconceitos ou clichês, em que o velho somente é descrito em exterioridade. Por isso, procedeu-se o confronto da trajetória de vida, relatada por idosos residentes na comunidade rural de Córrego Fundo, Zona da Mata mineira, com alguns desses clichês.

Os resultados do confronto revelaram que há uma incongruência entre a realidade empírica e as imagens que se formulam a respeito da velhice nos clichês analisados, sendo possível inferir que contemplam menos a experiência vivida por aqueles idosos, do que um ideário urbano sobre a velhice, muitas vezes corroborado, intencionalmente ou não, pela ciência, pela mídia e pelo Estado.

Primeiro, porque no trabalho de campo percebeu-se que o conceito de família extensa em que os membros de diferentes gerações estariam unidos em torno de

interesses comuns – que sustenta a hipótese de que no meio rural os velhos se sintam mais tranquilos ou serenos dada a possibilidade de que sua obra se perpetuaria pela gerações descendentes – mostrou-se inaplicável aquela realidade.

Nos depoimentos a imagem da família extensa onde coabitam várias gerações, apareceu como parte da passado do convívio familiar dos idosos. No presente, a coabitação entre pais, filhos e netos, principalmente, organizados em torno de interesses comuns é uma possibilidade que se mostrou quase ausente. Condições objetivas como a estagnação da economia da região atuam impedindo a reprodução física e social daqueles pequenos produtores, que vivem, hoje, um processo de empobrecimento e decadência da sua produção de subsistência. Em agravo a essa situação observou-se mudanças nas relações de trabalho dentro do sistema de produção, como por exemplo, a substituição de relações mais solidárias como a “troca de dia” pelo “pagamento do dia”. Uma das conseqüências desse depauperamento contínuo das condições de vida foi o êxodo das populações mais jovens.

Quando se levantou os aspectos morais e afetivos que envolvem a constituição familiar, percebeu-se ainda mais a necessidade de se desconstruirmos estes clichês que ignoram a probabilidade do conflito nas relações familiares. Pois os sentimentos expressos, em alguns depoimentos dos idosos, em relação a seus filhos, mostraram-se mais próximos da indignação, decepção e tristeza, do que respeito, contentamento e harmonia. Cogitou-se que um dos possíveis fatores deste conflitos, resida no distanciamento físico e cultural que se estabelece entre as gerações de pais, filhos e netos. Quando estes últimos migram para os grandes centros, passam a viver em contextos com diferentes *ethos* e visões de mundo, que contrastam com o dos seus pais.

Esta série de fenômenos de diferentes natureza estão ligadas por relações de causa e efeito, que refletem em transformações na organização familiar local, e diluem imagem de uma velhice serena assegurada pela possibilidade daqueles idosos verem suas obras, ou mais, suas vidas, se perpetuarem na de seus filhos.

A realidade empírica também conduziu a desconstrução de um segundo clichê, que dentro de um prisma positivo, propaga a noção de uma compensação espiritual aos

desagravos do corpo advindo com a velhice, uma espécie de equilíbrio, onde as perdas do corpo redundariam em benefício do espírito.

Observou-se que com o correr dos anos e à medida em que as transformações vão se acentuando, mais premente vai se tornando o corpo. Demonstrou-se, que o uso instrumental do corpo, naquele contexto, faz com os indivíduos se apercebiam mais dele na velhice, visto que o corpo lhes oferece uma maior resistência para que dele possam continuar se dispondo de maneira intensa e contínua, conforme demanda o trabalho na “roça”. Por isso quando justificam a extinção de suas atividades profissionais, menor importância atribuíram à aposentadoria do que à diminuição de sua capacidade física.

A atenção também se volta para o corpo não somente quando se vêm coagidos a afastarem-se do trabalho, mas, igualmente, quando o corpo apresenta-se como um obstáculo aos contatos sociais; interpondo-se aos passeios, às longas caminhadas, ao trajeto da igreja, as atividades domésticas, em síntese, a vida cotidiana.

Por outro lado, a própria saúde mental, pode ser considerada um entrave aos empreendimentos espirituais. Demonstrou-se através de pesquisas a alta incidência de transtornos mentais entre os idosos, que estão positivamente associados com condições de vida da população, verificando-se uma maior prevalência entre aqueles indivíduos de poder socioeconômico mais baixo.

Dessa forma, a questão da saúde mental dos idosos, também reitera a proposição inicial desse trabalho, sobre a necessidade de se desconstruir o clichê que atribui a velhice um maior empreendimento da mente em compensação aos desagravos do corpo. Pois, à medida que vão se acentuando as mudanças do corpo, o próprio pensamento ou espírito, ocupa-se e é perturbado com os desagravos daquele.

Finalizando, discutiu-se que quando se considera a questão da aposentadoria, os ditames morais querem fazer crer que a desobrigação para o trabalho implica em liberdade para a realização de projetos pessoais nesta última etapa da vida.

No contexto investigado, observou-se uma concepção mais ampla de trabalho, em que o mesmo é também compreendido como uma forma de socialização, um meio que condiciona o ser e estar dos indivíduos dentro daquele universo. Daí decorre o fato daqueles idosos, em geral, adiarem, até quando o corpo lhes permite, a ruptura de suas atividades. Percebeu-se que esta concepção de trabalho, inclusive, decorre das condições objetivas nas quais aqueles idosos viveram toda a sua trajetória de vida, como

por exemplo, a sujeição a um regime de trabalho diário e intenso, que não lhes proporcionou a oportunidade de vislumbrar projetos fora do mundo do trabalho.

Como esta investigação se propôs desenvolver dentro de uma perspectiva transdisciplinar e que não revelasse a velhice em exterioridade, vale ressaltar que os temas foram emergindo ao longo da interação da pesquisadora com os idosos e das leituras das obras que instigaram as reflexões. E, fundamentalmente, que assumiram um continuum que possibilitou à pesquisadora, nutricionista, uma profissional da saúde, aproximar disciplinas e perceber a premência de um diálogo entre elas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, P.C. **Antropologia da saúde: traçando identidades e explorando fronteiras**. Rio de Janeiro: Fiocruz/Relume-Dumará, 1998. 248 p.
- ARAÚJO, J.P. **Previdência social: diagnóstico e propostas**. Belo Horizonte: Projeto Joaquim Oliveira, 1995. 182 p.
- ARAÚJO, J.P. **Manual dos direitos sociais da população: as reformas e o impacto nas políticas sociais**. Belo Horizonte, 1998. 314 p.
- ÁRIES, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 279 p.
- BARBOSA, W.A. **Dicionário histórico-geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: SATERB, 1971. 536 p.
- BARRETO, M.L. **Admirável mundo velho - velhice, fantasia e realidade social**. São Paulo: Ática, 1992. 237 p.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 1976.
- BERGER, P. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1985. 248 p.
- BOLTANSKI, L. **As classes sociais e o corpo**. 3.ed. Rio de Janeiro: GRAAL, 1989. 191 p.
- BOSI, E. **Memórias e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983. 405 p.
- BOURDIEU, P. A propos de la famille comme categorie réalisée. **Actes de la Recherche en Sciences Sociales**, Paris: n. 100, p. 32-36, 1993.

- BRANDÃO, C.R. **Campesinato goiano: três estudos**. Goiânia: UFGO, 1986. 156 p.
- BUENO, F.S. **Minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD/LISA, 1996. 703 p.
- CAMARANO, A.A., ABRAMOVAY, R. **Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos**. Caxambu, 1997. 16 p. (XX Encontro da ANPOCS – ST0113).
- CAMPOS, M.T.F.S. **Efeitos da suplementação alimentar em idosos**. Viçosa: UFV, 1996. 119 p. Dissertação (Mestrado em Tecnologia de Alimentos) - Universidade Federal de Viçosa, 1996.
- CANÇADO, F.A.X. Epidemiologia do envelhecimento. In: NOÇÕES práticas de geriatria. São Paulo: COOPMED, 1996. p. 16-43.
- CASCUDO, L.C. **História da alimentação no Brasil**. São Paulo: Itatiaia/USP, 1983. v. 1.
- CHAIMOWICZ, F. A saúde dos idosos brasileiros às vésperas do século XXI: problemas, projeções e alternativas. **Revista de Saúde Pública**, v. 31, n. 2, p. 184-200, 1987.
- DA MATTA, R. O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues. **Boletim do Museu Nacional - Nova Série Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 27, p. 1-12, 1978.
- DEBERT, G.G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: LINS BARROS, M.M. (Org.). **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 49-67. (Estudos Antropológicos sobre Identidade, Memória e Política).
- DEBERT, G.G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivitização do envelhecimento**. São Paulo: EDUSP/Fapesp, 1999. 266 p.
- DELGADO, L.A.N. Reflexões sobre memória e história - a técnica da história oral. **Revista do Departamento de História**, Belo Horizonte, n. 4, p. 142-145, 1987.
- DELGADO, G.C., CARDOSO JR., J.C. **Condições de reprodução econômica e combate à pobreza das famílias dos aposentados rurais**. Brasília: IPEA, 2001. 21 p. (Os desafios da pobreza rural).
- DUMONT, L. **Homo hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações**. São Paulo: EDUSP, 1992.
- ELIAS, N.O. **Processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. 271 p.

- FORTES, M.P. **Relações de trabalho e qualidade de vida: um estudo em dois bairros rurais de Viçosa-MG**. Viçosa: UFV, 1983. 142 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, 1983.
- FREIRE, S.A., SOMMERHALDER, C. Envelhecer nos tempos modernos. In: NERI, A.L., FREIRE, S.A. **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000. p. 125-135.
- GAIARSA, J.A. **O que é o corpo**. São Paulo: Brasiliense, 1986. 116 p. (Coleção Primeiros Passos).
- GARCIA, R.W.D. Um enfoque simbólico do comer e da comida nas doenças. **Revista de Nutrição da Puccamp**, Campinas, v. 5, n. 1, p. 70-79, 1992.
- GARCIA, R.W.D. Representações sociais da alimentação e saúde e suas repercussões no comportamento. **Revista Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 51-68, 1997.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 323 p.
- GOLDSTEIN, L.L., SIQUEIRA, M.E.C. Heterogeneidade e diversidade nas experiências de velhice. In: NERI, A.L., FREIRE, S.A. **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000. p. 113-135.
- HADDAD, E.G.M. **A ideologia da velhice**. São Paulo: Cortez, 1986.
- HADDAD, E.G.M. **O direito à velhice: os aposentados e a previdência social**. São Paulo: Cortez, 1993. 115 p. (Coleção Questões da Nossa Época, 10).
- IRMÃO, J.F., MOLLER, H.D., OSMIL, G. O idoso rural e a sustentabilidade familiar no Nordeste. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 38, 2000, Rio de Janeiro. **CD-Rom...** Brasília: SOBER, 2000. 15 p.
- LASLETT, P. **A fresh map of life: the emergence of the third age - aging and society**. Cambridge: Harvard University, 1991.
- LÉVI-STRAUSS, C. A família. In: CANEVACCI, M. (Org.). **Dialética da família**. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 308-333.
- LINS DE BARROS, M.M. **Avós: autoridade e afeto. Um estudo de famílias das camadas médias urbanas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1986. 271 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986.
- LOURENÇO, O. **O movimento dos aposentados e suas lutas**. São Paulo: Gráficas Brasileiras Indústrias Gráficas, 1992. 121 p.

- MAGALHÃES, D.N. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: 1989. 128 p.
- MELLO E SOUZA, A.C. **Os parceiros do Rio Bonito – estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 4.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1977. 284 p.
- MOTTA, A.B. Chegando para idade. In: LINS BARROS, M.M. **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 223-235. (Estudos Antropológicos sobre Identidade, Memória e Política).
- NEVES, D.P. A reforma agrária e a redefinição dos ciclos de vida. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 38, 2000, Rio de Janeiro. **CD-Rom...** Brasília: SOBER, 2000. 18 p.
- PALMA, L.T.S. **Educação permanente e qualidade de vida: indicadores para uma velhice bem sucedida**. Passo Fundo: UPF, 2000. 143 p.
- PANIAGO, M.C.T. **Evolução histórica e tendências de mudanças sócio-culturais na comunidade de Viçosa**. Viçosa: UFV, 1983. 407 p. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa, 1983.
- PEIXOTO, C.A. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: LINS BARROS, M.M. **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 69-84. (Estudos Antropológicos sobre Identidade, Memória e Política).
- RIBEIRO, R.C.L. **A velhice em uma nova versão: uma abordagem interdisciplinar na microrregião de Viçosa-MG**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 107 p. Tese (Doutorado em Ciência Animal) - Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.
- SALGADO, M.A. **Envelhecimento, um desafio para a sociedade**. São Paulo: SESC, 1900. p. 4-8. (Série Terceira Idade).
- SALGADO, M.A. **Aposentadoria e ética social**. São Paulo: SESC, 1997. p. 4-15. (Série Terceira Idade).
- SAINT-HILAIRE, A. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. São Paulo: Nacional, 1830.
- SIMÕES, J.A. A maior categoria do país: o aposentado como ator político. In: BARROS, M.M.L. (Org.). **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 13-34.

- SOMMERHALDER, C., NOGUEIRA, E.J. As relações entre gerações. In: NERI, A.L., FREIRE, S.A. (Org.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000. p. 101-112.
- VALVERDE, O. Estudo regional da Zona da Mata de Minas Gerais. **Revista Brasileira de Geografia**, ano 20, n. 1, p. 3-82, 1958.
- VERAS, R.P. Transtornos mentais em idosos. In: VERAS, R.P. (Org.). **Terceira idade: desafios para o terceiro milênio**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1977. 192 p.
- VERAS, R.P. **País jovem com cabelos brancos: a saúde do idoso no Brasil**. 2.ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/UERJ, 1994. 225 p.
- WANDERLEY, M.N.B. O lugar dos rurais: o meio rural no Brasil moderno. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 35, 1997, Natal. **Anais...** Brasília: SOBER, 1997. p. 38-50.
- WANDERLEY, M.N.B. Reencontro com o nordeste: itinerários de pesquisa e construção do campo intelectual dos estudos rurais. **Estudo de Sociologia**, n. 1, v. 5, 1999. 28 p. (<http://www.ufpe.br/eso/revista9/artigo3.html>).
- WORTMANN, E., WORTMANN, K. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: UnB, 1977. 192 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TRAJETÓRIAS DE VIDA

Senhora Daria Maximiniano Teodoro (Dona Lirinha), 60 anos, nasceu no dia 8 de janeiro de 1940. Viúva, mãe de seis filhos, todos casados, uma filha vive em São Paulo, outra mais três filhos moram e trabalham nas proximidades, um solteiro e um casado, moram com ela e Seu Nêgo.

Nasceu e foi criada na Pedreira depois, quando se casou mudou para um terreno próximo do pai, lá morou 12 anos, depois mudou-se para o Cascalho, uma comunidade vizinha, onde viveu 10 anos, e com 14 anos de casada o marido faleceu, então voltou para casa do Seu Nêgo.

Quando ficou viúva, há 25 anos atrás, recorda-se

“Meus menino tava tudo pequeno. Tava tudo novo...ele [seu Nêgo] me ajudou a criar meus menino, né? Pai duas vezes, pai duas vezes porque ajudou a criar meus filhos, e agora tô olhando ele.”

Sempre trabalhou na roça e no serviço doméstico. Quando era moça junto com as irmãs preparava e levava a comida na gamela para os trabalhadores que o pai contratava para ajudar na lavoura:

“(...) eu tava com 10 anos, boba, eu tava com 10 anos, papai me levava pra mim cozinhar(...) eu cozinava e levava comida pros trabalhador, Deus Nosso Senhor!!! minhas irmãs, eu, tudo cozinava, cada dia uma, uma pra poder levar comida pros trabalhador e outra pra poder fazer a comida e carregá, né? Aí nós levava a merenda e depois o jantar, né?... saía cedo, minha filha pra poder chegar lá antes da nove... saía daqui antes de amanhecer com carro de boi”.

Depois de casada, o serviço aumentou; agora, além de cozinhar para os trabalhadores, cuidava dos filhos que estavam todos pequenos *“fazia almoço com menino na mão”*, levava a comida na roça era *“uma gamela na cabeça e menino na mão”*, e ainda costurava *“pra poder ajudar a pagar trabalhador pra poder vir trabalhar na roça”*.

Atualmente dona Lirinha só vai pra roça na colheita de café, porque *“pra colher café precisa todo mundo ajudar”*, mas é a responsável pelo serviço da casa, pela cozinha, cuida das criações pequenas e ainda tem dia que costura. Dona Lirinha recebe a pensão do marido há 24 anos, e possui ainda uma parcela de terras que recebeu de herança do marido, cultivada pelo filho que mora com ela.

Quando fala de sua saúde dona Lirinha queixa-se de uma friagem que *“panhou”* há dois anos:

“eu tinha uma porca no brejo ali, eu ficava mexendo lá no brejo com a porca, e vai eu ia lá e atrás e fazia comida pro menino, depois voltava passava o sol tava quente, calçava chinelo, pisava na água e começou a dor nos pés, pegou essas friagem”.

Segundo ela, ainda por causa da friagem sente *“febre na barriga”*, *“fraqueza”*, *“pressão baixa”* e dores generalizadas no corpo. Dona Lirinha reclama também de *“dores na coluna”* e de *“verminose”*, toma periodicamente o *“remédio de verme”*.

Contudo, afirma que é muito difícil tomar *“remédio de médico”*. Conta que foi criada e criou os filhos sem consultar médico, quando sentiam algum mal estar *“dava chá de casa”* e explica:

“(...) porque a gente tinha muito menino, meus menino eram seis, a gente num podia ir no médico todo dia com menino, a gente morava longe da rua, do comércio, né? Muito difícil, num tinha condução pra ir, num tinha charrete, num tinha nada o que a gente fazia, tinha que tomar chá de casa, né?”

Esse fato rendeu a dona Lirinha um conhecimento peculiar com relação ao uso de ervas medicinais e legitimado pela comunidade, tanto assim, que ela conta orgulhosa que *“essas por aí afora, tudo tem menino, mandava falar comigo pra mandá folha de chá, aí eu mandava pra elas, né?”*

Dona Lirinha costuma restringir sal e gordura da sua alimentação porque aos 25 anos teve uma inflamação nos rins e passou *“um ano sem comer comida de sal e gordura (...) tomando remédio meu rim desinflamou tudo [mas] depois eu acostumei com comida com pouco sal”*. Como só faz uso

de dentadura na arcada superior, diz que tem dificuldade para mastigar preferindo *“comida mais rala que seca”*. Queixa-se da perda do olfato, paladar e apetite o que atribui à idade *“porque o pessoal vai ficando mais véio, vai comendo mais pouco, né?”*. Contudo, possui peso elevado para sua altura e idade.

No passado, gostava de freqüentar os bailes da comunidade; revela que foi em um desses bailes que conheceu seu marido. Hoje, Dona Lirinha é também uma Vicentina, isto é, membro da Conferência de São Vicente de Paula, e normalmente participa dos eventos que a mesma promove, quando não participa é somente por motivo de saúde.

*

* *

Senhor José Alves Ladeira (Seu Juquinha), 77 anos, nasceu no dia nove de agosto de 1933. Casado, vive com a esposa, dona Dica, e dois filhos, uma moça e dois rapazes. Tem ainda mais dois filhos casados que construíram suas casa no mesmo terreiro. Os filhos casados trabalham a meia nas terras do seu Juquinha mas também costumam trabalhar *“a meia”* nas terras dos vizinhos; os solteiros trabalham *“a meia”* ou ganhando o dia nas terras “do zoutro” e com o pai trabalham sem receber salário, apenas cooperando. O convívio com os filhos é diário.

Mora em uma casa de fachada branca com janelas e portas verdes, em cujo interior há três quartos pequenos com poucos móveis, no quarto da moça, além da cama e guarda roupa, há um aparelho de televisão preto e branco, Ali, a família, normalmente de noite reúne-se para assistir às novelas. É costume também alguns vizinhos se juntarem a eles nesses momentos. Na sala há um sofá, uma mesa sobre a qual fica o toca disco, e alguns retratos dos filhos e do casamento na parede. O banheiro possui um vaso, uma pia, e o chuveiro é uma adaptação de um balde de lata pendurado no teto com uma torneira na parte de baixo, na hora do banho, enche-se o balde com água esquentada no fogão a lenha. Na cozinha, o maior cômodo da casa, além do fogão a lenha, tem um fogão a gás, presente de uma cunhada, mas pouco utilizado, de acordo com dona Dica, sua esposa, um pequeno armário e um banco comprido que,

embaixo, guarda a lenha. Existe ainda um pequeno cômodo adjacente à cozinha e que funciona como uma despensa para guardar os mantimentos.

Na área externa, no fundo do quintal, há uma horta com algumas variedades de legumes e ervas medicinais (couve, alface, chuchu, hortelã entre outras). Mais abaixo fica o moinho d'água, onde é preparado o fubá. Antigamente, o café também era moído na casa; hoje só é torrado. Na hora de moer levam-no a cidade (Teixeira). Em uma das laterais da casa está o paiol, conjugado com uma segunda “cozinha” com outro fogão a lenha e um banco, usada com mais frequência aos fins de semana e dia de festas. Na lateral, oposto ao paiol, há uma área coberta, onde fica a “*picadeira de capim*”, que tritura o capim para alimentar as criações. Em frente e ao redor, mas um pouco mais distante da casa, as plantações de milho, feijão e café.

Nas suas terras também esta construindo um campo de futebol e uma cabana onde a família pretende, aos fins de semana, vender cerveja, refrigerante etc., e promover partidas de futebol. Para construir esse campo recebe auxílio de um político local que mandou o trator para corta a nivelar a terra e durante o período das entrevistas, a grama estava sendo plantada.

Seu Juquinha nasceu e foi criado em Córrego Fundo. No início do casamento vivia com a esposa em uma casa vizinha à do pai em outra grotá, e possuía “*meio alqueire de terra*” que a esposa havia herdado, durante um período de quatro anos “*arrendou*” as terras do próprio pai para criar “*10 garrotinhos*”. Quando “*os boi cresceu*”, com o dinheiro da venda comprou o terreno maior que hoje vive e cultiva com os filhos “*a meia*”. Segundo depoimento de dona Dica, a esposa seu Juquinha é muito ativo.

“Ele num pára não, uma hora tá capinando, outra hora tá passeando, outra hora vai pra uma vendinha que tem perto de casa de vez, outra hora tá lá pra baixo mexendo com rede de moinho, rede da água da bica lá, ele num pára não.”

Além da renda da lavoura, seu Juquinha sobrevive com a aposentadoria que recebe faz sete anos. Não se queixa de nenhum problema de saúde, mas sente dor “*nas cadeiras*” quando vai trabalhar na lavoura, o que atribui à idade. Não faz uso de nenhum tipo de medicamento e não tem o hábito de consultar o médico, afirma com orgulho: “*o médico nunca fui, num conheço o quê que é médico... pode dizer que eu nunca tomei remédio... eu tomo um chá aí, um macaezinho e pronto.*” Embora possua a arcada dentária

visivelmente danificada, e o peso abaixo para a sua estatura, afirma que come “*de tudo*”.

*

* *

Dona Luzia Gomes Milagres (Dona Luzia), 61 anos, casada, nasceu na Pedreira, grota da região onde vive hoje o irmão, “*cumpadre Zezé*” e mora no Morro da Vela com o marido, Seu Carlito, e dois dos nove filhos, “*uma menina* (na verdade uma moça) e *um rapaz*”, o restante dos filhos vivem nas comunidades vizinhas e um em São Paulo.

Na casa onde vive, a fachada aparenta ser de uma casa abandonada, de tijolo à vista, sem reboco e pintura, em frente, somente um pátio de terra seca e vermelha. Atrás fica a roça onde o marido planta “*um pouquinho de feijão*” e um “*pouquinho de milho*”, cria “*duas cabeças*”, e mantém uma pequena horta contendo “*uma couve, dois pé de alface, uns pé de manga, pé de pocã e laranja*”. No interior há três quartos pequenos, uma cozinha grande com fogão a lenha, uma grande mesa de madeira, e próximo à janela fica o antigo pilão de socar arroz, hoje em desuso. A iluminação é à base de querosene.

Dona Luzia não adquiriu a aposentadoria apesar de estar “*pelejando faz uns cinco anos*”. Nascida e criada na região, “*desde pequenininha trabalhava na roça*”, nas terras do pai, depois que se casou além de continuar a trabalhar na roça, fazia o serviço doméstico, que incluía as atividades internas de arrumação da casa, cozinhar para “*os trabalhador*” que o marido contratava para ajudar no serviço da lavoura, e cuidar dos filhos; e atividades externas como, o cuidado com a pequena criação: porcos e aves. Atualmente ainda trabalha nessas atividades, mas agora justifica que “*mais parada*” por problemas de saúde, “*tô com dor nas pernas, dor nas cadeiras*” e tem “*problema de depressão também*”. Faz uso de remédio diariamente e consulta no posto de saúde municipal.

Dona Luzia não possui o hábito de sair de casa e ressen-te-se da ausência dos filhos “*eu sou muito boba, minha cabeça é muito fraca, minha cabeça é muito fraca, eu acho que se tivesse perto era melhor, né?*”.

*

* *

Senhor Oscar Milagres (Seu Carlito), 64 anos, esposo da Dona Luzia Milagres. Também nasceu e foi criado na região, sempre trabalhando na roça, primeiro na terra do pai, depois na sua, após ter recebido do *primeiro* “*quatro alqueires e meio*” de terra.

Sem ter condições para pagar trabalhador e não *“güentando trabalhar, tenho problema de coluna, de joelho, uma porção de coisa”*, na opinião do seu Carlito a sua *“salvação”* foi ter conseguido aposentar há cerca de três anos *“se num aposento, tava num mato sem cachorro”*. Queixa-se da falta de mão-de-obra hoje, para trabalhar na lavoura, e julga que embora o trabalho antigamente fosse mais pesado, havia mais solidariedade entre os moradores da região.

Mesmo sentindo dores de coluna constantemente, não faz uso de remédio diariamente e raramente consulta o médico no posto de saúde municipal. Em relação à alimentação, estranha as mudanças de *“costumes”*.

“A situação de primeiro era fácil o alimento, porque o seguinte, todo mundo comia uma broa, comia um cuscuz, uma farinha torrada na panela. E hoje? Faz cuscuz, num come porque arranha a garganta, uma broa, num pode comer porque arranha a garganta, uma farinha num pode comer porque faz mal. Então tem que ser um pão, tem que ser um bolo.”

E quando indagado sobre o porque desta mudança explica

“Dá pra você entender? Num dá. Porque hoje é o seguinte, ela [a esposa] sabe fazer, os netos num come. Então aqueles netos num vão aprender a fazer, porque num come, e por aí vai indo. Então vai acabando, vai acabando a broa, vai acabando a farinha, vai acabando o cuscuz. Eles num vão aprender a fazer e num vai saber nem o que é depois”.

*

* *

Dona Filomena Araújo Caetano (dona Filomena), 89 anos, é viúva, mãe de seis filhos, dos quais, três faleceram. Um filho mora em Viçosa, o outro em São Miguel, e a filha, dona Mariinha, vive com ela. A casa onde vivem situa-se em uma área bastante isolada, o caminho é difícil, a estrada é estreita e em alguns trechos o matou cobriu completamente. A casa foi construída em

um pequeno terreno de que tomou posse ⁵². Na área externa, possui na parte da frente apenas *“uns pezinho de milho, uns pezinho de feijão”*, uma mangueira, uma jabuticabeira, e um pé de tangerina. Atrás da casa fica também um pequeno cômodo coberto que protege a fossa, no interior há uma pequena elevação de barro imitando a abertura de um vaso sanitário para a pessoa se apoiar na hora de fazer suas necessidades.

A casa tem quatro cômodos pequenos, dois quartos mobiliados com as camas; uma sala onde ficam duas cadeiras, uma mesinha no canto e um banco de madeira. Na parede, um retrato e dois panos negros simbolizando luto; na cozinha há um fogão a gás e um fogão a lenha, nesse último é preparada a comida diariamente, as panelas de ferro estão penduradas na parede e algumas dispostas em uma prateleira de madeira que também guarda os mantimentos. As paredes da casa são de barro, e o piso de terra batida. A casa é muito escura, mesmo quando é dia, e à noite, é iluminada com a luz de querosene e vela.

Dona Filomena nasceu no município de Araponga e aos 11 anos de idade foi para Córrego Fungo com o pai, de onde nunca mais saiu. Durante toda a sua vida trabalhou na lavoura sem ter conhecido *“outro serviço, era só lavoura mesmo”*. Como nunca possuiu terras, sempre *“trabalhou pro zoutro”* ganhando o dia. Era essa a única forma de garantir *“o de comê”* para ela e para os filhos. Como havia períodos em que num tinha serviço, dona Filomena lembra que passou

“muito male nesse mundo, ih... com menino pequetito assim, eu dava uma faca pra eles enterti cavucando o chão assim, pra ver se esquecia de comer, cavucava, cavucava, 'mãe me dá de comê', e num tinha nada. Chorava, chorava, mas pra quê? Num tem recurso”.

Hoje dona Filomena se mantém com o dinheiro da aposentadoria que recebe há 23 anos. Não trabalha mais na lavoura porque está *“véia, num tenho saúde e a coragem de quando tava nova.”* É por causa da velhice também que se alimenta pouco, diz que *“já num tem palpite de comer... acabou tudo”*.

⁵² Segundo dona Filomena o terreno seria do marido da filha, dona Mariinha, mas que foi literalmente tomado, isto é, sem passar a escritura, por um senhor que alegava ter direito às terras porque o esposo de dona Mariinha lhe devia “100 contos”. A contragosto deste senhor e sob a orientação de um advogado as duas viúvas, dona Filomena e dona Mariinha, permaneceram em uma pequena parte do terreno onde construíram a casa, sem contudo ter o conflito da terra legalmente solucionado.

Com a aposentadoria no valor de 150 reais é que compra os mantimentos e os remédios que toma diariamente. Dona Filomena, além do problema com a pressão, sofre também de outros problemas de saúde: *“é confusão de todo jeito” e questiona que além da velhice que “incomoda demais, o corpo ainda é doente, como é que fica?”*

*

* *

Dona Maria das Dores (Dona Mariinha), 63 anos, viúva. Mãe de uma filha casada que vive com a família em São Paulo, mora, com a mãe, dona Filomena, na Grota do Deveras.

Nascida e criada na região, seguiu os pais trabalhando na lavoura nas terras do “*zoutro*”, vendendo o dia, depois do casamento deixou de trabalhar na lavoura, cuidava somente do serviço doméstico. Quando o marido faleceu, tinha 29 anos, e voltou a trabalhar na lavoura “*pro zoutro*”, pois o marido não lhe deixou herança. Assim como a sua mãe muitas vezes, passava “*dois, três dias, sem nada* [para comer]”, nos períodos em que “*num tinha serviço para trabalhar ia dormi com o beijo russinho e nada.*”

Conseguiu receber a pensão após a morte do marido, há 20 anos atrás, e é com essa fonte de renda que hoje sobrevive. Pois não consegue trabalhar mais conforme justifica “*sou doente. Sofro de diabete, colesterol, soffro disso e aquilo, uma porção de coisa que eu tenho, coluna, minhas pernas, meus braços, tudo ruim, num enxergo direito*”. Toma remédio com frequência e, normalmente, mais de um, muitas vezes o dinheiro não é suficiente para pagar a despesa da comida e os medicamentos. Quando isso acontece “*fica sem comprar* (a comida)”, conclui resignada. Raramente sai de casa, e quando sai é para ir ao banco, comprar mantimento ou consultar no posto de saúde municipal.

*

* *

Senhora Maria Aparecida Donato de Lama (Dona Fia), 70 anos, nasceu no dia 21 de junho de 1930, é esposa do seu Zé Tatão, com quem vive na Pedreira, conforme descrito acima.

Nasceu e foi criada nas Posses, uma comunidade vizinha. Antes de se casar trabalhava com o pai na lavoura de arroz e de café, fazia a “*arrumação*” da casa, lavava louça, levava comida pra trabalhador na roça e também cozinhava porque a mãe tinha problemas de saúde, no seu tempo afirma, “*era aquela luta*”. Depois que casou cuidava da casa, dos filhos e ainda trabalhava na roça. Quando seu Zé Tatão foi para São Paulo, cuidou sozinha de tudo. Recorda-se que havia

“dia de semana num tinha prazo não. Que eles era muito, ainda tinha que cozinhar, aí dia de Domingo eles ia deita eu ficava lá na máquina de mão remendando roupa, as vezes eu passava linha até...”, todos iam dormir e ela ficava remendando roupa... a gente passava uma vida bem triste boba”.

Hoje Dona Fia faz somente o serviço da casa: arrumar, cozinhar, lavar roupa e tratar das criação (galinha, porco).Recebe aposentadoria faz oito anos. Consulta com freqüência no posto de saúde municipal de Viçosa. Há um ano fez tratamento para curar um quadro de gastrite. Dona Fia queixa-se também de problemas nos rins, dor no corpo, dor nas juntas, “*dor nos ossos*”, *calor no corpo, e dor na cabeça*”, de acordo com seu Zé Tatão a causa de todo mal estar de dona Fia é “uma só, *ela num tá compreendendo, ela num* compreende ainda que isso é doença de véio”.

Automedica-se tomando com freqüência remédio para baixar a pressão, segundo dona Fia “*a enfermeira falou que se usar pra pressão alta na minha idade num perde, aí eu vejo que ela sobe em mim, tá por dentro...*”. Toma também antidepressivo, este último afirma que o médico recomendou que ela usasse “*muito tempo*” então sempre que se lembra toma; comprou outro “*lote novo*” do mesmo remédio para que possa continuar tomando “*direto*”.

Embora reclame que possui o intestino ressecado e o colesterol alto, não “*guarda dieta... às vezes eles [os médicos] falam que faz mal mas eu tô comendo*.” Contudo afirma que hoje o apetite é menor “*quando era mais nova comia dois pratos bom mesmo, agora se eu agradá, ainda ponho mais ou menos um pouquinho, mas se eu num tiver agradando, ponho um pouquinho lá no fundo dele [o prato], como pra num passar sem a comida*.”

Dona Fia não possui o hábito de sair de casa, e concorda com seu Zé Tatão, quando diz que a vida no local hoje é mais triste e isolada

“(...) hoje já mudou, porque quase ninguém vai na casa de ninguém, mais por causa da televisão, né? Aqui em casa tem, as meninas trouxe de São Paulo. Mas fora disso, aqui todo mundo tem, tem uma casa aqui que num tem, só na casa da Maria que num tem, mas quase toda casa tem. Ai fica tudo quietinho na sua casa né? Ninguém passeia não. A família também some, fica tudo quietinho na sua casa, ocê dá saudade, eles num vêm, vai pra lá. Hoje quando aparece aí eu falo assim com eles, ‘vai chover, né?’ era muito mais alegre; agora não a noite ocê escuta grilo grita só, e pronto. Num tem ninguém. Antes era escuro mais a casa era cheia de gente, ria, contava caso, brincava aí, eles de noite, vinha passear, vinha as mulher com as crianças, ficava aquela farra aí, aquela zuerada.”.

*

* *

Dona Jacira Josina da Silva Reis (dona Jacira), 69 anos, nasceu no dia 11 de março de 1931. Nasceu e viveu até tornar-se moça, no povoado das Posses, um povoado bem próximo. Depois, os pais mudaram-se para Córrego Fundo, onde conheceu seu Niquinho, casou-se, teve e criou seus sete filhos e vive até hoje.

Dona Jacira, até se casar, trabalhava nas roças do pai e ajudava a mãe no serviço da casa; depois que se casou, plantava “a meia” com o marido e quando este ia “trabalhar fora”, cuidava de tudo sozinha: da roça, dos filhos, e da casa. Na lavoura, trabalhou até os 60 anos, daí em diante parou porque:

“a pessoa de idade... o corpo cansado num güenta muito serviço... E também já tá de idade, a situação parece que melhora mais um pouquinho, né? fica mais fácil, mais, é mais fácil porque a gente paga trabalhador quando tá muito apertado de serviço, pega e paga pra ajudar, né?”

Isto em função, principalmente, da aposentadoria que recebe há oito anos porque, de acordo com dona Jacira, “no tempo mais antigo”, se as pessoas com mais idade quisessem comer “era por conta do braço, né?”.

Dona Jacira acha que já “num tá bem com muita saúde não” por causa do problema de pressão, dores no braço e dores no corpo, sintetiza: “já tô meio perrengue.” Toma remédio para pressão diariamente, mas quando sente algum outro tipo de mal-estar, costuma primeiro saná-lo tomando um chá, e se justifica: “mais ou menos eu sei que tipo de chá é bom. Também tinha o costume de se benzer, o pai era benzedor, possuía o “dom de nascimento” e costumava benzer as pessoas na região sem cobrar nada, porque “a palavra de Deus”, explica: “ninguém cobra”.

Dona Jacira não tem o hábito de sair de Córrego Fundo, normalmente, sai somente pra ir ao banco receber a aposentadoria ou consultar no posto de saúde municipal, mas participa das reuniões, encontros de reza, missa e festas promovidos na igreja local.

APÊNDICE B

ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Introdução

- I. Quanto tempo faz que o(a) senhor(a) mora aqui?
- II. O(A) senhor(a) tem conhecimento de como Córrego Fundo foi fundada? Como começou? Já ouviu falar algo a respeito?
- III. Poderia me explicar como foi que o(a) senhor(a) ou seus antecedentes vieram morar aqui em Córrego fundo e porque?
- IV. Quais são as cidades mais próximas de Córrego Fundo?
- V. Como era o acesso até estas cidades antigamente? E hoje?

Condição econômica da família

- I. O(A) senhor(a) é proprietário(a)? Quantos alqueires/hectares/litros? É comprado, herdado ou posse?
- II. De onde provem o sustento da família hoje? Quantas pessoas contribuem? E como contribuem?
- III. O(A) senhor(a) recebe aposentadoria?
- IV. Normalmente a aposentadoria é gasta com o quê?

Dados de produção

- I. O que é plantado aqui? Porque? O que planta é pra consumo ou comércio? Sempre foi assim?
- II. Quem faz o trabalho da lavoura? Homens? mulheres? Crianças? Velhos? Adultos? Sempre foi assim?
- III. O trabalho da lavoura é tocado somente pela família, em parceria, ou paga trabalhador? Como é feito?
- IV. O trabalho na roça exigia o que do indivíduo? Que tipo de habilidade e conhecimento?
- V. Quais as técnicas de cultivo? Como é preparada a terra para o plantio (limpeza, fertilização, tipo de máquina) Sempre foi assim?
- VI. Há uma horta? O que tem nessa horta? Sempre foi assim?
- VII. Há um pomar? O que tem nesse pomar? Sempre foi assim?
- VIII. Há criação? O que cria? O que cria era pra consumo ou comércio? Sempre foi assim?

Saúde/doença

- I. Na opinião do(a) senhor(a) o que é ter saúde? As pessoas de antigamente tinham saúde? Para ter saúde a pessoa precisa de quê? O(A) senhor(a) se sente com saúde? Por quê?
- II. Para o(a) senhor(a) o que é uma pessoa doente?
- III. Quando os seus pais eram mais velhos viviam com quem?
- IV. O(A) senhor(a) acha que envelheceu? Por quê?

Alimentação

- I. Como é a alimentação da família? Quantas refeições são feitas? Quais? Sempre foi assim?
- II. O que é costume comer no dia-a-dia? Sempre foi assim?
- III. Como são adquiridos os alimentos? Compra? Produz? Troca? Sempre foi assim?
- IV. Onde normalmente são feitas as refeições? Sempre foi assim?
- V. Todos da família comem juntos? Sempre foi assim?
- VI. Eu pude observar pela casas da região a presença de equipamentos como engenhos, moinhos, tachos para limpar o arroz. Esses equipamentos são utilizados?

- VII. Existe algum tipo de comida que não costuma comer? Porque? Sempre foi assim?
- VIII. Existe algum sintoma/mal-estar que o senhor(a) acredita seja que a causado por determinado alimento? Qual?

Sociabilidade

- I. Costuma sair de casa? Para quê?
- II. Há alguns tipos de eventos aqui em Córrego Fundo como bailes, festas, encontros comunitários. Como o(a) senhor(a) costuma participar? Por quê? Sempre foi assim?
- III. Os filhos moram por aqui? Por quê? Qual a opinião de vocês com relação a esta escolha?

APÊNDICE C

RECEITAS

Gambá suado

“Azeitava na panela uma concha de gordura numa caçarola, aí é água em cima, deitava o fubá e deixava cozinhar, uns dois ovos em cima. Eu comia demais, é isso. Hoje num uso isso mais não”.

Mingau doce

“Ocê faz um mingau do angu, aí depois ocê deixa ferver um pouco, e tampa ele e deixa cozinhar um pouco. Depois ocê joga mais um pouquinho de fubá e vai batendo nele, aí despeja numa vasilha e deixa esparrodá, aí ocê vai partindo o pedaço assim a hora que ele esfria.”

Cuscuz

“Aquele que é cuscuz legítimo, a gente fura aquelas cabaças, faz aquelas cuia, forra com paia assim, pro ar subir e depois cozinhar o fubá, no bafo da água fervendo. E agora, depois de bem cozidinho, depois afoga com a gordura mesmo, pra ele acabá de cozinhar. Aí ele fica mais bem cozido. Aqui embaixo tinha uma muié, que tinha um caldeirão desse tamanho, ele molhava cinco litros de fubá, aquele panelão ficava lá fervendo água, ela ia molhando, esfregando, esfregando. Com um pouco mais, ela pegava aquela mãozão e

punha lá dentro, e barreava a cuscuzeira tudo a volta assim, lenhava dois toro de lenha de barro de panela, o trem tava fumegando, com um pouco mais ela vinha com o prato e abafava. Ô menina, quando tirava aquilo, que gosto de queijo curadinho, Nossa Senhora!!!, mas o trem ficava gostoso...”

Cubu

“O cubu é feito no forno, a rapadura é raspada, faz a pasta de ovo, põe sal, põe bastante tempero, e ocê roda ele igual a um angu cru, assim, dentro de uma gamela, aí ocê vai rodando ele até panhá ponto de assar, se o forno tiver quente, ocê vai enche um recipiente véio, umas latinha. Muita gente manda até fazer aquelas formas. Agora ocê vai pondo lá debaixo, ocê vem com um tampa, e tampa certinho, deixa ele cozinhando, hum...”

Broa de milho

“(...) a broa tem farinha de trigo, porque costuma que ocê põe uma medida, e o cubu, ele é feito só mesmo com a rapadura, um pouco de sal, mais o fubá, até o fubá inchá. Agora, se for fazê medido, a fubarina, pó Royal, ovo, e o trigo, mas o fubá ocê põe uma parte só, mas fica um bolo que ninguém fala que é broa não. Mais o trem fica gostoso. Fica com um sabor, uma coisa delícia. E quando ocê tem bastante erva doce, ocê põe ela num papel, na chapa assim, pra ela torrâ, depois ocê esfrega e joga na massa, e torna batê outra vez, hum... mais o trem fica bom demais.”

APÊNDICE D

Tabela 1D - Avaliação do Índice de Massa Corporal (IMC) dos idosos residentes na comunidade de Córrego Fundo, Viçosa, MG, em julho de 2001

Nome	Idade	IMC*	Classificação**
Luzia G. Milagres	61	26,22	Eutrófico
Oscar Milagres	64	21,21	Baixo peso
Maria A. Silva	79	22,4	Eutrófico
Belizena R. Jesus	86	***	***
José Soares Fialho	62	19,59	Baixo peso
José Alves Ladeira	77	18,78	Baixo peso
Filomena A. Caetano	89	***	***
Maria D. Andrade	63	22,86	Eutrófico
Daria M. Teodoro	60	31,92	Sobrepeso
Romualdo L. Almeida	88	***	***
Luiz A. de Araújo	67	21,23	Baixo peso
Maria N. Timóteo	67	16,60	Baixo peso
José Gomes da Silva	73	21,37	Baixo peso
Maria A.D. Lama	70	29,68	Sobrepeso
Manoel C. Reis	68	19,35	Baixo peso
Jacira J. Silva Reis	69	27,33	Sobrepeso

* O IMC é um indicador do estado nutricional que relaciona os parâmetros antropométricos peso e a altura. de acordo com a seguinte fórmula: $IMC = p/h^2$.

** Eutrófico: indivíduos com pesos apropriados altura. Baixo peso: indivíduos com o peso aquém para a altura. Sobrepeso: indivíduos com peso acima do esperado para altura.

*** Dados não mensurados devido a ausência de recursos apropriados no local para a avaliação de indivíduos muito idosos que apresentam acentuada alterações posturais.

